

# TRAVESSIA



**CEM**  
CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS

revista do migrante **97**

Publicação do CEM - Ano XXXVI, Nº 97 - Maio - Setembro/2023



## DOSSIÊ " VENEZUELANOS "

**Waraos**

**Casa do Migrante**

**Xenofobia**

**Mulheres**

**Políticas públicas**

**Mendicância**

**Egressos guineenses**

**Fronteira**

**História de vida**

**Brasileiros em Londres**

**Comércio**

**Música**

## **TRAVESSIA - Revista do Migrante**

Publicação do CEM - Centro de Estudos Migratórios (Federação Internacional dos CEMs J. B. Scalabrini), de natureza interdisciplinar, que visa contribuir para o intercâmbio entre a ampla e diversificada produção do conhecimento e aqueles que atuam em movimentos sociais e pastorais junto aos migrantes.

### **Diretor do CEM**

Paolo Parise

### **Editor Chefe**

José Carlos Pereira - CEM/MISSÃO PAZ

### **CONSELHO CIENTÍFICO**

Alfredo José Gonçalves (Pia Soc. dos Miss. de S. Carlos/Scalabrinianos),  
Carlos Bernardo Vainer (IPPUR/UFRJ), Dulce Maria Tourinho Baptista (PUC/SP),  
Francisco Nunes (Casper Líbero), Giralda Seyferth (Museu Nacional/PPGAS/UFRJ)  
José Jorge Gebara (UNESP), Lelio Alberto Mármora (Universidad de Buenos Aires),  
Lorenzo Prencipe (CSER/Roma), Marcia Anita Sprandel (ABA e CEMI/Unicamp),  
Maria Aparecida de Moraes Silva (UFSCar), Oswaldo Mário Serra Truzzi (UFSCar),  
Sidney Antonio da Silva (UFAM), Heinz Dieter Heidemann (USP),  
Mariagrazia Santagati (Università Cattolica – MILANO)

### **COMITÊ EDITORIAL**

Ana Carolina Gonçalves de Leite (UFES), Ana Cristina Arantes Nasser (USP),  
Carlos Freire Silva (USP), Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira (UNESP-Rio Claro),  
Derek Pardue (Aarhus University, Denmark), Érika Pires Ramos (USP),  
Fernando Antonio Lourenço (CERES/IFCH/Unicamp), Gustavo Dias (UNIMONTES),  
Helion Póvoa Neto (NIEM e IPPUR/UFRJ), Léa Francesconi (USP),  
Luis Felipe Aires Magalhães (PUC-SP), Margarida Maria de Andrade (USP),  
Marilda Aparecida de Menezes (UFABC), Neusa de Fátima Mariano (UFSCAR),  
Odair da Cruz Paiva (UNIFESP), Patrícia Villen (UNICAMP),  
Rosana Baeninger (Nepo/IFCH/Unicamp), Rosemeire Salata (UNESP/CAR),  
Sidnei Marco Dornelas, cs (CEMLA), Tatiana Waldman (Museu da Imigração),  
Valéria Barbosa de Magalhães (EACH/USP), Verônica Pessoa (UFCG)

### **COLABORADORES**

Yara Sílvia Tucunduva, Dirce Trevisi P. Novaes (PUC-SP)

### **EDITORA DE LEIAUTE**

Renata Peres (UAM)  
Raquel Peres (UNIP)

### **CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS**

Rua Glicério, 225 - Bairro Liberdade  
01514-000 - São Paulo / SP - Brasil  
Fone: (11) 3340-6952

[travessia@missaospaz.org](mailto:travessia@missaospaz.org)  
[cem@missaospaz.org](mailto:cem@missaospaz.org)  
[www.missaospaz.org](http://www.missaospaz.org)

Capa - Sergio Ricciuto Conte  
[sergioricciuto@gmail.com](mailto:sergioricciuto@gmail.com)  
[www.sergioricciutoconte.com.br](http://www.sergioricciutoconte.com.br)

*É na literatura brasileira, mais do que nas Ciências Sociais, que essa dimensão sociológica fundamental aparece de modo nítido. Macunaíma, personagem de Mário de Andrade, é o herói sem nenhum caráter, o indefinido, o híbrido. Mas é em Guimarães Rosa que esse traço fundante da história social do país e da cultura brasileira está posto do modo mais belo e mais claro: a travessia. É na travessia, na passagem, no inacabado e no inconcluso, no permanentemente incompleto, no atravessar sem chegar, que está presente o nosso modo de ser – nos perigos do indefinido e da liminaridade, por isso viver é perigoso. Esta é uma sociedade fraturada entre o fasto e o nefasto, que se necessitam dialeticamente, o rio que divide nossa alma e nossa consciência, nossa compreensão sempre insuficiente do que somos e do que não somos e queremos ser. E mais que tudo, é nessa ideia de uma consciência literária dos duplos, das formas do falso, dos avessos, do descolamento entre forma e conteúdo, expressão do inacabado e inacabável, que está também posto o nosso justo medo da travessia, nossa condição de vítimas, mais do que de beneficiários, da modernidade (MARTINS, 2012, p.22)*

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples:** cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Contexto, 2012.



# SUMÁRIO

Apresentação – “Um rio sem margens é o ideal do peixe” ..... 05  
*José Carlos Pereira*

Presentation - A river without margins is the fish's ideal..... 09  
*José Carlos Pereira*

## DOSSIÊ “VENEZUELANOS”

As políticas públicas para imigrantes no estado de Roraima: um  
olhar para o município de Pacaraima/RR ..... 13  
*Izabel Cristina d'Avila Sampaio*  
*Paulo Roberto dos Santos*  
*Sandra Milena Palomino Ortiz*

El uso de la lengua española en nombres de establecimientos  
comerciales de Boa Vista-RR ..... 35  
*Kaene Keitiane Singh do Nascimento*  
*Sandra Milena Palomino Ortiz*

A mulher Warao em contexto migratório na cidade de Boa Vista-  
RR: o “trabalho” da mendicância ..... 55  
*Sandra Milena Palomino Ortiz*

O drama da família Gonzales – um ensaio sobre vulnerabilidades  
do migrar ..... 75  
*Ilustrações: Luisa Albino Almeida*  
*Enredo: Cristiano Rodineli de Almeida*

## ARTIGOS

História de vida de uma forrozeira ..... 87  
*Diego Corrêa de Araujo*

A memória familiar dos albergados da Casa do Migrante ..... 97  
*Sidnei Marco Dornelas*

Os caminhos pós- formação universitária: os desafios dos egressos guineenses ..... 123

*Jacira Nhaga*

*Carla Craice da Silva*

Imaginar Londres nas decisões dos migrantes brasileiros de classe média: cosmopolitismo, multiculturalismo e o papel da imaginação geográfica ..... 145

*Daniel Robins*

## CRÔNICA

Traslado de volta - (Movido pela história de María Asunción A. N.) ..... 169

*Paulo Mortari*

# Apresentação – “um rio sem margens é o ideal do peixe”

*José Carlos Pereira*

A presente edição traz um dossiê sobre imigrantes venezuelanos em Roraima, Norte do Brasil, e artigos que discutem questões como cultura, trabalho, educação, acolhimento, imaginação geográfica, identidade e sentimento de pertença nas travessias migratórias.

O dossiê conta com quatro artigos: *As políticas públicas para imigrantes no estado de Roraima: um olhar para o município de Pacaraima/RR*; *El uso de la lengua española en nombres de establecimientos comerciales de Boa Vista-RR*; *A mulher Warao em contexto migratório na cidade de Boa Vista-RR: o “trabalho” da mendicância*; *O drama da família Gonzales - um ensaio sobre vulnerabilidades do migrar*. Estes trabalhos abordam processos de inserção dos imigrantes venezuelanos em Pacaraima e Boa Vista a partir da mesclagem entre a língua portuguesa e a língua espanhola para nominar estabelecimentos comerciais e de serviços como uma forma de atrair clientes de diversas nacionalidades, sobretudo a brasileira e a venezuelana, mais presentes na região.

Se, por um lado, isso constitui uma estratégia para dinamizar o comércio e a economia locais, possibilitando melhores condições materiais de vida para os migrantes e os autóctones, por outro, também contribui para uma melhor interação entre eles, facilitando a inserção social dos migrantes no dia a dia, na vida política e cultural dessa região fronteira entre o Brasil e a Venezuela e facilitando aos brasileiros o acesso a serviços, mercadorias e práticas culturais disponibilizados por imigrantes. É interessante pensar e considerar a liberdade de uso e a resignificação da linguagem, em um contexto de relações comerciais em pequena escala, isto é, em um bairro ou mesmo em uma cidade, como instrumentos que informam a possibilidade de ações de acolhida, interculturalidade e inserção social.

Também é abordada a prática da mendicância por mulheres Warao como um “trabalho” de captação de recursos para a sua sobrevivência e a de seus familiares. Cabe destacar que a mendicância, especialmente no auge da pandemia de Covid-19, aumentou em todo o mundo, atingindo diversos grupos humanos em condições de vulnerabilidade social, especialmente migrantes e refugiados. No Brasil, ela atingiu migrantes nacionais e internacionais que

perderam seus empregos ou tiveram que fechar seus pequenos comércios. Sem renda para quitar despesas com aluguel de moradia, muitos deles passaram a viver em situação de rua e a depender de ações solidárias de pessoas e instituições para conseguir alimentos.

Imigrantes, que já estavam inseridos no mercado de trabalho, perderam seus empregos e tiveram que sair de casas alugadas onde moravam com suas famílias parentais e ou amigos, e voltaram para a condição de albergados ou se amontoaram em cortiços, quartos de pensões ou passaram a viver nas ruas da cidade. Tal situação implicou em um retrocesso no processo de acolhimento e inserção social de migrantes.

A gravidade dessas situações foi relativamente minorada pelo Auxílio Emergencial do governo federal, no valor de 600 reais; por ações espontâneas de solidariedade de pessoas em melhores condições sociais, empresas e instituições que doaram cestas básicas de alimentos, gás de cozinha, água potável, remédios, brinquedos e mesmo dinheiro a pessoas em situação de vulnerabilidade.

Contudo, houve migrantes internacionais que não conseguiram ou tiveram que esperar por mais tempo para acessar o Auxílio Emergencial devido a erros de digitação (nomes, números) em seus registros nacionais de imigrantes ou no CPF.

Tudo isso contribuiu para o aumento da vida em situação de rua e a mendicância que atingiu diversos grupos sociais, dentre eles os Warao, especialmente mulheres, caso estudado com maior profundidade no dossiê. No estudo, enfatiza-se uma divisão do “trabalho de mendicância” organizada por gênero, cabendo às mulheres a responsabilidade pela realização desta função. Para além de uma forma de organização do trabalho no núcleo familiar seria, também, uma expressão objetiva e subjetiva da feminização da pobreza?

O dossiê ainda apresenta um texto sobre a capacidade do governo local de desenhar e implementar políticas públicas para migrantes em Pacaraima, e, um ensaio especial sobre sonhos e vulnerabilidades das pessoas nos seus percursos migratórios. Essa temática é abordada através de uma história em quadrinhos de uma família de venezuelanos. Essa forma especial de narrar a história amplia as capacidades de interlocução com outros públicos, sobretudo adolescentes e jovens, para além daquele mais tradicional constituído de pesquisadores, gestores públicos, pastoralistas e militantes de movimentos populares diretamente interessados no tema.

Três artigos avulsos abordam as diferentes realidades de migrantes brasileiros dentro e fora do Brasil. *“A memória familiar dos albergados da Casa do Migrante”*; *“Imaginar Londres nas decisões dos migrantes brasileiros de classe média: cosmopolitismo, multiculturalismo e o papel da*



*imaginação geográfica*”; *“História de vida de uma forrozeira”* são textos que proporcionam a compreensão mais profunda sobre as histórias de vida, ainda que fragmentadas, de migrantes em um albergue, a antiga AVIM, hoje Casa do Migrante, na Missão Paz; a imaginação geográfica de imigrantes brasileiros de classe média, em Londres, e seus anseios cosmopolitas e multiculturais como molas propulsoras de sua emigração; a história de vida de uma mulher artista, Hermelinda, cantora e compositora que, através do forró, realizou uma itinerância, uma vivência e uma circularidade migratória pelo Brasil e por outros países, tendo a música como mola propulsora dessa migração.

Um quarto artigo versa sobre as possibilidades de inserção no mercado de trabalho de imigrantes guineenses egressos da universidade brasileira.

A crônica *“Traslado de volta - Movido pela história de María Asunción A. N.”*, de Paulo Mortari, fecha e, concomitantemente, reabre questões epistemológicas, metodológicas e sociais, esboçadas nessa edição. Tais questões nos convidam e nos desafiam a seguir de perto, a nos envolvermos com dinâmicas migratórias, objetivas, subjetivas, racionalizadas ou não, protagonizadas por migrantes nacionais e internacionais no caudaloso e ruidoso rio das representações e lutas sociais onde formatamos e reformatamos nossa existência.

As leis, políticas migratórias xenofóbicas, interesses econômicos, as regras de sobrevivência nesse rio (ou as suas margens), à esquerda ou à direita, umas menos outras mais, buscam impedir, cercar, imobilizar e, paradoxalmente, forçar a mobilidade de milhares de pessoas entre as fronteiras geográficas e existenciais da vida, estreitando as margens da sua dignidade humana e concentrando riqueza e poder.

No Norte global, a xenofobia e o racismo se materializam em margens que barram a correnteza do rio onde muitos migrantes procuram alcançar um porto seguro; no Sul global, perversos efeitos da colonização e do racismo, ainda inscritos no modo de vida e nos corpos de milhares de pessoas, a escassez de trabalho, os baixos salários, a procura por novos padrões de vida impulsionam a partida de milhares de pessoas que buscam romper barreiras que, se não lhes impedem, dificultam ao máximo a sua participação efetiva e de direito na riqueza socialmente produzida.

Nesse ponto, cabem umas palavras sobre a arte da capa dessa edição, elaborada por Sergio Ricciuto Conte, artista plástico e ilustrador. A parede figura barreiras, muros, gargalos, margem que estreita o rio gerando dificuldades aos migrantes para navegar, transitar, caminhar, entrar, passar, serem reconhecidos e acolhidos como pessoas de direitos. Mas, essa arte também propõe um paradoxo ao propor a parede como projeção de conflitos, resiliências, trajetórias, histórias. A sombra da mulher, nela projetada, buscando alcançar a ave arribada, remete a sonhos, liberdade, lutas, rupturas

e possibilidades de outras formas e condições de vida. O artigo “O drama da família Gonzales”, em formato de quadrinhos, e “A história de vida de uma forrozeira” sintetizam o paradoxo que (re)produz a imobilidade e a migração. Em razão de interesses econômicos, políticos, étnicos e raciais, o migrante é impedido de entrar, passar, ser acolhido e expressar sua alteridade. Mas, concomitantemente, dele se necessita para realizar trabalhos (quase sempre sujos, pesados e mal pagos), dinamizar a economia, enriquecer a cultura e mover a roda da história.

De Pacaraima a Londres, de Guiné Bissau a Venezuela, do Nordeste ao centro do mundo, seja por instinto de sobrevivência, por estilo de vida ou por consciência histórica de sua condição sociocultural na busca por dignidade ou nas travessias da vida, os migrantes, política e profeticamente, seguem denunciando, rompendo fronteiras e desafiando a gramática social que produz e multiplica as cadeias que cerceiam sua liberdade de ficar, partir e circular. Pois, como diria Guimarães Rosa, citando seu colega escritor, André Marois, “um rio sem margens é o ideal do peixe”.

# Presentation - A river without margins is the fish's ideal

*José Carlos Pereira*

This edition features a dossier on Venezuelan immigrants in Roraima, North of Brazil, and articles that discuss issues such as culture, work, education, reception, geographic imagination, identity and sense of belonging at migratory crossings.

The dossier has four articles: “Public policies for immigrants in the state of Roraima: a look at the municipality of Pacaraima/RR”; “The use of the Spanish language in names of commercial establishments in Boa Vista-RR”; “The Warao woman in a migratory context in the city of Boa Vista-RR: the “work” of begging”; and “The drama of the Gonzales family – an essay on the vulnerabilities of migrating”. These texts address the processes of insertion of Venezuelan immigrants in Pacaraima and Boa Vista based on the mix between the Portuguese language and the Spanish language to name commercial and service establishments as a way of attracting clientes of different nationalities, especially Brazilian and Venezuelan, most present in the region.

If, on the one hand, this constitutes a strategy to boost the local economy, enabling better material living conditions for migrants and natives, on the other, it also contributes to improve the interaction between them, facilitating the social integration of migrants in their daily lives. day, in the political and cultural life of this border region between Brazil and Venezuela and facilitating Brazilians’ access to services, goods and cultural practices made available by immigrants. It is interesting to think and consider freedom of use and the redefinition of language, in a context of small-scale commercial relations, that is, in a neighborhood or even in a city, as instruments that inform the possibility of welcoming, interculturality and social insertion.

The practice of begging by Warao women as “work” to raise funds for their survival and that of their families is also discussed. It is worth noting that begging, especially at the height of the Covid-19 pandemic, increased throughout the world, affecting various human groups in conditions of social vulnerability, especially migrants and refugees. In Brazil, it affected domestic and international migrants who lost their jobs or had to close their small businesses. Without income to cover housing rental expenses, many of them began to live on the streets and depend on acts of solidarity from people and institutions to survive.

Immigrants who were already in the job market, lost their jobs and had to leave rented houses where they lived with their families and/or friends, and returned to sheltered conditions or crowded tenements, guesthouse rooms or started to live on the city streets. This situation resulted in a setback in the process of welcoming and social integration of migrants.

The severity of these situations was relatively alleviated by the Federal Government's Emergency Aid, worth R\$600 Brazilian *reais*; through spontaneous actions of solidarity by people in better social conditions, companies and institutions that donated food baskets, cooking gas, drinking water, medicine, toys and even money to people in vulnerable situations.

However, there were international migrants who were unable or had to wait longer to access this Emergency Aid due to typing errors (names, numbers) in their national immigrant records or CPF (national tax identification number).

All of this contributed to the increase in the number of people who began to live on the streets and the begging that affected several social groups, including the Warao, especially women, the case studied in the dossier. The study emphasizes a division of "begging work" organized by gender, with women being responsible for carrying out this role. In addition to being a way of organizing work within the family, would it also be an objective and subjective expression of the feminization of poverty?

The dossier also presents a text about the local government's capacity to design and implement public policies for migrants in Pacaraima, and a special essay on people's dreams and vulnerabilities on their migratory paths. This theme is addressed through a comic book about a Venezuelan family. This special way of telling the story expands the capacity for dialogue with other publics, especially teenagers and young people, beyond the more traditional public of researchers, public managers, pastoralists and activists of popular movements directly interested in the theme.

Three separate articles address the different realities of Brazilian migrants inside and outside Brazil. "The family memory of those sheltered at the Casa do Migrante"; "Imagining London in the decisions of middle-class Brazilian migrants: cosmopolitanism, multiculturalism and the role of geographic imagination"; "Life story of a *forrozeira*" are texts that provide a deeper understanding of the life stories, albeit fragmented, of migrants in a pastoral shelter, the then AVIM, now Casa do Migrante, in Missão Paz; the geographic imagination of middle-class Brazilian immigrants in London and their cosmopolitan and multicultural desires as driving forces behind their emigration; the life story of a woman artist, Hermelinda, singer and

composer who, through *forró* (a Brazilian traditional type of music), carried out an itinerancy, an experience and a migratory circularity through Brazil and other countries, with music as the impetus behind this migration.

A fourth article deals with the possibilities of insertion into the job market for Guinean immigrants who have graduated from Brazilian universities.

The chronicle “Translated back - Moved by the story of María Asunción A. N.”, by Paulo Mortari, closes and, concomitantly, reopens epistemological, methodological and social questions, outlined in this edition. These questions invite and challenge us to follow closely, to get involved with migratory, objective, subjective, rationalized or not dynamics, carried out by national and international migrants as their protagonists in the rapid and noisy river of representations and social struggles where we format and reformat our sociocultural existence.

The laws, xenophobic migratory policies, economic interests, the rules of survival on this river (or its margins), on the left or right, some less, others more, seek to prevent, surround, immobilize and, paradoxically, force the mobility of thousands of people between the geographical and existential borders of life, narrowing the margins of their human dignity.

In the global North, xenophobia and racism materialize on banks that block the current of the river where many migrants seek to reach a safe haven; In the global South, the perverse effects of colonization and racism, still inscribed in the way of life and in the bodies of thousands of people, the scarcity of work, the small salaries, the search for new standards of living, stimulate migration of thousands of people who seek to break barriers that may not even prevent them, but ones that do make it as difficult as possible for them to participate effectively in socially produced richness.

At this point, a few words are in order about the cover art of this edition, created by Sergio Ricciuto Conte, visual artist and illustrator. The wall features barriers, walls, bottlenecks, a bank that narrows the river, creating difficulties for migrants to navigate, transit, walk, enter, pass, and be recognized and welcomed as people with rights. However, this art also proposes a paradox by proposing the wall as a projection of conflicts, resilience, trajectories, stories. The shadow of the woman, projected onto it, seeking to reach the *arribada* bird, refers to dreams, freedom, struggles, ruptures and possibilities of other forms and conditions of life. The article “The drama of the Gonzales family”, in comic format, and “The life story of a *forrozeira*” summarize the paradox that (re)produces immobility and migration. Due to economic, political, ethnic and racial interests, migrants are prevented from entering, passing through, being welcomed and expressing their otherness. But, at the same time, it is needed to carry out work (almost always dirty, heavy and poorly paid), boost the economy, enrich culture and move the wheel of history.

From Pacaraima to London, from Guinea Bissau to Venezuela, from the Northeast to the center of the world, whether by survival instinct, lifestyle or historical conscience of their socio-cultural condition in the search for dignity or in life's journeys, the migrants, politically and prophetically, continue denouncing, breaking borders, challenging the social grammar that produces and multiplies the chains of their freedom and right to stay, move and immigrate. Because, as Guimarães Rosa would say, quoting his fellow writer, André Marois, "a river without margins is the fish's ideal".

# **As políticas públicas para imigrantes no estado de Roraima: um olhar para o município de Pacaraima/RR**

*Izabel Cristina d'Avila Sampaio  
Paulo Roberto dos Santos  
Sandra Milena Palomino Ortiz*

## **1 INTRODUÇÃO**

O Município de Pacaraima está localizado no extremo norte do Brasil, na fronteira com a cidade de Santa Elena de Uairén, do lado da Venezuela. Concentra uma população estimada em 18.913 habitantes, conforme censo de 2020<sup>1</sup>, e possui uma densidade demográfica de 1,3 h/km<sup>2</sup>, ocupando a 6ª posição no estado de Roraima, que é composto por 15 municípios. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário-mínimo por pessoa, Pacaraima tinha 46.5% da população nessas condições, o que o colocava na 11ª posição dentre os 15 municípios do estado. Sua economia baseia-se na oferta de serviços com forte influência do setor público, seguida da agropecuária e comércio de gêneros em geral com outras cidades e povoados da fronteira. É cercado por imensos vales de serras e montanhas, e está inserido na reserva Indígena São Marcos.

Diante desse cenário de território vasto com muitas possibilidades de crescimento e desenvolvimento, no entanto com pouco incentivos, o estado de Roraima vem obtendo o seu crescimento, de forma lenta, muito por conta das constantes imigrações, tanto oriundas de outros estados da federação como dos países com os quais Roraima faz fronteira. Neste contexto, destaca-se o município de Pacaraima que tem baixa densidade demográfica, compreendendo uma população de indígenas, migrantes nacionais e internacionais (SANTOS, 2009).

Nos últimos anos foi possível verificar que os estados fronteiriços do Norte do Brasil como Rondônia, Acre e Roraima passaram a absorver uma forte onda de imigrantes que buscaram no Brasil a possibilidade de conseguir um emprego e melhorias de vida. Atualmente, o estado de Roraima tem enfrentado uma crise envolvendo a entrada de imigrantes venezuelanos

que vêm para o Brasil, fugindo, dentre outros fatores, de uma crise política e econômica que assola a Venezuela. Esta imigração, por sua vez, revela uma crise humanitária em Roraima e, conseqüentemente, no município de Pacaraima, principal porta de entrada de imigrantes venezuelanos no Brasil. Cabe ressaltar, também, que o estado de Roraima não estava, e ainda não está, preparado, tão pouco possui estrutura (hospitais, escolas, parques industriais, agropecuários e setores de serviços e comércio com alta capacidade de geração de empregos, bem como programas habitacionais, etc.) para receber os mais de 40.000 venezuelanos que entraram em território brasileiro (MENDONÇA, 2018). Ademais, historicamente, o município de Pacaraima, lado brasileiro da fronteira, sempre foi dependente do município de Santa Elena, lado venezuelano da fronteira, constituindo esta uma cidade maior e com melhores ofertas de bens e serviços. É importante destacar essas diferenças, apesar da conjuntura de formação dessas duas cidades guardarem semelhanças entre si, já que “são formadas por uma população migrante e por uma grande população indígena” (SANTOS, 2015, p.19).

Essa conjuntura tem motivado movimentos distintos por parte da mídia tradicional, que tende a ser agressiva em relação aos imigrantes, e das redes sociais digitais que, com o apoio de estudantes do estado, tentam uma aproximação mais empática ao problema (ARAGÃO & SANTI, 2018).

Perante essas especificidades do município de Pacaraima, a crescente imigração vem ocasionando problemas de cunho social, de saúde pública e econômica, pois o município não está conseguindo acomodar a crescente demanda em sua rede de serviços públicos. E é esse o ponto que abordaremos nesse artigo, onde apresentaremos como o Município de Pacaraima está se embasando juridicamente para garantir aos imigrantes internacionais, principalmente, o reconhecimento de seus direitos como seres humanos e cidadãos, independente de sua nacionalidade.

Para Reis (2004) reconhecer a importância do Estado nas migrações internacionais não significa afirmar que ele é necessariamente o fator mais relevante na formação e na manutenção dos fluxos. As migrações internacionais não são causadas exclusiva ou principalmente pela ação do Estado. No entanto, ele, por meio de políticas de imigração e cidadania, é um importante fator explicativo no processo de formação dos fluxos e ajuda a moldar a forma que esses fluxos adquirem.

Assim, vemos a necessidade dos estados, principalmente, os que têm fronteiras com outros países, estarem preparados legislativamente e com aparelhos públicos, para atender demandas que vêm tornando-se frequentes em processos migratórios em todo o mundo e, especialmente, no estado de Roraima, localizado na chamada calha norte ou fronteira norte do Brasil.



Nesse sentido realizamos um levantamento qualitativo bibliográfico acerca das legislações pertinentes em âmbito nacional e municipal voltadas para o tema em questão, em seguida daremos ênfase nas políticas públicas relacionadas a imigrantes e refugiados no Brasil e em especial no município de Pacaraima.

O nosso artigo pretende responder a seguinte pergunta de pesquisa: De que maneira o município de Pacaraima se prepara, no âmbito legal e estrutural, para receber imigrantes e refugiados internacionais que buscam, através de suas fronteiras, adentrarem no Brasil para fins de fugir de situações de vulnerabilidade sociais e econômicas?

Desta forma, o objetivo geral proposto foi analisar se o município de Pacaraima se encontra preparado por meio de aparato legal e estrutural para garantir os direitos dos imigrantes e/ou refugiados que adentram o Brasil por meio da fronteira roraimense. Dentre os objetivos específicos realizamos um levantamento bibliográfico junto a sites institucionais do Brasil e do estado de Roraima, com vista a identificar as políticas públicas relacionadas aos imigrantes e/ou refugiados internacionais que podem ser reproduzidas e ou adaptadas para a região e buscar junto a Prefeitura de Pacaraima políticas públicas oferecidas aos imigrantes e/ou refugiados.

## 2 JUSTIFICATIVA

No estado de Roraima, o município de Pacaraima é a região que mais recebeu solicitações de refúgio no período de 2013 a 2019, conforme mostra a Tabela 1, com um aumento significativo, em 2018, de 61.501 pedidos.

Conforme o relatório da FGV DAPP (2020, p.24-25), dados da Polícia Federal (ver Tabela 1) apresentam o volume de solicitações de refúgio efetivadas em cada município de Roraima, destacando-se Pacaraima, que é a principal porta de entrada dos solicitantes, com mais de 110 mil pedidos (90,1%) entre 2013 e 2019, assim como é o segundo município em termos de solicitação de residência, 8.762 (16,2%), conforme indica a mesma fonte citada.

**Tabela 1** Número de solicitações de refúgio de venezuelanos por ano, segundo município de solicitação em Roraima, 2013 - 2019 (janeiro a julho)

MUNICÍPIO	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019 (Jan-jul)
PACARAIMA	2	0	1	2.149	15.681	61.501	31.313
BOM FIM	0	0	0	396	930	1.385	4.168

MUNICÍPIO	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019 (Jan-jul)
BOA VISTA	0	1	2	600	2.101	1.368	1.092
ALTO ALEGRE	0	0	0	0	5	5	3
RORAINÓPOLIS	0	0	0	0	6	9	3
NORMANDIA	0	0	0	2	0	15	1
IRACEMA	0	0	0	0	0	1	1
UIRAMUTÃ	0	0	0	0	0	1	1
AMAJARI	0	0	0	0	5	0	0
CANTÁ	0	0	0	0	1	1	0
CARACARAÍ	0	0	0	0	2	1	0
CAROEBE	0	0	0	1	0	0	0
MUCAJAÍ	0	0	0	0	0	3	0
SÃO LUIZ	0	0	0	0	1	0	1

Fonte: IPEA (2021) Solicitações de refúgio, Departamento de Polícia Federal (2019a).  
Elaboração própria.

Nesse sentido, questiona-se se os municípios transfronteiriços, em especial o município de Pacaraima, encontra-se preparado para garantir os princípios legais instituídos na Lei de migração, bem como os acordos internacionais dos quais o Brasil é signatário no que tange ao alcance das políticas públicas para imigrantes, refugiados e solicitantes de refúgio.

É notório que os problemas das migrações forçadas tendem a atingir cada vez mais o Brasil. Partindo desse princípio, o presente estudo procura contribuir para que haja uma sofisticação na estrutura legislativa e administrativa do município de Pacaraima frente ao desenvolvimento de suas políticas públicas para esse público presente na sua região.

Os seres humanos ao longo de sua trajetória vêm se deslocando por todo o planeta, de forma espontânea ou não, em busca das mais variadas satisfações primárias. Tais acontecimentos têm se intensificado com a globalização e o concomitante crescimento populacional do planeta. Crises econômicas, políticas, sociais e culturais vêm motivando o êxodo de pessoas em busca de melhorias de vida e ainda como forma de fugir de riscos de ameaça a sua dignidade humana ou até mesmo da própria vida.

Desta forma, o fenômeno migratório atual vem se intensificando em todo o mundo. Milhares de pessoas, todos os dias, tentam atravessar fronteiras, de maneira legal ou ilegalmente, em episódios de migrações em larga escala ou não, envolvendo diversas nacionalidades. Nesses processos migratórios não são raras as violações de direitos humanos dos migrantes, seja por omissão ou deficiências das legislações migratórias ou de políticas públicas que pudessem atender satisfatoriamente necessidades dos migrantes.

Diante esse cenário, faz-se necessário as articulações governamentais com o intuito de oferecer à população migratória orientações e apoios necessários à garantia seus direitos como seres humanos, bem como sua dignidade como cidadão, e, desta forma, termos urgências de ações e políticas públicas articuladas entre órgãos não governamentais e instituições de governo como uma forma de unir esforços para resolver situações de crises ou violações de direitos de migrantes e/ou refugiados.

Observamos que quando o aparelho público se mostra ineficiente para atender as demandas que lhe são apresentadas, o caos se instala e, conseqüentemente, crises humanitárias se impõem.

O município de Pacaraima oferece aos imigrantes e/ou refugiados políticas públicas com vista a garantir os princípios legais da Lei nº. 13.445 de 2017 conhecida como Nova Lei de Migração, mas fica o seguinte questionamento: como o município está equipado com aparelhos públicos capazes de oferecer a essas pessoas um local de referência para o seu acolhimento?

Uma vez que está geograficamente localizado em uma região de limite fronteiro entre dois países, o município de Pacaraima passa por um momento de intensificação das relações transnacionais, com um intenso fenômeno migratório para o qual não estava preparado. Diante da dificuldade de dar uma resposta a essa questão migratória e suas demandas, o governo federal interveio dando uma resposta caracterizada pelo acolhimento emergencial e na interiorização de imigrantes, sem apresentar outras soluções duradouras no âmbito local. Essa realidade social se agrava com o aumento do fluxo migratório, por não haver condições econômicas, sociais e políticas na Venezuela a curto, médio ou longo prazo. (SAMPAIO; SILVA, 2018, p. 391).

Para Sampaio e Silva (2018), se faz necessário que os gestores públicos estejam atentos e que possam agir proativamente e inteligentemente frente as demandas sociais advindas deste fenômeno migratório que podem e devem ser revertidas em favor da comunidade local, reconhecendo os direitos destas pessoas permanecerem em Roraima e de captarem recursos das mais diversas fontes para fortalecer e ampliar suas políticas públicas setoriais.

Quando se passarem os anos e a migração venezuelana tornar-se mais uma das histórias a serem contadas por poucos que dela se lembrarem, o que terá sido deixado

como legado para as cidades acolhedoras em matéria de políticas públicas, desenvolvimento de capacidades dos atores locais, equipamentos sociais, obras e políticas de desenvolvimento? (SAMPAIO; SILVA 2018, p.392)

### 3 REVISÃO TEÓRICA

Nos últimos anos temos presenciado em diversos meios de noticiários relatos de guerras, perseguições, violação aos direitos humanos, crise econômica, política, ideológica e pobreza na maioria dos países. Um dos desdobramentos dessas crises é o crescente movimento migratório no mundo. Conforme o subsecretário-geral da ONU, Stephen O'Brien (2016, s/p.), para assuntos humanitários, “em nenhum momento no passado recente tantas pessoas precisaram de nossa ajuda e solidariedade para sobreviver”. Ele ressalta ainda que “No total, 128 milhões de de pessoas estão sendo afetadas por conflitos, deslocamentos, desastres naturais e profunda vulnerabilidade” (O'BRIEN, 2016). Fatos esses que vêm se agravando e promovendo um êxodo populacional em âmbito mundial.

Muitos imigrantes de origem venezuelana, haitiana, sírios e palestinos, principalmente, viajam abandonando, muitas vezes por motivo de força maior, sua identidade cultural, parte da sua família, e seus bens materiais e imateriais, indo em busca de um lugar seguro, onde possam garantir sua sobrevivência.

Constantemente vemos noticiários e filmes baseados em fechamento de fronteiras para a entrada de imigrantes e refugiados, além de alguns países aplicarem leis que exigem uma infinidade de documentos para que uma pessoa entrar em seus respectivos territórios. E quando lá chegam essas pessoas são vistas como invasoras que ameaçam as suas segurança, economia e .

No Brasil a narrativa da imigração começou com o advento dos portugueses na conjunção da colonização de exploração, que deu origem ao movimento migratório baseado no tráfico de escravos africanos. Segundo Patarra e Fernandes (2011), essa ação foi responsável por introduzir na colônia cerca de 4 milhões de cativos, influenciando e compondo importantes traços de nossa cultura.

Porém, a partir do século XX vimos acontecer uma transformação nesse cenário. De país de imigração, o Brasil passou a ser um país de emigração, no rastro da crescente interdependência entre as nações causada pela expansão do sistema econômico mundial, adventos da globalização e do progresso dos meios de comunicação e das atividades corporativas transnacionais. Ripoll (2008) relata que nos anos de 2000, conforme dados do Itamaraty,

cerca de 2 milhões de brasileiros viviam no exterior, já nos anos de 2008 o Itamaraty estimativa cerca de 3,7 milhões (Fernandes & Diniz, 2009), quase dobrando o número, até que por meados de 2012 o Brasil volta a ser o destino importante de imigrantes oriundos dos países fronteiriços e também do Hemisfério Norte.

Esse novo panorama faz surgir a necessidade de uma definição de políticas migratórias que possam contemplar os direitos humanos dos imigrantes e refugiados e solicitantes de refúgio no Brasil.

No ano de 1997 tivemos a edição na legislação brasileira do Estatuto dos Refugiados, Lei 9.474. Orientado pela Convenção de Genebra, o referido Estatuto institui também o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), órgão multiministerial alocado no Ministério da Justiça. De acordo com a definição dada no Estatuto do Refugiado (Lei n. 9.474, 1997), em consonância com a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951, e, com a Declaração de Cartagena de 1984, o imigrante refugiado é toda pessoa, não nacional, que sofre “fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas” e que sofre “grave e generalizada violação de direitos humanos”, que a impede de permanecer em seu país de origem (BRASIL, 1997).

A Lei nº 13.445 de 25 de maio de 2017, nova Lei de Migração, em uma perspectiva de promoção dos direitos humanos, dispõe “sobre os direitos e deveres do migrante e do visitante, regula sua entrada e estadia no País e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante” (BRASIL, 2017). Essa lei dispôs-se a colocar a política migratória brasileira em acordo com a Constituição de 1988 e em seu art. 3º informa a base da política migratória brasileira, que deverá ser regida pela “universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos” (BRASIL, 2017), tornando-se assim novo marco da política de imigração no Brasil.

No campo das políticas públicas, estudiosos apontam muitos problemas que circunscrevem o cotidiano dos imigrantes/refugiados, como as questões relacionadas aos cuidados da saúde, educação e trabalho. Percebemos que o trabalho de acolhimento e assistência direcionada a imigrantes é, em grande parte, realizado por organizações não-governamentais, resultado do empenho da sociedade civil (Moreira, 2014; Schwinn & Freitas, 2015). O estado de Roraima, região fronteira com outros países, caso do estudo do presente artigo, não dispõem de uma estrutura voltada ao tratamento humanitário aos estrangeiros, bem como apresenta fragilidades na garantia de direitos, liberdades e nas ações concretas de repúdio à discriminação e à xenofobia.

Uma pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e analisada por Delfim (2019) mostrou que 3.876 municípios dos 5.570 brasileiros, há presença de imigrantes em seus territórios, porém

apenas 215 contam com algum tipo de serviço de apoio voltado a população migrante, o que representa 5,5% dos 69% municípios brasileiros com composição de imigrantes em sua população.

Com os dados apresentados vemos a disparidade da aplicação da lei em níveis municipais com vista a atender os imigrantes. A mesma pesquisa aponta ainda que somente a cidade de São Paulo apresenta uma Política Municipal para a População Imigrante em vigor desde o ano de 2016. Em relação aos mecanismos identificados como instrumentos de gestão migratória, a pesquisa apresentou os seguintes, que são utilizados pelos municípios, sem especificar qual é realizada por cada município:

- mecanismos de cooperação entre os municípios e os demais entes da federação;
- relação entre a prefeitura e associação ou coletivo de imigrantes;
- oferta de curso de português para imigrantes;
- atendimento multilíngue nos serviços públicos;
- abrigo de gestão municipal; centros de Referência e Apoio (CRAIs); e
- formação e capacitação continuada interdisciplinar para o atendimento a imigrantes (DELFIN, 2019).

A pesquisa apresentou ainda que apenas 75 municípios apresentavam mecanismos de cooperação na promoção e desenvolvimento das políticas públicas locais voltadas para imigrantes, estando entre essas o município de Pacaraima e Boa Vista pertencentes ao estado de Roraima. Dentre eles, 58 municípios apresentam serviços de abrigamento e 48 apresentavam o ensino de português aos estrangeiros.

Contudo, Delfim observa que Vânia Pacheco, responsável pela pesquisa, aponta que a gestão migratória deveria ser de responsabilidade das três esferas de governo, dividindo a questão de regularização, cooperação internacional e fluxo de imigrantes controlados pelo poder federal. A execução de políticas como o ensino do idioma, geração de trabalho, acesso a serviços, entre outros ficam a cargo dos governos estaduais e municipais. Conforme previsto no artigo 120 da Lei Nº 13.445, de 24 de maio de 2017 que instituiu a Política Nacional de Migrações, Refúgio e Apátrida a ser implantada pelo Governo Federal em cooperação com os entes federativos, organização da sociedade civil, organismos internacionais e entidades privadas, prevendo a criação de bancos de dados que visariam produzir informações quantitativas e qualitativas sobre os migrantes, a fim de ajudar na formulação de políticas públicas.

## 4 METODOLOGIA - CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Com o propósito de abordar as questões da pesquisa, a metodologia adotada no presente trabalho é de abordagem qualitativa e descritiva, com instrumentos bibliográficos e documentais e trabalho de campo com entrevista ao Prefeito do município de Pacaraima. Para análises de dados será utilizada a técnica de análises de conteúdo. Conforme Bardin (2011, p.95) a utilização de análises de conteúdo considera três fases fundamentais: Pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Para a realização do presente artigo de pesquisa escolheu-se o método de pesquisa descritiva, que por conta do atual cenário de saúde, e seguindo os cuidados recomendados pela Organização Mundial da Saúde – OMS, desde 2020, na prevenção contra a Covid-19, fizemos o envio de um link, à Prefeitura Municipal de Pacaraima, com um questionário semiestruturado com perguntas abertas sobre o tema pesquisado, envolvendo o conhecimento e expectativas do gestor público sobre a imigração no município, com o objetivo de visualizar como está sendo tratada a imigração, e conhecer quais as perspectivas de tratamento no futuro. Para Gil (2007), esse tipo de abordagem permite estudar o caráter do atendimento em órgãos públicos de uma comunidade, além de viabilizar a obtenção de dados em relação ao tema estudado.

A fim de atingir os objetivos propostos, o nosso questionário e a sua consequente análise têm caráter qualitativo, como recomendam Vieira e Zouain (2005), na abordagem de instrumentos estatísticos e informações levantadas através de questionários semiestruturados. .

## 5 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA

Geograficamente temos a Venezuela e Brasil com uma faixa de fronteira com uma extensão de 2.199 km, sendo constituída por uma grande área composta por floresta ou de reservas indígenas. Este é um dos fatores que fazem com que a região possua uma baixíssima densidade demográfica e quase nenhuma estrutura institucional de contato entre os dois países. Isto também é um reflexo do fato de os dois países serem signatários de um tratado de não edificação em uma área que perpassa toda a linha divisória até a distância de 30 metros adentro para o interior de cada um deles. Esse quadro de ausência de uma interação social efetiva entre a população dos

dois países só é rompido na região das cidades de Santa Elena de Uairén – Venezuela, e Pacaraima – Brasil, onde há uma rodovia de acesso, além de rotas clandestinas que interligam as duas cidades (SILVA, 2018).

Há ainda uma grande semelhança entre essas duas cidades, por apresentarem em sua formação migrantes e indígenas com uma significação complexa politicamente e com dificuldades de ações de desenvolvimento (SILVA, 2018).

Historicamente as duas cidades apresentam movimentos migratórios pendulares, ora brasileiros dirigem-se a cidade de Santa Elena de Uairén na Venezuela para aquisição de produtos no comércio venezuelano, além de imigração de brasileiros que atuavam como garimpeiros naquele país, vislumbrando uma possibilidade de mudança de vida, ora a vinda de venezuelanos em busca de produtos brasileiros e, agora, um fluxo intenso de imigração, a partir do ano de 2015, ocasionada por problemas de cunho social, econômico e político na Venezuela como já citamos anteriormente. A cidade de Santa Elena, em relação a Pacaraima, apresenta uma estrutura organizacional maior com oferta de bens e serviços mais bem desenvolvidos, e uma maior concentração populacional. (CRUZ, 2014, p. 86).

### **Imagem 1** – Marco fronteiro na fronteira entre o Brasil e a Venezuela



Fonte:<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pacaraima#/media/Ficheiro:Frontera\\_Venezuela\\_Brasil.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pacaraima#/media/Ficheiro:Frontera_Venezuela_Brasil.jpg)>. Acesso em 20/04/2021 . Photo by Paolo Costa Baldi. License: GFDL/CC-BY-SA 3.0



**Imagem 2** – Mapa da fronteira Brasil e Venezuela



Fonte: <<https://www.poder360.com.br/internacional/a-fronteira-do-brasil-com-a-venezuela/>>. Acesso em 20/07/2023.

### 5.1 Universo

O universo de estudo é o governo municipal de Pacaraima, pessoa de direito público, responsável por executar as políticas públicas no município localizado na região de fronteira com a Venezuela.

### 5.2 Amostra

Kotler (2007, p.95) define duas classes de amostras, sendo uma probabilística e a outra não probabilística. Para a elaboração do presente artigo usamos a não probabilística, em uma amostra intencional com apenas uma entrevista com o chefe do Poder Executivo Municipal.

### 5.3 Instrumentos de coleta de dados

A pesquisa foi realizada em duas etapas, sendo que a primeira consistiu em um levantamento bibliográfico acerca do assunto, em busca de atender ao objetivo geral proposto. Para Fonseca (2002, p.32) a pesquisa é feita por meio do levantamento do referencial teórico. Em seguida, foi realizado o levantamento *Survey*, que, por sua vez, buscou investigar a problemática em análise diretamente com as pessoas envolvidas, como recomenda (Gil, 2007), e, assim, buscar junto à instituição envolvida, no caso, a Prefeitura Municipal de Pacaraima, informações sobre o tema estudado.

Tendo em vista a pandemia causada pelo novo coronavírus, conforme decreto da Organização Mundial da Saúde – OMS, desde 2020, utilizamos o envio de um link com perguntas abertas sobre o tema pesquisado à instituição referenciada, envolvendo o conhecimento e expectativas do gestor público sobre a imigração no Município de Pacaraima.

Com vista a obter os dados para análise das informações sugeridas, utilizamos a aplicação de entrevista aberta, ou seja, estruturada. Como mecanismo para obter as informações pertinentes, foi disponibilizado o link de acesso ao questionário, realizado na plataforma *google forms*, como se pode notar, abaixo.

<[https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScVvkiWe06dQUZ9pYDONGmbRXRhlqjZzafIkMwzVT0G5ZvNA/viewform?usp=sf\\_link](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScVvkiWe06dQUZ9pYDONGmbRXRhlqjZzafIkMwzVT0G5ZvNA/viewform?usp=sf_link)>.

### 5.4 Tratamento dos dados

“A análise [deve estar] presente em vários estágios da investigação, tornando-se mais sistemática e mais formal após o encerramento da coleta de dados” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.45). Assim, os dados levantados por meio da aplicação do questionário foram analisados considerando cada item e comparando com o estudo bibliográfico realizado, com o intuito de compreender, de modo mais profundo, os fatos apresentados pelo gestor municipal.

## 6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

- Mediante questionário *google forms*, o prefeito de Pacaraima respondeu alguns questionamentos, quando perguntado sobre a interlocução política entre as duas cidades fronteiriças que historicamente realizam movimentos pendulares de trânsito de pessoas, se existe alguma parceria ou outro mecanismo de cooperação entre as cidades de Pacaraima e Santa Elena de Uairen? O prefeito respondeu que no passado existiu,

mas atualmente a interlocução é precária, isso pode se explicar pela situação política e as restrições que o governo venezuelano impõe às instituições públicas para se comunicar com o Brasil.

- O município de Pacaraima dispõe de algum aparato jurídico que possibilite o desenvolvimento de políticas públicas locais para imigrantes? Ele respondeu que o município não tem especificamente esse aparato jurídico. embora seus núcleos de referência em assistência social, saúde e educação atendam a todos os imigrantes em situação regular. O que tem se observado é que muitas dessas ações se desenvolvem em parcerias com ONGs, ACNUR, organizações da sociedade civil e voluntários.
- Falando do grande fluxo migratório venezuelano para o Brasil a partir de 2015, sendo o município de Pacaraima a entrada desses imigrantes e que esse movimento ainda ocorre com oscilações de fluxo, questiona-se se o município se encontrava preparado para essa demanda e hoje acredita estar preparado? O gestor municipal respondeu que o município não se encontrava preparado para receber esse fluxo migratório, pois o município é de pequeno porte e o problema é de alta complexidade, cuja competência pertence à União, primariamente. Podemos inferir que a gestão espera pelos recursos federais para fazer frente a essa demanda do fluxo migratório, que os recursos do município são insuficientes para atender a explosão demográfica em Pacaraima, produto da imigração venezuelana em massa.
- O prefeito foi questionado sobre políticas públicas, falando sobre os problemas que circunscrevem o cotidiano dos imigrantes/refugiados, como as questões relacionadas aos cuidados da saúde, educação, trabalho e principalmente a questão linguística que dificulta, em alguns casos, o entendimento num diálogo. Perguntamos se o município possui alguma estrutura administrativa voltada diretamente para imigrantes? Ele respondeu que o município de Pacaraima possui mecanismos de cooperação entre os municípios e os demais entes da federação. Isso nos dá a entender que Pacaraima, por si só, não tem como resolver a situação precária das pessoas que cruzam a fronteira e nele buscam guarida; que o município precisa da ajuda de outros municípios e do governo federal para atender as demandas apresentadas pelos imigrantes.
- Quando questionado sobre a eficiência do aparelho público para atender as demandas que lhe são apresentadas, e, solucionar o caos que se instala gerando uma crise humanitária na região; o que ele considera

necessário para que o município esteja preparado para os efeitos do recente fluxo migratório e para possíveis novos processos de imigração? O prefeito respondeu que, primeiramente, precisa resolver a questão fundiária do município, para garantir juridicamente o desenvolvimento do mesmo e assegurar políticas públicas aplicáveis ao contexto da migração. Ou seja, a gestão municipal está preocupada primeiro em resolver os problemas da propriedade das terras e ajudar a desenvolver o município, posteriormente terá lugar o questão migratória.

- Falando sobre a Lei nº 13.445 de 25 de maio de 2017 que dispõe “sobre os direitos e deveres do migrante e do visitante, regula sua entrada e estadia no País e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante”, apontando ainda que a gestão migratória deveria ser de responsabilidade das três esferas de governo, perguntou-se ao prefeito, o que o município sugere para melhoria no atendimento aos imigrantes, bem como para a formulação e implementação de uma política migratória local? Ele respondeu que se faz necessário o fortalecimento das equipes de controle da fronteira para assegurar o funcionamento regular da mesma. Nesse sentido, a gestão municipal sugere um freio na imigração descontrolada, talvez com critérios mais rigorosos para entrada de imigrantes no país, o que ajudaria a dar um respiro ao município e melhorar a qualidade dos serviços prestados.

Vale a pena analisar que alternativas como fechamento das fronteiras já foram consideradas. Conforme o IPEA (2021, p,16) no concernente aos impactos locais do fechamento da fronteira Brasil-Venezuela, – Logo após o Decreto Oficial do governo venezuelano que determinou o primeiro fechamento da fronteira entre Brasil e Venezuela por 72 horas, já era possível ver impactos da interrupção desse fluxo no comércio local de Pacaraima (RR), em função da queda no movimento. Muitos comerciantes se viram preocupados com o funcionamento de suas lojas, ao mesmo tempo que muitos venezuelanos que conseguiram emprego na cidade temiam perder suas colocações. Vemos como o fechamento da fronteira afeta tanto as exportações do estado de Roraima como o aumento da desvalorização da moeda venezuelana, desemprego, aumento do contrabando e rotas clandestinas de passagem para o Brasil, como pode ser observado na Tabela 2.

**Tabela 2** Resumo dos impactos, em âmbito local e estadual, do fechamento e da reabertura da fronteira entre Brasil e Venezuela

Momento	Ocasião	Impactos
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Redução no movimento do comércio local (logo após anúncio)</li> <li>- Perda de empregos</li> <li>- Rápida desvalorização do bolívar</li> <li>- Flutuação cambial</li> <li>- Redução dos preços de gêneros alimentícios</li> </ul>
	Fechamento 13/12/2016	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aumento do contrabando</li> <li>- Aumento no preço dos aluguéis de estabelecimentos comerciais</li> <li>- Mudança no perfil de consumo de venezuelanos</li> </ul>
1 <sup>o</sup>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reajuste no preço da corrida entre Boa Vista e Pacaraima</li> <li>- Desabastecimento de veículos brasileiros</li> <li>- Aumento do comércio na cidade de Lethem (Guiana)</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cerceamento do direito de alunos de frequentar aulas</li> <li>- Aumento no fluxo de migrantes nos bairros da capital</li> </ul>
	Reabertura 06/012017	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cresce comércio ilegal de gasolina (Sta Elena de Uairén)</li> <li>- Retomada do trânsito de cargas e pedestres</li> <li>- Liberação de brasileiros detidos na Venezuela</li> <li>- Retomada das importações e exportações da/para a Venezuela</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Paralisação de atividades comerciais</li> <li>- Escassez de gasolina</li> <li>- Aumento no comércio ilegal de café e cigarro                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- Manutenção da migração via trilhas e pontos clandestinos</li> </ul> </li> </ul>
	Fechamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Episódios de violência na faixa de fronteira</li> <li>- Interrupção do tráfego de caminhões brasileiros</li> </ul>

Momento	Ocasão	Impactos
2º	21/02/2019	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Suspensão de aulas</li> <li>- Maior retenção de brasileiros na Venezuela</li> <li>- Redução das exportações</li> <li>- Aumento nos episódios de cortes de luz</li> <li>- Retomada trânsito de caminhões de transporte de cal agrícola</li> </ul>
	Reabertura	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aumento na entrada de migrantes via passo fronteiriço</li> </ul>
	10/05/2019	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Inversão do fluxo de compra de gasolina</li> </ul>

Fonte: IPEA 2021, p.16

A imigração venezuelana já trouxe muitos efeitos negativos, situações de violência, xenofobia, superlotação dos serviços de saúde e precárias condições de moradia, junto com situações de prostituição e trabalho infantil. Contudo, segundo o relatório FGV DAPP (2020, p. 35), alguns efeitos indiretos positivos da imigração venezuelana sobre o desempenho da atividade econômica do estado de Roraima podem ser apontados como hipóteses plausíveis de um benefício para a economia local, a seguir:

Primeiro, a demanda por bens e serviços de venezuelanos, sejam os que vêm até a fronteira, sejam os que de fato migram e buscam melhores condições no Brasil, gera uma resposta das firmas locais, que aumentam a produção, reduzem a capacidade ociosa, e eventualmente investem novos recursos, contratam novos trabalhadores, expandem suas operações etc.

Em segundo lugar, a resposta governamental através da Operação Acolhida injeta recursos do orçamento federal no estado de Roraima por meio de um conjunto de ações, além de estimular a migração de brasileiros para a localidade, o que também aumenta a demanda por bens e serviços;

Em terceiro lugar, as instituições humanitárias internacionais se instalam no local e, com isso, geram tanto oferta de postos de trabalho quanto demanda por bens e serviços.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O município de Pacaraima sofreu uma explosão demográfica desde 2015 até a atualidade, produto da imigração venezuelana em massa e desordenada. O município não tem recursos próprios suficientes para

atender a grande demanda apresentada por imigrantes e seus autóctones por serviços essenciais, e procura suprir as necessidades por meio de parcerias com Organizações estrangeiras e sociedade civil para dar o mínimo de atenção à população de imigrantes. Faz-se necessário uma política pública que dê um suporte ao município de Pacaraima para ter a infraestrutura mínima necessária para acolher a quantidade de imigrantes venezuelanos que chegam.

E essa grande demanda de imigrantes traz consigo tanto fatores negativos como positivos. Nesse sentido, a percepção é que os fluxos venezuelanos têm ajudado economicamente o estado de Roraima a se manter em meio à crise da pandemia, com demanda de bens e serviços e com a preservação ou geração de emprego para autóctones e imigrantes, e ainda, ajudam movimentar a economia do estado, mostrando que acolher imigrantes foi positivo, considerando um saldo a favor, produto de uma injeção de recursos econômicos na região. Bem como o consumo de bens e serviços tanto das entidades como dos próprios imigrantes, o que mantém a economia local aquecida e tem permitido driblar a crise econômica pela qual outros estados do Brasil têm sofrido em razão da pandemia de Covid-19.

## NOTAS

<sup>1</sup> Dados de estimativa do IBGE para o ano de 2020, acesso realizado no site <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/panorama>, em 28/01/2021

## REFERÊNCIAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14724**: Informação e documentação. Trabalhos Acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

Aragão, T., & Santi, V. Somos migrantes: o uso das redes sociais na produção midiática alternativa sobre a migração venezuelana em Roraima. **Aturá: Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, 2(1), 136-156. 2018. Disponível em: de <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/4627>>.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL. **Lei 9.474/97**. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951 e determina outras providências. Brasília, 1997. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9474.htm)>. s/d/a.

BRASIL. **Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017**. Institui a Lei de Migração. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de maio de 2017a. Disponível em: Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm)>. s/d/a.

COOPER, Donald R.; SCHINDLER, Pamela S. **Métodos de pesquisa em administração**. 10. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

CRUZ, A. P. T. Migração e mercado laboral transnacional: uma análise das relações de trabalho na Venezuela (Santa Elena de Uairén). In: **1º Seminário Internacional Sociedade e Fronteiras**. Boa Vista, RR: UFRR, 2014.

DELFIN, R. B. Só 5% das cidades brasileiras com imigrantes têm serviços de apoio, aponta IBGE. **Migra Mundo**, 26 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://migramundo.com/so-5-das-cidades-brasileiras-com-imigrantes-tem-servicos-de-apoio-aponta-ibge/>>. s/d/a.

FERNANDES, D.; DINIZ, A. M. A. Brain drain or brain gain? In which direction does the Brazilian diaspora go?. In: **XXVI IUSSP INTERNATIONAL POPULATION**. Marrakech, Morocco. 30 September 2009, p.1-24. does the Brazilian diaspora go?

FGV DAPP, **A economia de Roraima e o fluxo venezuelano** [recurso eletrônico]: evidências e subsídios para políticas públicas / Fundação Getúlio Vargas, Diretoria de Análise de Políticas Públicas. - Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2020

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. CIDADES-IBGE. **Estado de Roraima**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/panorama>>. Acesso em 28/01/2021

IPEA- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Imigração Venezuela-Roraima**: evolução, impactos e perspectivas. Governo Federal: Ministério da Economia, Brasília 2021.

KOTLER, P. **Marketing essencial**: conceitos, estratégias e casos. 2. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2007.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.



- MENDONÇA, H. Com 40.000 venezuelanos em Roraima, Brasil acorda para sua 'crise de refugiados'. **El País**. São Paulo, 18 feb, 2018 – 05:10 BRT. Disponível em: < [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/16/politica/1518736071\\_492585.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/16/politica/1518736071_492585.html) >. s/d/a.
- MENDONÇA, H. Roraima à flor da pele. **El País**. Boa Vista / Pacaraima. 22 Ago, 2018 – 22:27. BRT. Disponível em: < [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/22/politica/1534965762\\_180606.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/22/politica/1534965762_180606.html) >. s/d/a.
- MILESI, R., & CARLET, F. **Refugiados e políticas públicas**. In C. A. S. Silva (Org.), *Direitos Humanos e Refugiados* (pp. 77-97). Dourados: Editora UFGD, 2012.
- MOREIRA, J. B. Refugiados no Brasil: reflexões acerca do processo de integração local. **REMHU** - Revista Interdisciplinar de mobilidade humana, 12(43), 85-98, 2014. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/remhu/v22n43/v22n43a06.pdf>. Acessado em 10/02/2021.
- O'BRIEN, S. Entrevista. In. **ESTADÃO** – conteúdo. Mundo vive maior crise humanitária desde a 2ª Guerra Mundial, alerta ONU. São Paulo, 2016. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/12/05/mundo-vive-maior-crise-humanitaria-desde-a-2-guerra-alerta-onu.htm> >. Acesso em 26/01/2021.
- PATARRA, N.; FERNANDES, D. Brasil: país de imigração? **RILP – Revista Internacional em Língua Portuguesa**. Nº24, 2011.
- REIS, R. R. Soberania, Direitos Humanos e Migrações Internacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - Vol. 19 Nº. 55, 2004. [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292011000100003&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292011000100003&script=sci_arttext). Acesso em: 10/02/2021.
- RICHARDSON *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2007.
- RIPOLL, E. M. O Brasil e a Espanha na dinâmica das migrações: um breve panorama da situação dos emigrantes brasileiros na Espanha. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v.11, n. 1, 2008.
- SAMPAIO, C., SILVA, J. C. J. Migrações venezuelanas, complexidade x singularidade – a necessidade de outras soluções duradouras. In. BAENINGER, R. SILVA, J. C. J. (Coords.). **Migrações venezuelanas**. Campinas: Núcleo de Estudos da População “Elza Berquó” – NEPO/UNICAMP, 2018. Disponível em: < [https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/mig\\_venezuelanas/migracoes\\_venezuelanas.pdf](https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/mig_venezuelanas/migracoes_venezuelanas.pdf) >. s/d/a.

SANTOS, A. S. **A mídia impressa roraimense e as representações sociais sobre a fronteira e os imigrantes.** Roraima, 2009. (Apresentação de Trabalho/outra).

SANTOS, A. R. **O papel das redes de relações sociais na inserção do migrante brasileiro na fronteira do Brasil com a Venezuela.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2015.

SCHWINN, S. A., & FREITAS, P. (2015). A proteção sociojurídica aos refugiados no Brasil: da legislação à política pública. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, ed. esp.(44), 255-274. doi:10.17058/barbaroi.v0i0.7447

SILVA, S. A. da. Travessias de vida e de pesquisa: notas sobre estudos da imigração hispano-americana no Brasil. São Paulo. **Travessia - Revista do Migrante** - Nº 82 - Janeiro - Abril / 2018.

TRUJILLO FERRARI, A. **Metodologia da pesquisa científica.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em administração – teoria e prática.** Rio de Janeiro: FGV, 2005. 240 p.

## RESUMO

Neste artigo, analisamos o alcance das políticas públicas voltadas para o atendimento dos imigrantes no município de Pacaraima, região fronteira que recebe muitos imigrantes permanentes e de passagem. Apresentamos uma visão do poder público local sobre a temática, partindo do marco legal da Lei nº 13.445/2017 (Nova Lei da Migração), que rege a política migratória e implica acesso dos imigrantes às políticas públicas, bem como das experiências vivenciadas pelo município desde 2015 até a presente data, com a imigração em massa de venezuelanos devido a uma crise política, social e econômica em seu país. Realizamos uma investigação bibliográfica documental para o embasamento teórico, e apresentar a história de legislação que versa sobre o tema. Em seguida, foi realizada uma entrevista aberta com o gestor municipal com o intuito de conhecer as atividades desenvolvidas pelo município para os imigrantes, e suas perspectivas futuras; e ainda, colher informações sobre aparatos legais e estruturais direcionados aos imigrantes, como formas de expressão da política local. Observamos que quando o aparelho público se mostra ineficiente para atender as demandas que lhe são apresentadas, o caos se instala com uma crise humanitária na região. Não obstante, apresentam-se também neste artigo, alguns efeitos indiretos positivos da imigração venezuelana sobre o desempenho da atividade econômica do estado de Roraima, demonstrando que a imigração trouxe benefícios para a região como o aumento do consumo de bens e serviços, e crescimento na economia local.

**Palavras-chave:** Imigrante; Pacaraima; Política Pública.

## ABSTRACT

In this article, we analyze the scope of public policies aimed at assisting immigrants in the municipality of Pacaraima, a border region that receives many permanent and transit immigrants. We present a view of the local public authorities on the topic, based on the legal framework of Law No. 13,445/2017 (New Migration Law), which governs migration policy and implies immigrants' access to public policies, as well as the experiences experienced by the municipality since 2015 to date, with the mass immigration of Venezuelans due to a political, social and economic crisis in their country. We carried out a documentary bibliographical investigation for the theoretical basis, and present the history of legislation that deals with the topic. Next, an open interview was carried out with the municipal manager with the aim of learning about the activities developed by the municipality for immigrants, and their future perspectives; and also, collect information about legal and structural apparatuses aimed at immigrants, as forms of expression of local politics. We observe that when the public sector proves to be inefficient in meeting the demands presented to it, chaos ensues with a humanitarian crisis in the region. However, this article also presents some positive indirect effects of Venezuelan immigration on the performance of economic activity in the state of Roraima, demonstrating that immigration brought benefits to the region such as increased consumption of goods and services, and growth in local economy.

**Keywords:** Immigrant, Pacaraima, Public Policy.



# El uso de la lengua española en nombres de establecimientos comerciales de Boa Vista-RR

*Kaene Keitiane Singh do Nascimento*  
*Sandra Milena Palomino Ortiz*

## 1 INTRODUCCIÓN

En esta investigación, se entiende la frontera de Roraima como zona de entre-lugar de dos lenguas nacionales, siendo ellas: español y portugués. Debido a la crisis económica vivida en Venezuela, varios extranjeros inmigran para Roraima en busca de mejorías. De inicio eso afectó bastante la economía del estado de Roraima, sin embargo, con el pasar del tiempo muchos venezolanos ven se formalizando en Micro-emprendedor Individual (MEI) como forma de desviar el desempleo en el Estado. Considerando ese hecho que esos nuevos emprendedores aumentan en Boa Vista-RR, definimos los establecimientos creados por ellos como un espacio para investigación y análisis del funcionamiento semántico-enunciativo de las designaciones.

La metodología utilizada fue de índole cualitativa con investigación bibliográfica y de campo. Según Severino (2007), la investigación bibliográfica es realizada a partir del:

[...] registro disponible, resultado de investigaciones previas, en documentos impresos, como libros, artículos, tesis, etc. Se utilizan datos de categorías teóricas ya utilizados por otros investigadores y debidamente registrados. Los textos se convierten en fuentes de los temas a investigar. El investigador trabaja a partir de las aportaciones de los autores de los estudios analíticos contenidos en los textos (SEVERINO, 2007, p.122).

De esta forma, primero la investigación fue desarrollada a través de libros, artículos científicos, periódicos, entre otros, con el objetivo de tener un conocimiento ampliado sobre el tema de la enunciación.

Después fue realizado una investigación de campo donde logramos un registro fotográfico de los establecimientos usando un teléfono celular para la reunir la materialidad escrita de designaciones con el uso de la lengua

española en la ciudad de Boa Vista-RR. Encontramos catorce establecimientos en la cual tenemos esos archivos digitales, compuesto por fotografías de las fachadas de esos establecimientos para posterior análisis.

En un segundo momento, y con el fin de reunir informaciones sobre las designaciones dadas por parte de los propietarios de los establecimientos, fue propuesto un diálogo informal tanto por teléfono (llamada directa) como por el aplicativo WhatsApp, para el análisis semántico – enunciativa de las designaciones seleccionadas.

Los resultados obtenidos apuntan que el uso del español en los establecimientos comerciales se da de dos formas, siendo el español total o parcial los nombres dados por los propietarios. En el análisis semántico-enunciativo, encontramos que existe una afirmación de pertenencia al español dentro del Espacio de Enunciación, tanto por parte de los inmigrantes como afirmación de su identidad hispana, como por parte de los brasileños que en muchos casos usan la mezcla de español y portugués en el nombre del establecimiento para ampliar la clientela tanto de inmigrantes venezolanos como brasileños.

De esta forma, se crea una resignificación que considera la inmigración y la frontera como un factor importante en estas denominaciones, el idioma español se expande por todo el Estado de Roraima, con lo que comienza a cruzar las dos lenguas nacionales dando lugar al “portuñol”.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### *2.1 La inmigración entre Venezuela y Brasil*

Roraima es un estado localizado al norte del Brasil y hace frontera con Venezuela. En los últimos años hubo un gran desplazamiento de extranjeros para la capital, eso hizo con que la población aumentara bastante y eso afectó fuertemente la economía del estado. Roraima es la puerta de entrada de decenas de millares de venezolanos que huyen de la crisis económica provocada por el dictador Nicolás Maduro. Actualmente al menos 40 mil viven en Boa Vista-RR, según la alcaldía de Boa Vista-RR.

Para comprender el motivo de esa intensa inmigración, debemos entender el contexto a seguir. Nicolás Maduro, actual presidente de Venezuela, fue electo en 2013 después del fallecimiento de Hugo Chávez, quien era entonces presidente de Venezuela. Inicialmente, Maduro apostó en mantener la misma política practicada en el gobierno anterior, además el escenario heredado apuntaba fuertes problemas, tales como, la elevación

del precio del barril de petróleo, la cuestión de la inflación encima de 800% al año, una elevada alta de los precios de los alimentos básicos además de la ausencia de ellos en el mercado. Para adquirirlos, se enfrentaba grandes filas, y eran limitados en la compra, además de precios exorbitantes.

Todo ese contexto llevó a un colapso socioeconómico del país. Los venezolanos tuvieron que “huir” de esa situación migrando para otros países en busca de condiciones mínimas para sobrevivir.

La inmigración viene transformando el escenario económico de Boa Vista-RR, hubo un aumento de pequeñas empresas, una vez que, los venezolanos intentan contornar el desempleo y recomenzar la vida en el Brasil a partir del ramo de emprendimiento.

Una investigación hecha por la Junta Comercial señala que Roraima tiene 181 empresarios venezolanos. Más de 30% de ellos formalizaran su negocio como Micro-emprendedor Individual (MEI) entre los meses de enero y mayo de 2019.

En entrevista al G1 RR, Elvin Luiz Aguilera de 30 años dijo que inmigró para Roraima en el año de 2017 y hoy tiene en su propio negocio, él invirtió R\$ 2 mil reales para abrir la barbearía donde él factura una media de R\$ 3,5 mil reales por mes, “El secreto es tener calma y paciencia. No desesperarse, que en cualquier momento dará cierto”, dijo él.

**Figura 1** - Elvin Luiz Aguilera corta el cabello a un cliente en su peluquería



Foto: Fabrício Araújo/G1 RR, 2019.

Por otro lado, un ex policía intentó algunas veces establecer su propio negocio en Venezuela, pero sin éxito. Cuando él inmigró para Roraima, logró realizar el sueño del propio emprendimiento donde él estableció su taller de mecánica y consiguió emplear inmigrantes. A pesar de eso, él afirma que pasa por prejuicio y da ejemplo de una situación que pasó en su establecimiento cuando una persona al percibir que él hablaba español pidió para que él parara el trabajo, pues ningún venezolano iba a arreglar su carro. Posteriormente afirmó: “Hay prejuicios, pero también hay muchos venezolanos que se resisten a aceptar que están en otro país, con otras personas, y eso a veces choca un poco. Hay muchos venezolanos que no asimilan que es otro país y también hay brasileños que no asimilan qué es esta inmigración”.

**Figura 2** - Taller mecánico de un ex policía venezolano en Boa Vista-RR



Foto: Fabrício Araújo/G1 RR, 2019.

Según el economista Fábio Martínez, hay un lado positivo de la inmigración en lo que respecta a los empresarios, ya que el aumento de establecimientos administrados por venezolanos también aumenta la competencia entre empresarios en Roraima. “Los venezolanos que llegan no están acostumbrados a nuestra forma de comercio, aunque es similar. Hay algunas barreras, el idioma en sí es una de ellas. Entonces, lo que tenemos es un nuevo nicho de mercado que es bastante interesante desde el punto de vista económico”, dijo Martínez.

## *2.2 La enunciación del comercio entre lenguas*

En la construcción de esta recopilación de datos en Boa Vista-RR, caminamos por varios barrios de la ciudad en busca de establecimientos que utilicen el español en su designación. El objetivo era recoger cualquier



material escrito en el oficio, total o parcial de mezcla con el español. Después de esta encuesta, nosotros conseguimos un archivo con catorce nombres de establecimientos en Boa Vista-RR.

Las denominaciones encontradas fueron: Del Monte Gelataria E Cafeteria (heladería), El Primo.com Disco (discoteca), Guaka Guaka Latin House (discoteca), EL Patrão (distribuidor), Mister Pepito (snack bar), Salón Gabi Gabriel (salón de belleza), ArtVision (insufilm), Village (tienda de hombres), La Boutique (tienda de mujeres), Hola! Helados en Palito (heladería), “El pure” (gomos), Ellos (confección y estampación), Barbería y Peluquería Jesús Mi Fiel Amigo (barbería) y BrasCuba (refrigeración y lavado de autos).

Durante la encuesta de los establecimientos, se notó que algunos de ellos utilizaban los artículos determinantes del español “el” y “la”, hecho que llamó la atención en la enunciación porque es de fácil asimilación del idioma español.

Posteriormente, se realizó una segunda encuesta, donde se pudo hablar con algunos propietarios de manera virtual. Este método fue utilizado debido a pandemia del Corona Virus, que comprometió la investigación de campo, pues estábamos en aislamiento social teniendo los cuidados redoblados en lo que se refiere a visitas en lugares públicos. A través del internet y contactos personales obtuvimos los teléfonos de los propietarios de esos establecimientos comerciales. A partir de ese método logramos hablar con parte de los responsables, preguntando sobre las razones que los llevaron a usar el español para nombrar los establecimientos, con lo cual se descubrió que no todos son inmigrantes venezolanos, y que tenían otras razones en los nombres de sus establecimientos comerciales. Algunos se inspiraron en los viajes para afuera del Brasil, donde trajeron ideas para nombrar su negocio o tipo de negocio.

Según Guimarães (2003) “la ciudad es un espacio cada vez más habitado por palabras. Hay señales de dirección, nombres de calles, vallas publicitarias, folletos repartidos por todos lados, anuncios por megafonía, música de diversa índole, establecimientos comerciales de todo tipo” (GUIMARÃES, 2003, p.1)<sup>1</sup>. En ese universo de instrumentos de lenguajes, la designación tiene un lugar importante en la significación eficaz del establecimiento.

Para analizar las designaciones de los establecimientos comerciales de Boa Vista-RR, se insertaron en el archivo fotografías digitales tomadas por teléfono celular durante catorce días.

**Figura 3** - Establecimientos con uso del español en las designaciones (Art Vision - Auto Adesivos)



Fuente: Banco de imágenes de nuestra investigación

**Figura 4** - Establecimiento con uso del español en las designaciones (Jesús mi Fiel Amigo – Barbearia y Peluqueria).



Fuente: Banco de imágenes de nuestra investigación

**Figura 5** - Publicidad del establecimiento (BrasCuba – Refrigeración y Lavado de Autos)



Fuente: Banco de imágenes de nuestra investigación

**Figura 6** - Publicidad del establecimiento (Mister Pepito – Snack Bar)



Fuente: Banco de imágenes de nuestra investigación

**Figura 7** - Publicidad del establecimiento (La Boutique – Tienda de Mujeres)



Fuente: Banco de imágenes de nuestra investigación

**Figura 8** - Fachada del establecimiento (Village – Tienda de Hombres)



Fuente: Banco de imágenes de nuestra investigación

**Figura 9** - Fachada del establecimiento (Del Monte - Heladeria)  
EL PATRÃO – DISTRIBUIDOR



Fuente: Banco de imágenes de nuestra investigación

**Figura 10** - Fachada del establecimiento (Distribuidora e Conveniência El Patrão - Itaipava)



Fuente: Banco de imágenes de nuestra investigación

**Figura 11** - Fachada del establecimiento (El Primo – Discoteca)



Fuente: Banco de imágenes de nuestra investigación

**Figura 12** - Fachada del establecimiento (Borracharia El Pure)



Fuente: Banco de imágenes de nuestra investigación

**Figura 13** - Fachada del establecimiento (Confecções e Estamparia)



Fuente: Banco de imágenes de nuestra investigación

**Figura 14** - Fachada del establecimiento (Guaka Guaka – Latin House)



Fuente: Banco de imágenes de nuestra investigación

**Figura 15** - Fachada del establecimiento (Hola! Heladería)



Fuente: Banco de imágenes de nuestra investigación

**Figura 16** - Fachada del establecimiento (Salón Gabi Gabriel – Salón de Beleza)



Fuente: Banco de imágenes de nuestra investigación

Se percibió que los establecimientos comerciales, aun estando dentro del territorio brasileño, reciben nombres en español o mezclados con portugués. Las denominaciones están marcadas por la presencia del español y el cruce de idiomas. Estos tienden a permanecer en el comercio durante mucho tiempo.

### *2.3 El funcionamiento semántico-enunciativo de las designaciones*

Para analizar el funcionamiento del significado de las designaciones, movilizaremos los siguientes conceptos: temporalidad y espacio de enunciación. Según Guimarães (2005) es el evento el que temporaliza. Instala su propia temporalidad. No es el sujeto el que temporaliza, sino que se toma en la temporalidad del evento. El presente y el futuro en el evento trabajan para un pasado que los hace significantes. “Esta latencia del futuro, que en el evento proyecta sentido, significa porque el evento traza un pasado como memorable” (GUIMARÃES, 2005, p. 12)<sup>2</sup>. Para cada evento hay una nueva temporalización, es decir, sin ella no hay sentido, no hay enunciación.

El espacio en el que los eventos de enunciación forman la designación se conceptualiza como el Espacio de Enunciación. Por tanto, el lenguaje como análisis del hecho de enunciación no puede considerarse sin la relación con el



hablante. “Solo hay idiomas porque hay hablantes y viceversa. Los hablantes están determinados por las lenguas que hablan, siendo una categoría lingüística y enunciativa, figuras políticas constituidas por los espacios de enunciación” (GUIMARÃES, 2003, p. 54)<sup>3</sup>.

Considerando la inmigración y la frontera como un factor importante en estas denominaciones, el idioma español se expande por todo Brasil en el exterior, con lo que comienza a cruzar las dos lenguas nacionales dando lugar al “portunhol”. El cruce se produce de dos formas: por la presencia concomitante de las dos lenguas nacionales, en el mismo enunciado, o por la mezcla de estas dos lenguas, práctica conocida como “portunhol” (STURZA, 2006).

Según Guimarães (2003, p. 24) “los nombres de los establecimientos comerciales funcionan como una forma de denominar los establecimientos para que puedan ser referidos tanto por sus dueños, por sus clientes o por la gente en general” (GUIMARÃES, 2003, p.24). Estas denominaciones se encuentran por toda la ciudad, y para que estos nombres sean resaltados por las personas que pasan por estos establecimientos, los propietarios adjuntan los nombres agrandados, con luminosidad o incluso en relieve como varios otros medios para que su oficio sea notado. Con fácil acceso principalmente cuando se insertan en el mapa de la ciudad. “El espacio del hombre es solo espacio mientras históricamente determinado, y el lenguaje lo designa en este proceso histórico”<sup>5</sup> (GUIMARÃES, 2005, p. 44).

Un aspecto importante del funcionamiento de las denominaciones de estos establecimientos es la relación de la presente enunciación con otras enunciaciones, tales como: las que nombran personas, espacios comerciales, alimentarios y territoriales, entre otras. Así, la enunciación de estos establecimientos puede basarse en otra enunciación.

Guimarães (2003) afirma:

El análisis de la forma del nombre propio en una enunciación específica es para mí una reanudación de otra enunciación, la de nombrar algo con ese nombre. En otras palabras, siempre es un análisis de lo que la temporalidad del evento analizado traza como pasado (recordado) que significa con el presente y el futuro de este mismo evento<sup>6</sup>. (GUIMARÃES, 2003, p. 26). (Traducción nuestra)

Según la encuesta de datos, se observa que estos establecimientos no solo se encuentran en las afueras de la ciudad, sino que están repartidos por igual y con diversos tipos de establecimientos.

### 3 ANÁLISIS DE DATOS

Seleccionamos algunas de las designaciones de nombres de establecimientos recogidas para su análisis. Confirmamos que en el “Salón Gabi Gabriel” está ubicado en la zona sur de Boa Vista- RR, donde hay algunos albergues cercanos, y con eso hay una gran manifestación de inmigrantes alrededor. En virtual diálogo con la dueña del salón de belleza, primero se le preguntó sobre el motivo del nombre que se le dio a su establecimiento, en respuesta la dueña dijo que quería honrar a sus hijos que serían pareja, el hijo mayor por nombre Gabriel y el menor por nombre Gabriela pero con el sobrenombre de Gabi, donde formó el “Salón Gabi Gabriel”, luego se informó que incluso en territorio brasileño quería mantener el nombre de (salón) en español porque sus clientes son en su mayoría venezolanos, y que venía de Venezuela por las dificultades vividas en su país, y con eso vio que en Brasil podría rehacer su vida a pesar de pasar por ciertas burocracias, y la única dificultad vista en Brasil fue el prejuicio vivido por la inmigración, pero garantizó que “esto no se acerca ni a las dificultades que vivíamos allá”.

Analizando la denominación de este establecimiento, se hizo un homenaje a los nombres de los hijos del propietario, por lo que identificamos en el “Salón Gabi Gabriel” la presencia del recuerdo por los nombres de los niños, y la resignificación del enunciado anterior, es decir, en esta resignificación del enunciado anterior está el funcionamiento de un memorable que está en el presente del evento convirtiéndose en Salón. Lo que sucede, según Guimarães (2005, p. 12) es un recuerdo de enunciados que se da como una nueva temporalización. Según el citado autor, el evento es siempre una nueva temporalización.

En “Brascuba” ubicado en el lado oeste de Boa Vista-RR, el propietario es cubano y vivía en Venezuela, y debido a las dificultades en su país de residencia, vino con su familia a Brasil, específicamente al estado de Roraima en busca de mejoras. Como ya había trabajado en el taller de refrigeración en Venezuela adquiriendo experiencia, decidió abrir su propio negocio expandiéndolo con un lavado de autos, según el propietario, no tuvo dificultades para abrir su establecimiento, “la mayoría de mis clientes son brasileños, y algunos dicen que no siendo venezolano podría arreglar sus autos, creo que su miedo es porque los venezolanos dicen que lo saben todo, aunque no sepan que buscan aprender para poder conseguir trabajo”, dijo. Cuestionando el nombre que le dieron a su establecimiento, el dueño manifestó que quería poner algo de ambas nacionalidades, tanto de origen como de país, y así nació “Brascuba”, honrando al país anfitrión y al país de origen.

Analizando la nominación de “Brascuba”, la designación toma e incluye la enunciación de dos espacios territoriales, Brasil y Cuba convirtiéndose en uno memorable. Porque el hecho de rendir homenaje a algo o alguien por los topónimos es algo asiduo, sobre todo en los nombres propios, y también en el caso de los nombres de las calles. Según Seide (2010, p. 598) “cuando Guimarães explica que cuando un hecho histórico es seleccionado como topónimo se convierte en algo memorable”, por ejemplo, hay innumerables nombres de calles en Brasil que se llaman: São Paulo, Amapá, Rio Grande do Norte, Pará, Alagoas, 7 de septiembre, 15 de noviembre, presidente Vargas, entre otros. En el nombre “Brascuba”, se identifica con un memorable de dos países.

Durante la recogida de designaciones, pronto notamos el uso del español en algunos establecimientos debido a que los artículos “el” y “la” acompañaban al nombre del establecimiento, como es el caso de la tienda de caucho “El Pure” ubicada en el oeste de la capital de Boa Vista-RR, cuando se le preguntó al propietario sobre el significado, afirmó que puede haber diferentes significados entre el español original como se conoce de España y el español castellano, según el español castellano, el propietario de la tienda de caucho “El Pure”, afirmó que en Venezuela este sentido sería el responsable de la familia, o la persona mayor, o en el caso de establecimiento sería el dueño.

En el nombre “El Patrão” distribuidora ubicada en la zona oeste de Boa Vista- RR, según el responsable del establecimiento, afirmó que debido a que su negocio está prácticamente ubicado en las afueras de la ciudad, con una gran cantidad de inmigrantes, un gran parte de sus clientes son inmigrantes venezolanos, y con eso mezcló el nombre usando español y portugués, porque si ponía “*O Patrão*”, por ejemplo, estaría restringido solo a brasileños donde la permanencia de venezolanos podría causar algún tipo de inconveniente, sin embargo con el uso del artículo determinante “el” si se amplía a los tipos de clientes, “entonces poder visitar libremente tanto a venezolanos como a brasileños que crean que es su turno”, dijo.

Con ello, el uso de artículos que definen el español acompañados de las designaciones de establecimientos da la sensación de ampliar / abarcar, marcando esta pertenencia a los demás, tanto de brasileños como de venezolanos.

En Boa Vista-RR notamos que el portugués y el español se encuentran en una relación frecuente tanto de convivencia como de conflicto, cuando las designaciones acompañadas de los artículos determinados: “el” y “la” que acompañan a los nombres y marcan en la enunciación esta pertenencia al otro.

Estas declaraciones son típicas del mundo de la escritura.

No se trata del aspecto empírico de que un texto escrito se pueda leer más tarde (sobre todo porque hoy en día también se puede grabar un texto hablado). Se trata de un futuro constituido por una materialidad propia de la escritura, de la gráfica, que estabiliza una temporalidad significativa concreta<sup>7</sup> (GUIMARÃES, 2003, p. 30). (Traducción libre nuestra).

Por lo tanto, estas designaciones cuando están marcadas por el español y el cruce de idiomas dan un estatus permanente a las prácticas lingüísticas cultivadas en el comercio.

#### 4 CONSIDERACIONES FINALES

A través de esta investigación, se encontró que las prácticas lingüísticas en la frontera no ocurren solo de manera oral debido a la inmigración venezolana. Así, la categoría de enunciación también se utiliza como medio de funcionamiento de los lenguajes en el espacio de enunciación. De acuerdo con las denominaciones analizadas, se puede apreciar que el uso del español en los establecimientos comerciales se da de dos formas, siendo el español total o parcial los nombres dados por los propietarios.

En el análisis semántico-enunciativo, encontramos que existe una afirmación de pertenencia al español dentro del Espacio de Enunciación, donde Sturza (2010) llamó de espacio de *circular* e de *habitar*. Por tanto, hay un recuerdo de las enunciaciones utilizadas, que en el caso de la enunciación se re-significan.

En cuanto a los artículos determinantes “el” y “la” de la enunciación, tiene la función de amplificar, es decir, determinar el artículo en español es afirmar su pertenencia al otro. Esto nos muestra la relación que tiene la frontera entre Brasil y Venezuela, en este caso, que no es de rivalidad sino de unidad, ya que todos pueden compartir el mismo servicio que se ofrece en los establecimientos comerciales creados por inmigrantes venezolanos, tanto para brasileños como para cualquier otra persona.

## NOTAS

<sup>1</sup> Traducción libre nuestra. El original en portugués es: “A Cidade é um espaço cada vez mais habitado por palavras. São placas sinalizadoras de direção, de nomes de rua, outdoors, folhetos distribuídos por toda parte, anúncios em alto-falantes, música de variado tipo, luminosos de estabelecimentos comerciais de toda espécie” (GUIMARÃES, 2003, p.1).

<sup>2</sup> Traducción libre nuestra. El original en portugués es: “Essa latência do futuro, que projeta sentido no acontecimento, significa que o acontecimento traça um passado como memorável.” (GUIMARÃES, 2005, p. 12).

<sup>3</sup> Traducción libre nuestra. El original en portugués es: “Só existem línguas porque existem falantes e vice-versa. Os falantes são determinados pelas línguas que falam, sendo uma categoria linguística e enunciativas, figuras políticas constituídas pelos espaços de enunciação”. (GUIMARÃES, 2003, p. 54)

<sup>4</sup> Traducción libre nuestra. El original en portugués es: Os nomes dos estabelecimentos comerciais funcionam como forma de nomear os estabelecimentos para que possam ser referidos pelos seus proprietários, pelos seus clientes ou pelas pessoas em geral. (GUIMARÃES, 2003, p.24).

<sup>5</sup> Traducción libre nuestra. El original en portugués es: O espaço do homem só é espaço enquanto determinado historicamente, e a linguagem o designa nesse processo histórico. (GUIMARÃES, 2005, p. 44).

<sup>6</sup> Traducción libre nuestra. El original en portugués es: A análise da forma do nome próprio num enunciado específico é para mim uma retomada de outro enunciado, o de nomear algo com esse nome. Ou seja, trata-se sempre de uma análise daquilo que a temporalidade do acontecimento analisado traça como sentido passado (lembrado) com o presente e o futuro desse mesmo acontecimento. (GUIMARÃES, 2003, p. 26).

<sup>7</sup> Traducción libre nuestra. El original en portugués es: “Não se trata do aspecto empírico de que um texto escrito possa ser lido posteriormente (até porque hoje em dia um texto falado também pode ser gravado). É um futuro constituído por uma materialidade típica da escrita, do gráfico, que estabiliza uma temporalidade significativa específica” (GUIMARÃES, 2003, p. 30)

## REFERENCIAS

ARAÚJO, Fabrício. Venezuelanos empreendem para recomeçar a vida em Roraima. In. **G1 RR**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/06/25/venezuelanos-empreendem-para-recomecar-a-vida-em-roraima.ghtml>>. Acesso em: 14/03/2021.

BAR, Emmanuely e STURZA, Eliana Rosa. A designação dos estabelecimentos comerciais na cidade fronteiriça de Uruguaiana: Interface Português e Espanhol. **PERcursos Linguísticos**, Vitória (ES), V. 7, N. 14, 2017.

CATAIA, Márcio Antonio. **O uso do território e fronteiras políticas no período da globalização**. Fronteiras em foco. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2011.

GUIMARÃES, Eduardo. Enunciação e política de línguas no Brasil. **Revista Letras**. Santa Maria, n.27, p.47-53, Dez.2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11897>>. s/d/a.

\_\_\_\_\_. Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano. **Revista Letras**. Santa Maria, n. 26, p. 53-62, Jun.2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11880>>. s/d/a.

\_\_\_\_\_. A marca do nome. **Revista Rua**. Campinas, n. 9, p. 19-31, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640746>>. s/d/a.

\_\_\_\_\_. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas, SP: Pontes, 3ª edição, 2005.

\_\_\_\_\_. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SEIDE, Márcia Sipavicius. **Connotaciones socioculturales de los nombres de lugar**. Biblioteca Técnica de Política Lingüística, 2010. Disponível em: <[https://www.academia.edu/28719243/CONNOTACIONES\\_SOCIOCULTURALES\\_DE\\_LOS\\_NOMBRES\\_DE\\_LUGAR](https://www.academia.edu/28719243/CONNOTACIONES_SOCIOCULTURALES_DE_LOS_NOMBRES_DE_LUGAR)>. Acesso em: 14/03/2021.

STURZA, Eliana Rosa. **Línguas de fronteira e política de línguas**: uma história das ideias linguísticas. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) - UNICAMP, Campinas - SP.

\_\_\_\_\_. Espaço de enunciação fronteiriço e processos identitários. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 83-96, set./dez. 2010.

## RESUMEN

La frontera territorial “es la cristalización en el territorio de un límite legal, físico y simbólico, de acción de un proyecto social hegemonizado por el Estado-Nación” (CATAIA, 2011, p. 19). Sin embargo, la frontera de Boa Vista RR puede ser considerada una zona de entre-lugar de esas lenguas, siendo el español y portugués. Con la crisis económica vivida en Venezuela, muchos extranjeros inmigran para el Brasil, pero específicamente en el Estado de Roraima, en busca de recomenzar la vida. Para huir del desempleo, muchos inmigrantes se organizaron como Micro-empresedor Individual (MEI), donde al abrir un negocio local, usan nombres en español en sus establecimientos comerciales. De esta forma, se despertó el interés en buscar materialidades escritas con el uso de español en las designaciones en establecimientos de la ciudad de Boa Vista RR, donde encontramos diversos nombres de comercios en lengua española. Con ese levantamiento de datos fue realizado un diálogo informal y virtual con algunos propietarios donde fue cuestionado el motivo de la designación creada para su comercio. Posteriormente, a través de un análisis semántico-enunciativa, que se agrega al entendimiento teórico de la Semántica del Acontecimiento, se objetiva analizar el funcionamiento enunciativo en las designaciones seleccionadas con el uso del español. Por medio de ese análisis, se constató que las prácticas lingüísticas en la frontera no ocurren solamente en la oralidad debido a la inmigración venezolana, sino que se convierten también en una forma de afirmar su identidad en la sociedad roraimense.

**Palabras-claves:** Inmigración; Comercio; Designación; Frontera.

## ABSTRACT

The territorial border “is the crystallization in the territory of a legal, physical and symbolic limit of action of a social project hegemonized by the Nation-State” (CATAIA, 2011, p. 19). However, the border of Boa Vista RR can be considered a zone of between-place of these languages, being Spanish and Portuguese. With the economic crisis experienced in Venezuela, many foreigners immigrate to Brazil, but specifically to the state of Roraima, in search of a new start in life. To escape unemployment, many immigrants organized themselves as Individual Micro-entrepreneurs (MEI), where when opening a local business, they use Spanish names in their commercial establishments. Thus, the interest was aroused in searching for written materialities with the use of Spanish in the designations in establishments in the city of Boa Vista RR, where we found several names of businesses in Spanish language. With this data collection, an informal and virtual dialogue was conducted with some owners where the reason for the designation created for their business was questioned. Subsequently, through a semantic-enunciative analysis, which is added to the theoretical understanding of the Semantics of the Event, the objective was to analyze the enunciative functioning of the selected designations with the use of Spanish. Through this analysis, it was found that linguistic practices on the border do not occur only in orality due to Venezuelan immigration, but also become a way of affirming their identity in the Roraima society.

**Keywords:** Immigration; Trade; Designation; Border.





# A mulher Warao em contexto migratório na cidade de Boa Vista-RR: O “trabalho” da mendicância

*Sandra Milena Palomino Ortiz*

## 1 INTRODUÇÃO

A grave crise econômica, a política na Venezuela e as facilidades para cruzar a fronteira, enchem as cidades de Roraima com venezuelanos em busca de alimentos e uma melhor qualidade de vida. Diante do aumento na quantidade de imigrantes venezuelanos que chegam ao estado de Roraima, e do maior número de pedidos de refúgio solicitados nos últimos dois anos chegando a cerca de 110%, conforme dados divulgados pela Polícia Federal, observam-se alguns deles trabalhando nos semáforos ou andando pelas ruas de Boa Vista em busca de emprego e moradia. Muitos têm ensino superior, mas acabam assumindo funções que exigem menos qualificação e, para economizar, dividem imóveis com conterrâneos na mesma situação. Outro fator é a presença de imigrantes da etnia indígena (warao) também venezuelanos, porém alguns deles só falantes da língua warao, mesmo nome da sua etnia.

Tendo em vista essa situação, no dia 29 de novembro de 2016, foi criado em Boa Vista o primeiro Centro de Referência ao Imigrante (posteriormente chamado de Abrigo Provisório para Imigrantes Venezuelanos-APIV), pelo Governo estadual, através do Gabinete Integrado de Gestão Migratória em parceria com organizações não governamentais (ONGs) e órgãos públicos, para ajudar os imigrantes venezuelanos que vivem em Roraima. Aproveitando esse espaço de convivência dos imigrantes em Boa Vista, foi possível realizar uma pesquisa de campo para coletar depoimentos dos imigrantes venezuelanos e, assim, facilitar a discussão a respeito da sua situação, analisando a maneira como os venezuelanos estão lidando com os choques culturais e linguísticos no Brasil, assim como, também, discutir as circunstâncias nas quais se desenvolvem os seus processos migratórios e as implicações dessas migrações para o Estado.

Com esta proposta, também fica evidenciado a importância da mulher warao na comunidade indígena Warao, pois o fato de pedir dinheiro nas cidades, para elas não é um ato de mendicância, é considerado um trabalho, como o faziam na comunidade indígena Warao no Delta Amacuro quando coletavam frutos. E esse fato dá à mulher warao um empoderamento, muitas

das vezes como única provedora do lar, com inversão de papéis, o homem tomando conta das crianças maiores (pois as mulheres levam as crianças de colo para, segundo elas, despertar maior compaixão e arrecadar mais dinheiro), constituindo uma sociedade matriarcal.

## 2 CONTEXTO HISTÓRICO DO POVO INDÍGENA WARAO DA VENEZUELA

Os Waraos são originários do Delta do Orinoco, (Figura 1) localizado ao Nordeste da República Bolivariana da Venezuela, e são tradicionalmente habitantes do rio Orinoco e cercanias assim como dos afluentes desse grande rio.

**Figura 1** - Mapa da Venezuela com destaque para o Delta do Orinoco ou Delta do Amacuro



Fonte: <<http://venezuelatuyadeltamacuro.blogspot.com/2013/11/el-estado-delta-amacuro.html>>.

Os Warao são a segunda maior grande população indígena da Venezuela e vivem milenarmente no delta do Orinoco, e na beira do mar do Caribe, que compreende o estado de Delta Amacuro (40.280 hab.), mas também foram encontrados Waraos em outros estados; Monagas (6.588 hab.); Bolívar (850 hab.); Sucre (727 hab.).

Na Venezuela há, aproximadamente, quarenta povos indígenas. A distribuição aproximada de suas principais etnias no território venezuelano é ilustrada na Figura 1. Algumas dessas etnias têm seus territórios de uso e ocupação tradicional divididos por fronteiras internacionais. Os Warao são a segunda maior população indígena deste país, somando cerca de 49.000 indivíduos e encontram-se distribuídos em centenas de comunidades situadas na região caribenha do delta do Rio Orinoco, no litoral venezuelano, e em diversas cidades do entorno deste delta, em uma região que abrange todo o estado de Delta Amacuro e zonas dos estados de Monagas e Sucre. (GARCIA CASTRO & HEINEN, 1999; VENEZUELA, 2016, Apud, ;RAMOS, BOTELHO, TARRAGÓ, 2017, p. 3).

Os Warao viviam de agricultura, caça, pesca e coleta tradicionalmente para a sua reprodução sociocultural dentro do seu território, com abundância, sem precisar sair para outros espaços. Os contatos mais recentes a partir das décadas de 1920 e 1950 com a primeira frente de colonização na Venezuela, resultaram em exploração, precisamente de empresas madeireiras que interferiram de forma avassaladora sobre sua população e comunidades, promovendo a devastação do seu meio ambiente e levando diversas doenças e epidemias para esse povo.

A segunda frente de violência social, senão de desterritorialização, foi o garimpo na terra dos Warao que levou muitas epidemias; causou, a degradação ambiental, a contaminação das águas dos rios e dos peixes; e interferiu na sua forma tradicional de agricultura.

A terceira frente, não menos brutal, se deu nos últimos vinte anos quando uma grande epidemia atingiu o povo Warao, comprometendo a sua reprodução física e social. Então, os Waraos começaram a sair do seu território e a estabelecer um contato muito maior com a sociedade envolvente da Venezuela.

Saíram para vender o seu artesanato nos grandes centros urbanos venezuelanos e acessar serviços de educação e saúde. Nos últimos 20 a 30 anos exercitaram forçadamente o contato sociocultural e político-econômico

com a sociedade venezuelana. Todos os fatores elencados acima corroboram para a compreensão da sua mobilidade, antes restrita aos seus territórios ocupados tradicionalmente.

Não existem registros de outras ocupações fora do perímetro espacial e fisiográfico descrito antes que configure os Warao como povo nômade, logo o delta do Orinoco é o seu espaço tradicional de habitação. Como não existia atendimento de saúde, sendo este serviço efetuado de forma esporádica e a ausência da escola, os Warao buscaram sair do seu território para acessar esses serviços nas cidades mais próximas.

Por isso muitos Warao falam somente a sua língua materna e não falam o espanhol, a língua oficial do seu país, e muitos não são alfabetizados, sendo necessária a urgência da presença da escola para se alfabetizarem. Os que são alfabetizados têm a emergência de serem inseridos na escola para darem prosseguimento ao letramento correspondente aos seus estudos, e as crianças que não possuem nenhuma escolaridade devem ser matriculadas para iniciarem o processo de letramento.

Esse processo de apreensão através da educação é uma demanda dos Warao que querem estudar e fazer cursos profissionais para inserir-se no mercado de trabalho e contribuir para as suas famílias e com a economia do Estado brasileiro.

### 3 MIGRAÇÃO DOS WARAOS PARA O BRASIL

Em virtude de adversidades os Waraos saíram do local de origem buscando novos locais para sobrevivência, fato este que fez com que ultrapassassem as fronteiras territoriais de seu país; vindo parar ou fixar residência no estado de Roraima desde 2016. Em Roraima, estado brasileiro localizado na fronteira norte da Amazônia, alguns grupos chegam à cidade de Pacaraima, no abrigo *Janokoida*, palavra que, em Warao, significa “casa” e em Boa Vista, capital do estado, e passam a viver no Abrigo Provisório para imigrantes venezuelanos (bairro Silvío Botelho-Pintolândia I) que aloja aproximadamente 600 indígenas, onde contam com alimentação, atendimento médico, aulas de warao, espanhol, português e com outros serviços humanitários.

O abrigo faz lembrar os espaços que os indígenas ocupavam na Venezuela: há um *redário* – local onde ficam as redes para dormir – e fogão à lenha. O esforço é para que as tradições e a cultura não se percam. Ao contrário dos abrigos para os imigrantes não indígenas, em que são oferecidas três refeições diárias, nos abrigos indígenas, os acolhidos preparam os pratos; os alimentos são distribuídos para que preparem sua própria comida da forma tradicional. Isso também auxilia para que eles não fiquem só recebedores dessa ajuda humanitária e faz com que mantenham os vínculos culturais e sociais.

A mudança de país, além de afetar as condições socioculturais inerentes a esse fenômeno, causa uma sobrecarga aos sistemas de infraestrutura de modo geral, faz com que os gastos sejam ampliados de forma significativa, uma vez que a redistribuição dos benefícios faz diminuir as ações sociais locais, em virtude dos gastos com alimentação e infraestrutura.

Nota-se, contudo, um esforço desses sujeitos em manter sua cultura material e imaterial no novo local de moradia, onde apresentam as suas tradições e costumes, ficando evidente nas observações o uso de canções e produção de artesanato durante as visitas ao abrigo; assim como as narrativas de mitos.

Porém, a falta de especialização profissional para entrar no mercado de trabalho formal, sendo na maioria dos casos pela falta de documentos comprobatórios, faz com que muitos se tornem pedintes, situação encontrada nos cruzamentos das ruas em Boa Vista e em outras cidades do Brasil. As acomodações divergem dos modos de vida deste povo em sua região de origem, fato que pode ser superado com a confecção dos materiais de sobrevivência que são manufaturados pelos mesmos.

## 4 METODOLOGIA

Foram realizadas duas visitas técnicas ao Abrigo Provisório para Imigrantes Venezuelanos (APIV), no Ginásio da Pintelândia, localizado na Rua Alípio Freire de Lima, s/n, do bairro Doutor Silvio Botelho.

Na primeira visita, utilizou-se o método de pesquisa ação com enfoque exploratório qualitativo (indutivo), que estimula a pensar de maneira livre. Foi feita uma observação de maneira espontânea, abrindo espaços para a interpretação, com a finalidade de familiarizar-se com o sujeito de pesquisa e o ambiente em que se encontrava inserido. Assim, pretende-se facilitar a identificação dos aspectos culturais presentes nesse espaço de convivência.

Em uma segunda visita se procedeu à coleta de dados, por meio de instrumentos como entrevistas, com questionários previamente elaborados. Quanto às técnicas utilizadas na pesquisa, segundo Heller (1998), apud (FREITAS, 2007, p.100) “É de praxe se trabalhar com uma coleta de registro múltipla, composta por mais de uma técnica de coleta.” Sendo assim, utilizamos as técnicas da pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo do tipo exploratória, observação direta intensiva realizada tanto por meio da técnica de observação participante e em equipe que consiste “na participação real do pesquisador na comunidade ou grupo” (MARCONI E LAKATOS, 2010, p.177) e por meio de entrevista semiestruturada, gravada e transcrita de acordo

com as normas de Marcuschi (1986) “[...], pois transcrever uma entrevista é fazer recortes, estabelecer regras e critérios na transcrição [...], facilitando o processo de escolha do que é importante para a pesquisa”.

Utilizou-se também o diário de campo, pois “é um instrumento de coleta de dados que vêm diretamente dos sujeitos da pesquisa, mas é também o instrumento de coleta de reflexão do próprio pesquisador. Tem função dupla” (MARCUSCHI, 1986, s/p.). Todas as observações e perguntas consideravam as relações de significado, de tempo e espaço, ajudando-nos a interpretar a forma de ser e pensar dos participantes da pesquisa a partir da sua condição de imigrantes. Por fim, em um terceiro momento segue a classificação e análises dos dados coletados, considerando os conceitos teóricos estudados.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No abrigo da Pintolândia em Boa Vista-RR, no que tange especificamente ao papel da mulher warao, destacam-se aqui alguns pontos da pesquisa: No dia da visita ao abrigo, o líder informou que as mulheres warao que iam participar da pesquisa haviam saído para a rua, onde iam vender seus artesanatos e pedir dinheiro. Apenas duas se propuseram a participar, e o líder também queria compartilhar sua cultura e seus costumes conosco.

As narrativas a seguir falam da cultura Warao e o Papel da mulher na relação de poder na família. Aqui importa reter o que eles revelam de sua etnia e as experiências aqui no Brasil.

Primeiro tem os cuidados da casa, com as crianças; também trabalham na agricultura, no artesanato, esse é o único trabalho que há em parte dos warao, fazem cestas, redes, chapéus, temos cuidado com o que fazemos. São trabalhos dos warao. Os homens, pescam, semeiam, por exemplo, nós dizemos “cumochino”, que é parte da comida dos warao, graças ao “cumo” nós vivemos ali na nossa terra. As mulheres levam as crianças à escola, ensinam as tarefas da casa para as meninas, e os homens ensinam para as crianças a agricultura, a semeadura, a pesca e o artesanato (liderança warao em abrigo na cidade de Boa Vista-RR). (Tradução minha).

As mulheres são responsáveis por cozinhar, cuidar das crianças e dos idosos, bem como participar da colheita do cumochino, um tubérculo muito importante para a alimentação dos warao, que apenas pode ser colhido e preparado pelas mulheres.

Para Garcia Castro (2000) os Warao possuem clara divisão sexual do trabalho em suas comunidades, competem aos homens a pesca e construção de canoas e às mulheres a elaboração da farinha e a cestaria. Quando em expedição pelas cidades, algumas regras sobre divisão sexual podem se apresentar invertidas, com os homens cozinhando enquanto as mulheres trabalham fora “pedindo” em vias públicas.

**Figura 2** - Mulher warao pedindo esmola nas ruas de Boa Vista-RR (2016).



Fonte: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Mais-indias-venezuelanas-chegam-para-pedir-esmola-nos-semaforos-/22490>>. Acesso em 2016.

**Figura 3** - Mulheres warao pedindo esmola com crianças de colo, nas ruas de Boa Vista-RR (2016).



Fonte: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Mais-indias-venezuelanas-chegam-para-pedir-esmola-nos-semaforos-/22490>>. Acesso em 2016.

**Figura 4** - Mulheres warao pedindo esmola nas ruas de Boa Vista-RR (2016)



Fonte: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Mais-indias-venezuelanas-chegam-para-pedir-esmola-nos-semaforos-/22490>>. Acesso em 2016.

**Figura 5** - Mulheres warao pedindo esmola com crianças de colo, nas ruas de Boa Vista-RR (2016)



Fonte: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Mais-indias-venezuelanas-chegam-para-pedir-esmola-nos-semaforos-/22490>>. Acesso em 2016.

Considerando que o cenário sociocultural nos centros urbanos difere radicalmente do entorno a que os warao estão familiarizados, a correlação que fazem entre coletar produtos silvestres e “coletar dinheiro” parece ser a chave da viabilidade e produtividade com que estes realizam suas atividades



urbanas, levando implícitos dentro do contexto warao, padrões análogos que nos ajudam a entender essa mendicância, que é vista pela comunidade warao como um trabalho não censurável, mesmo levando as crianças de colo.

Para Ayala e Wilbert (2008, p.99), as mulheres associam o processo e a habilidade que involucra o “pedir dinheiro” com as estratégias com as quais usufruíam na região dos “caños” do Delta baixo, para coletar seus alimentos. Segundo elas, a diferença consiste em que, em lugar de adentrar-se no bosque em busca de alimentos silvestres, entram nas cidades e em menos tempo, obtêm o dinheiro suficiente para cobrir suas necessidades alimentícias. Ou seja, a incursão das mulheres warao nos centros urbanos do país (inicialmente em Venezuela, depois em Brasil) é apenas uma extensão das incursões recorrentes em busca de recursos econômicos por meio da coleta de frutos.

O período das incursões não está predeterminado, por seu caráter nômade, acampam na rua, na praça, ou parque. Mas, tal período tem um tempo médio de duração. Quando as mulheres se dirigem às cidades em busca de recursos econômicos, acampam por períodos de três a quatro semanas até conseguir arrecadar o dinheiro suficiente para os provimentos de suas necessidades durante três a quatro meses.

De outro lado, os homens são quem ficam tomando conta das crianças maiores e preparam a comida, enquanto as mulheres, sozinhas ou com seus filhos menores, “trabalham” nos pontos estrategicamente pré-selecionados dos centros urbanos. No final da tarde, as mulheres voltam para o abrigo e intercambiam critérios sobre os espaços urbanos onde a coleta de dinheiro é mais produtiva.

Aos finais de semana, elas dizem: “não trabalhamos”, no dia de sábado se dedicam ao artesanato, especialmente cestas e colares. No domingo, saem para passear ou ficar com os filhos.

Outro motivo que as mulheres warao justificam para coletar dinheiro nas ruas, é que as outras atividades que elas desempenham não são tão rentáveis como a mendicância, por exemplo, com relação à comercialização de colares, estes têm que ser vendidos na rua, porque as lojas pagam muito pouco. Mesmo assim, trata-se de uma atividade que pode ser alternada com o cuidado das crianças, pois o esposo pode vender e gerar ingresso enquanto a mulher toma conta das crianças.

Também não acham rentável manufaturar redes, pois o tempo da mulher warao elaborar uma rede pode demorar entre setenta e noventa dias, já que é um ofício alternado com os cuidados dos filhos e preparação de alimentos. Porém uma mulher warao que sai a coletar dinheiro, pode juntar em dois ou três dias de “trabalho” a mesma quantidade de dinheiro que ganharia pela

venda de uma rede, a qual pode levar até três meses de laborioso trabalho: “as vezes não compensa vender [chinchorro]<sup>1</sup>, pagam pouco e tem muito trabalho. Eu ganho mais trabalhando na rua, procurando a colaboração das pessoa”s. (Depoimento de uma indígena warao) (Tradução minha).

### 5.1 A prostituição nas cidades

Uma prática comum de algumas mulheres que se trasladam sem família às cidades é a prostituição. Conforme o livro de (AYALA e WILBERT, 2008, pp.142-143), constam vários relatos de mulheres warao que, depois de sair da comunidade indígena e ao chegar à cidade, optaram pela prostituição como meio para conseguir recursos financeiros. Algumas dessas mulheres já mantinham relações sexuais desde muito jovens, 13 ou 14 anos, e com o tempo, transformaram essa prática em um trabalho, uma alternativa para obter recursos econômicos. Alguns trechos dos depoimentos que aparecem no livro,

Antes eu saía a trabalhar na rua procurando real com minhas irmãs ...isso era muito cansativo. Estávamos em Puerto Ordaz e um senhor me ofereceu um trabalho em um restaurante (...) pero depois que comecei me sentou em uma mesa para fazer companhia a um homem, depois a outro a beber ron<sup>2</sup> (...) e assim me pagavam por acompanhar ou sair a passear com os homens (...) então fiquei aí, trabalhando com o dono que me dava comida e roupas. Depois minha irmã também começou a trabalhar comigo e então não voltamos mais para a Barrancas<sup>3</sup> (...) (mulher warao Apud AYALA; e WILBERT, 2008, p.142). (Tradução minha).

A ilusão de uma vida melhor, junto ao prato de comida e roupas, convence que vender seu corpo é mais produtivo que um trabalho de 40 horas por semana, aqui outro depoimento:

Trabalhei em casa de família. Limpava, barria, cozinhava. Me davam 80 mil bolos no mês. Bastante trabalho todos os dias. Um amigo de lá me pagou uma cerveja e me deu 30 mil bolos<sup>4</sup> por me deitar com ele (...) depois de 15 dias me deu outros 30 mil (...) eu ganhei em dois dias quase o que a senhora me paga por um mês de trabalho duro. (...) (mulher warao Apud AYALA e WILBERT, 2008, p.142). (Tradução minha).

Em outros casos, há depoimentos de algumas mães sobre a preocupação de trazer as filhas jovens para a cidade, ou leva-las às ruas para coletar dinheiro, pois, em algumas ocasiões, os homens oferecem dinheiro para a mãe permitir que a filha se prostitua com ele.

A cultura Warao reconhece a prostituição, mas não nos termos que se conhece na cultura ocidental, pois é sobre a venda de favores sexuais por dinheiro senão de uma permuta destes com a finalidade que o homem assuma a responsabilidade da manutenção de quem os concede (AYALA; WILBERT, 2008, p.145).

No abrigo da Pintolândia não foram registrados casos de prostituição.

## 5.2 *Manutenção da língua e da cultura Warao*

As mulheres warao dentro do abrigo conservam suas danças e ritos que tentam passar para as novas gerações, assim como a língua warao ensinada no abrigo por professores warao.

Ser mulher na sociedade warao requer um conhecimento íntimo com relação aos vínculos que existem entre o telúrico, cultural e cósmico. Suas crenças cosmológicas manifestam-se em cerimônias e liturgias femininas, nas quais é oferecido o sagú de *moriche* aos avôs espirituais e em troca, as mulheres pedem fecundidade para elas mesmas, proteção contra doenças das crianças e anciãos, e gozar de uma velhice sossegada.

Elas mesmas costuram seus vestidos, coloridos, e dançam em grupo, e fazem questão de se preparar para os eventos exibindo com orgulho suas vestes, os homens também participam das danças, porém guardam muita reverência com o *Kanobo*, um espírito supremo do seu sistema de crenças.

Essa dança é considerada sagrada, tem que ter bastante comida como a Yuruma; dois curandeiros que fumem bastante tabaco, eles falam com Kanobo para não ter doenças, mas no abrigo, os warao perceberam que se dançam depois de duas semanas, as doenças aparecem, então preferem não dançar. O Joba é um canto que se faz para curar um doente, com uma maraca grande vai passando por todo o corpo, até que sai a doença (..) aqui no abrigo não pode fazer porque falta a maraca. O que o curandeiro faz é simplesmente fazer uma reza para tirar a doença. (Depoimento de um warao no abrigo da Pintolândia (tradução minha)).

**Figura 6** - Grupo de dança warao. Abrigo da Pintolândia 2016.



Fonte: arquivo pessoal

**Figura 7** - Grupo de dança warao. Abrigo da Pintolândia 2016.



Fonte: arquivo pessoal

**Figura 8** - Grupo de dança warao. Abrigo da Pintolândia 2016.



Fonte: arquivo pessoal

**Figura 9** - Grupo de dança warao. Abrigo da Pintolândia 2016.



Fonte: arquivo pessoal

Desde a época pré-hispânica a mulher no Delta Orinoco tem sido coletora, artesã, fitoterapeuta, cresceu e aprendeu em seu entorno ambiental, participa da plantação de plantas alimentícias, caça de caranguejos marinhos, pesca e utilizou da sua sabedoria indígena para alimentar sua família, preparar medicinas e fabricar objetos proveitosos para a vida cotidiana como tecer chinchorros (rede) e manufatura de cestas e colares.

É muito importante para os warao manter sua língua e cultura, porém temem perder a sua identidade indígena no processo de migração, no abrigo tem uma escolinha

São os velhos, na escola, contam as histórias, as lendas, o mito. A cultura do warao é o baile, quando participam, o baile joropo, chale, só que a cultura vai se perdendo como já está perdendo nessa imigração, quando voltamos também levaremos um pouco desta cultura daqui (Brasil). (Depoimento de um líder warao) (Tradução minha).

Para Ortiz (1983) esse processo de ensino/aprendizagem se chama “transculturação”. Esta “implica a perda de uma cultura anterior” (desaculturação), já a transculturalidade vai além da simples constatação de grupos culturais diversos (multiculturalismo e demais termos já citados), revelando aqui o que é “trans”, ou seja, o que ultrapassa barreiras pré-estabelecidas, tanto geográficas como culturais, em meio a outras. “O prefixo trans, dentre seus muitos sentidos, veicula aqueles de ‘movimento através de’, ‘movimento de ir e vir’, ‘movimento perpétuo’, ‘trânsito’, ‘circulação’, ‘troca’.” (COX; ASSIS-PETERSON, 2007, p.35). Como diz Hall (2003, p.88), são os “[...] cruzamentos e misturas culturais [...] cada vez mais comuns num mundo globalizado.”

Sim, conta meu pai, que não está aqui neste mundo, que minha mãe se juntou a ele quando tinha 9 anos, ainda era uma menina como aqui (ela mostra uma criança), meu pai tinha 12 anos, cresceram no mato tirando o morilin. Como disse o warao a “Yuruma, tiravam e comiam, assim viviam. Já matava muita gente na minha comunidade, morria muito menino, ou seja, morria, morria... Minha mãe, 10 crianças morreram, nós vivos somos 5, no total seriam 15. Lá as mulheres fazem cesária para não ter muitos filhos, pela dificuldade financeira que o país passa, então não pode ter muitos

filhos, ele estava falando que antes as mulheres e os pais queriam muitos filhos quando se casavam, mas hoje não querem, hoje como mudou, hoje não tinha muitos filhos (...) Outra tradição que mudou é quando as moças se desenvolvem, o pai faz uma casinha para ela, quando passava a menstruação tomavam banho e voltavam a sua casa. Isso era antes, hoje mudou, mas ainda existe em algumas comunidades. (Depoimento de uma indígena warao) (Tradução minha).

Percebemos também que a comunidade warao no abrigo é uma sociedade matriarcal; no abrigo as mulheres são empoderadas por meio da oficina de artesanato na qual elas recebem os materiais para elaboração das peças de artesanato (cestas e colares) e cujo objetivo principal é gerar renda e retirar as mulheres da mendicância nas ruas da cidade.

**Figura 10** - Artesanato warao



Fonte: Arquivo pessoal

**Figura 11** - Artesanto warao



Fonte: Arquivo pessoal

(...) As mulheres também, eu tenho a mesma força que os homens. (...) os direitos das mulheres têm que ser respeitados, respeito um para o outro, tem que ser organizado, eu falo ¡mulheres vamos nos organizar! Algumas mulheres se incomodam, e dizem: Maria tu n~so é chefe, não pode falar assim. Por minha família a decisão tem que ser minha, sou eu quem decide o que temos que fazer, aqui (abrigo) as mulheres têm voz, já na minha comunidade não podia falar em uma reunião, não fala, só escuta. (Depoimento de uma indígena warao) (Tradução minha).

Este processo é o que Sen (2002) ressalta que o empoderamento é o processo de ganhar poder, tanto para controlar os recursos externos, como para o crescimento da autoestima e capacidade interna. São as pessoas que se empoderam a “si mesmas”, ainda que os agentes externos de mudanças possam catalisar o processo ou criar um ambiente de apoio.



O primeiro passo para o empoderamento, que deve ser o despertar da consciência por parte das mulheres em relação à discriminação de gênero: reconhecer que existe desigualdade entre homens e mulheres, indignar-se com esta situação e querer transformá-la. Para se empoderarem, as mulheres devem melhorar a autopercepção que têm sobre si mesmas, acreditar que são capazes de mudar suas crenças em relação à submissão e despertar para os seus direitos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados iniciais evidenciam que, apesar dos eventos e dos processos de migração forçada por que passou o grupo de imigrantes Waraos, a língua permanece em uso; mantêm a produção de artesanato; desejam aprender a língua portuguesa; eles sentem a necessidade de interagir com o povo brasileiro, mas sem perder a identidade indígena.

Apesar da mulher warao manter suas crenças espirituais, tradições, custódia dos filhos, e especificamente, sua contribuição e aporte no trabalho como unidade produtiva e provedora da consecução de alimentos para a família, sua entrega e submissão ao homem em seu perseverante compromisso “feminino” da maternidade marcam seu processo de sujeição e serviço no lar.

## NOTAS

<sup>1</sup> Palavra utilizada na Venezuela para significar rede.

<sup>2</sup> Bebida alcoólica típica do Caribe

<sup>3</sup> Região da Comunidade Indígena Warao na Venezuela

<sup>4</sup> Palavra no coloquial usada na Venezuela para significar bolívares que é a moeda oficial do país.

<sup>5</sup> Aqui equivale ao Buriti

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, principalmente, e ao povo warao pelo entusiasmo e acolhimento a minha pesquisa de campo, pelos momentos compartilhados durante o tempo que fui coordenadora do Abrigo da Pintolândia entre 2016 e 2017 antes da operação acolhida. E deixar aqui a minha profunda admiração pela mulher warao, guerreira e digna do orgulho da sua etnia.

## REFERÊNCIAS

- AYALA, Cecilia Lafée-Wilbert; WILBERT, Werner. **La mujer warao: de recolectora deltana a recolectora urbana**. Caracas: Fundación La Salle de Ciencias Naturales, Instituto Caribe de Antropología y Sociología. V. Monografía N° 51. 2008
- AUSUBEL, David Paul. **Adquisición y retención del conocimiento: una perspectiva cognitiva**. Barcelona: Paidós, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil (RECNEI) /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Vol.3**. Brasília: MEC\SEF, 1998.
- COX, Maria Inês Pagliarini; ASSIS-PERTERSON, Ana. Antônia. de. Transculturalidade e transglossia: para compreender os fenômenos das fricções linguístico-culturais em sociedades contemporâneas sem nostalgia. In: BORTONI-RICARDO, Stella; CAVALCANTI, Marilda. (orgs.) **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 23-43.
- DELTA AMACURO. **Mapa**. Disponível em: <<http://venezuelatuyadeltamacuro.blogspot.com/2013/11/el-estado-delta-amacuro.html>>. Acesso em 01/11/18
- GARCÍA CASTRO, Álvaro “Mendicidad indígena: los Warao Urbanos”. **Boletín Antropológico** nº 48. Enero-Abril, ISSN: 1325-2610. Centro de Investigaciones Etnológicas - Museo Arqueológico - Universidad de Los Andes. Mérida, 2000.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... et all. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- FREITAS, Helena Costa. Lopes de. A (nova) política de formação de professores: a prioridade postergada. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1203-1230, 2007.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARCUSCHI, Luiz. Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).
- ORTIZ, Fernando. **El contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Cuba: Editorial de ciencias sociales, La Habana, 1983: Del fenómeno de la “transculturación” y de su importancia en Cuba.

SEN, Gita. **El empoderamiento como um enfoque a la pobreza**. In: DEVELOPMENT alternatives with women for a new era. Dawn, 2002. Disponível em: < <https://dawnnet.org/> >.

RAMOS, Luciana; BOTELHO, Emília; TARRAGÓ, Eduardo. **Parecer Técnico/SEAP/6ªCCR/PFDC Nº 208/2017** Sobre a situação dos indígenas da etnia Warao, da região do delta do Orinoco, nas cidades de Boa Vista e Pacaraima. Ministério Público Federal-Procuradoria Geral da República 2017.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

## RESUMO

O povo Warao foi o primeiro grupo que chegou ao Estado de Roraima em 2015. Esse povo ocupa tradicionalmente o estado Delta Amacuro, localizado ao leste da Venezuela, formado pela desembocadura do rio Orinoco, um dos maiores rios do mundo e é caracterizado por uma exuberante riqueza paisagista. Este trabalho apresenta resultados referentes à pesquisa de campo desenvolvida no Abrigo da Pintolandia (Boa Vista-RR), no ano de 2016 e que teve como objetivo identificar de que forma os indígenas imigrantes venezuelanos da etnia Warao conservam sua língua, cultura, costumes e rituais, em especial, analisando a mulher warao no seu trabalho não mais como coletora de frutos na comunidade mas, sim, como coletora de dinheiro na cidade. Como metodologia, foi utilizado o método de pesquisa-ação com enfoque de caráter exploratório qualitativo (indutivo), permitindo uma observação espontânea e coleta de dados, por meio de instrumentos como entrevistas; questionários previamente elaborados, abrindo espaços para a interpretação e facilitando a identificação dos aspectos culturais presentes nesse espaço de convivência. Os Warao têm se adaptado a seu novo estilo de vida e à convivência com os *criollos* (não índios). Há aumentado o número dos habitantes, mas não sua qualidade de vida. Seu estado de saúde, no geral, o mesmo que seu padrão de nutrição, parece ter-se deteriorado. Quanto ao seu acervo cultural, constata-se a grande quantidade de material mitológico Warao em forma de literatura oral. A comunidade warao procura manter sua língua e sua cultura por meio do ensino bilíngue, do trabalho com artesanato e das danças típicas na cidade de Boa Vista-RR. Alguns já migraram para Manaus, Santarém, Belém e Brasília, porém levando consigo o costume de coletar dinheiro nas cidades, o qual é considerado como um trabalho para a mulher warao. Elas não se consideram pedintes de esmola. Ao contrário, afirmam que estão coletando dinheiro como faziam outrora, coletando frutos na comunidade indígena do Delta Amacuro, constituindo uma sociedade matriarcal com inversão de papéis e empoderamento da mulher warao, sendo em muitas ocasiões, única provedora da família. No entanto, os resultados da pesquisa apontam que apesar da mulher warao manter suas crenças espirituais, tradições, custódia dos filhos e, especificamente, sua contribuição e aporte no trabalho como unidade produtiva e provedora da consecução de alimentos para a família, sua entrega e submissão ao homem em seu perseverante compromisso “feminino” da maternidade marcam seu processo de sujeição e serviço no lar.

**Palavras-Chave:** Mulher; Mendicância; Cultura; Warao.

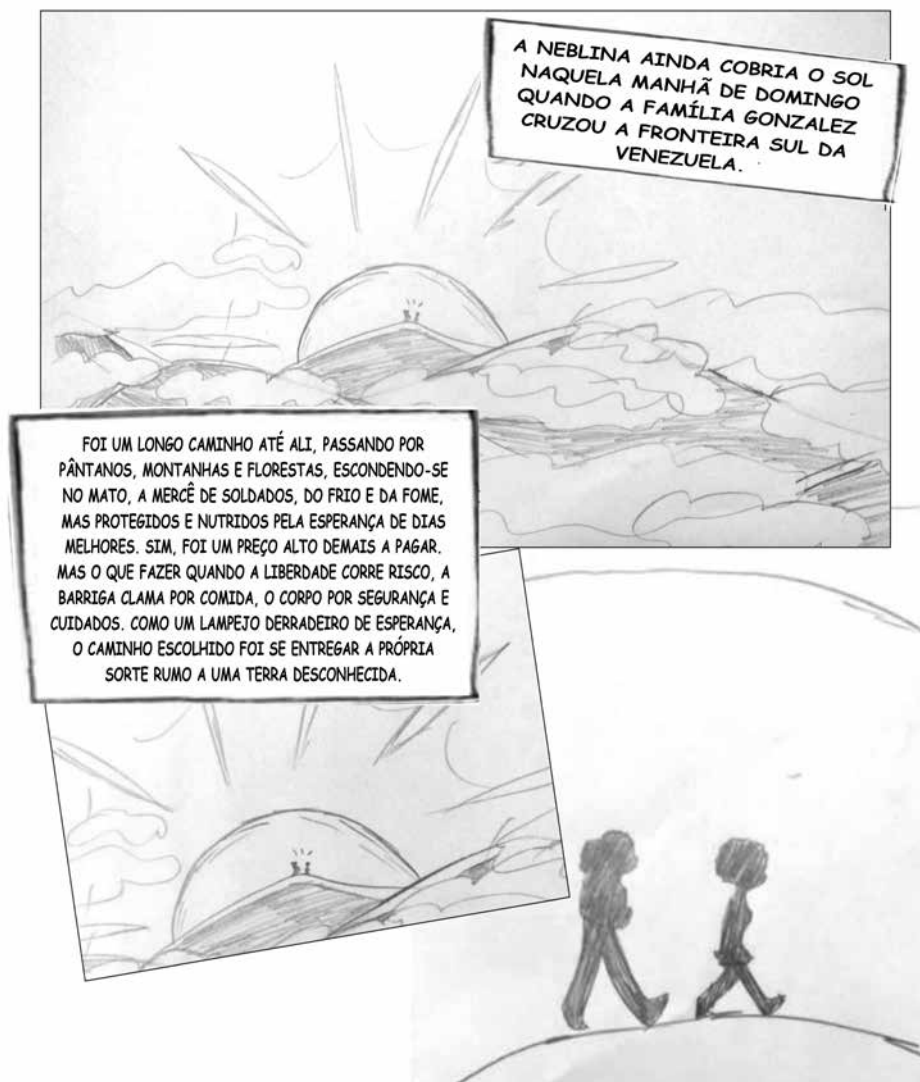
## ABSTRACT

The Warao people, were the first group to arrive in the state of Roraima in 2015. These people traditionally occupy the Delta Amacuro state, located east of Venezuela, formed by the mouth of the Orinoco River, one of the largest rivers in the world and is characterized by an exuberant landscape wealth. This paper presents results referring to the field research developed in the Abrigo da Pintolandia (Boa Vista-RR), in the year 2016 and that aimed to identify how the Venezuelan immigrant indigenous people of the Warao ethnicity preserve their language, culture, customs and rituals; in particular, analyzing the Warao woman in her work no longer as a fruit collector in the community, and yes, as a money collector in the city. As methodology, we used the method of action research with a qualitative exploratory approach (inductive), allowing a spontaneous observation and data collection, through instruments such as interviews; with previously prepared questionnaires, opening spaces for interpretation and facilitating the identification of cultural aspects present in this space of coexistence. The Warao have adapted to their new lifestyle and to living with criollos (non-Indians). The number of inhabitants has increased, but not their quality of life. Their state of health in general, as well as their standard of nutrition seems to have deteriorated. As for their cultural heritage, there is a large amount of Warao mythological material in the form of oral literature. The Warao community tries to maintain their language and culture through bilingual education, handicrafts, and dances in the city of Boa Vista-RR. Some have already migrated to Manaus, Santarem, Belem, and Brasilia, but they take with them wherever they are, the custom of collecting money in the cities, which is considered a job for the Warao women, they do not consider themselves beggars, they claim that they are collecting money as they once did, collecting fruit in the indigenous community of the Amacuro Delta, constituting a matriarchal society with role reversal and empowerment of the Warao woman, being on many occasions the sole provider for the family. However, the results of the research indicate that although the Warao woman maintains her spiritual beliefs, traditions, child custody, and specifically, her contribution and contribution to the work as a productive unit and provider of food for the family, her surrender and submission to the man in his persevering "feminine" commitment to motherhood mark her process of subjection and service in the home.

**Keywords:** Woman; Mendicancy; Culture; Warao.

# O drama da família Gonzalez: um ensaio sobre as vulnerabilidades do migrar

*Ilustrações: Luisa Albino Almeida.  
Enredo: Cristiano Rodineli de Almeida*



DEIXARAM PARA TRÁS SUA CASA EM  
BUSCA DE NOVO LAR. PARA ALÉM DA  
CONCRETUDE DA MADEIRA, DOS TIJOLOS  
E MOBÍLIA DEIXADOS...



... AFASTARAM-SE DO CENÁRIO DE SEUS ANTEPASSADOS,  
DO AMBIENTE CONHECIDO, DOS LAÇOS ESTABELECIDOS,  
DO LUGAR COMUM E DA PALAVRA QUE ENCONTRAVA  
RESSONÂNCIA NO OUTRO. DEIXARAM PARA TRÁS  
COSTUMES, HISTÓRIAS E O IDIOMA.



O PEQUENO ANGEL, NO COLO DO PAI, OBSERVAVA SUA CIDADE  
QUE, A CADA PASSO DO GENITOR, SE AFASTAVA MAIS E  
MAIS, ATÉ SUMIR NO HORIZONTE. FORA A ÚLTIMA VEZ QUE  
VISLUMBRAVA AQUELE CENÁRIO. ELE APENAS RETORNARIA  
COMO CENTELHA EM SEUS SONHOS MAIS PROFUNDOS.



A SENSÇÃO DE ALÍVIO AO CRUZAREM A  
FRONTEIRA FOI INEXPLICÁVEL!



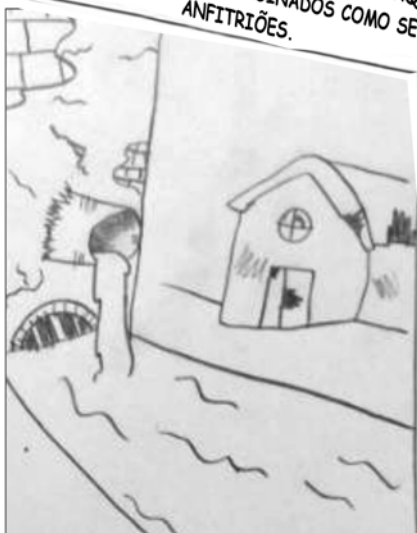
ALI, NAQUELAS TERRAS, PODERIAM,  
EFETIVAMENTE, DESFRUTAR DA LIBERDADE, DA  
SEGURANÇA E DA GARANTIA DE FUTURO, EM  
ESPECIAL, PARA O PEQUENO ANGEL.





A FANTASIA DA TERRA PROMETIDA RAPIDAMENTE SE DISSOLVEU. HAVIAM, ALI, OUTROS COMO ELES. ESSES OUTROS VIVIAM A MERCÊ DA PRÓPRIA SORTE, ESTIGMATIZADOS E PERSEGUIDOS. NÃO SE TRATAVA DE UMA PERSEGUIÇÃO POLÍTICA, SOCIAL E ECONÔMICA AOS MOLDES DE SUA TERRA NATAL. ERA DIFERENTE.

ALÍ, ERAM JULGADOS POR SEREM ESTRANGEIROS. ERAM JULGADOS POR EXISTIREM! ERAM VISTOS COMO INTRUSOS E CONSIDERADOS AMEAÇAS POR AQUELES QUE OUTRORA ERAM IMAGINADOS COMO SEUS ANFITRIÕES.



NESSA PUNTO, SOMOS REMETIDOS AO CONCEITO DE VULNERABILIDADE DEFENDIDO POR GÁZQUES (2021)<sup>1</sup>, E SUA ARTICULAÇÃO POR UMALENTE AMPLA, NÃO LIGADA SOMENTE A QUESTÕES DE ORDEM ECONÔMICA, MAS SIM POR UMA PERSPECTIVA UNIVERSAL RELACIONADA A EXPOSIÇÃO DO SUJEITO A FATORES DE RISCO. A CONDIÇÃO DE MIGRANTE FUGIDO, QUE POR SI SÓ CARREGA EM SI UMA FACETA IMPORTANTE DE VULNERABILIDADE, SOMAVA-SE A OUTRAS DIMENSÕES DE VULNERABILIDADE, LIGADAS A COR DA PELE, A POBREZA ECONÔMICO/MATERIAL, AS DIFERENÇAS CULTURAIS E DA LÍNGUA. ASCENDER A QUALQUER OUTRO LUGAR PARECIA UMA ODISSEIA DO IMPOSSÍVEL, POIS O LUGAR ATRIBUÍDO A ESSES SUJEITOS ERA DA MARGEM, DAS FENDAS, DAS LACUNAS. NO NOVO PAÍS ERAM TRATADOS COMO PESSOAS DE SEGUNDA CATEGORIA.





PARA DI CESARE (2020)<sup>2</sup>, O MIGRANTE PODE ATÉ CRUZAR GEOGRAFICAMENTE A FRONTEIRA, MAS NO CAMPO SOCIAL E SIMBÓLICO ELE PERMANECE NELA, MESMO QUE NO INTERIOR DO PAÍS DE HOSPEDAGEM. O MIGRANTE NÃO ESTÁ LÁ NEM CÁ, NO CASO DOS GONZÁLEZ, NEM NA VENEZUELA NEM NO BRASIL. SUJEITOS DE LUGAR NENHUM.



A DESPEITO DOS ESPAÇOS SUBALTERNIZADOS, PRECARIZADOS DE CUIDADO, RENDA E EDUCAÇÃO, A FAMÍLIA GONZALEZ SOBREVIVEU.

O PEQUENO ANGEL, AGORA ADOLESCENTE, IMPACTAVA-SE COM MAIS FORÇA COM A VIOLÊNCIA DAQUELE ESPAÇO. SUA PELE PRETA E SEU PORTUGUÊS COM SOTAQUE DENUCIAVAM QUE NÃO ERA DALI. ALGUNS ATAQUES ERAM DIRETOS, CLAROS E VIOLENTOS. JÁ OUTROS, VELADOS E IMBRICADOS NA FALA E NAS LACUNAS DO DISCURSO. APESAR DA SUTILEZA, PARECIAM TÃO OU ATÉ MAIS LETAIS QUE OS PRIMEIROS. COMO DIRIA KILOMBA (2019)<sup>3</sup>, O RACISMO É UMA QUESTÃO DE EQUIVALÊNCIA, SENDO NECESSÁRIO PERCEBE-LO NOS DITOS E NOS NÃO-DITOS DA FALA E DA CULTURA.

OS ESTERÉOTIPOS CONSTRUÍDOS EQUIVOCADAMENTE ACERCA DE SUA ORIGEM VENEZUELANA, DE SUA COR PRETA, DE SUA MORADIA PRECÁRIA FAZIAM COM QUE SE SENTISSE FORA MESMO INCLUSO ADMINISTRATIVAMENTE NAS REDES PÚBLICAS. COMO EXEMPLO, ESSA ESTIGMATIZAÇÃO ERA PROFERIDA PELO SISTEMA DE ENSINO QUE NÃO OFERECIA UMA ADAPTAÇÃO ADEQUADA À CULTURA E LINGUAGEM DE ANGEL, DOS PROFESSORES QUE NÃO PERCEBIAM SUAS NECESSIDADES EM SALA E NÃO FAVORECIAM SEU ENGAJAMENTO COM A TURMA, E POR ALGUNS COLEGAS QUE SE APROVEITAVAM DAS DIVERSAS CAMADAS DE VULNERABILIDADE VIVIDAS POR ESSE MENINO PARA DESTITUI-LO DO LUGAR DE HUMANO POR MEIO DAS MAIS DISTINTAS EXPRESSÕES DO BULLYING, CULPABILIZANDO-O POR SUA CONDIÇÃO DE MIGRANTE, PELA COR DE SUA PELE, POR SUA POBREZA MATERIAL, ASPECTOS QUE BANDURA(2015)<sup>4</sup> TEORIZOU COMO PARTES DO PROCESSO DO DESENGAJAMENTO MORAL.



A COISIFICAÇÃO DO MIGRANTE SE VALE, TAMBÉM, PELA NATURALIZAÇÃO DESSE FENÔMENO. EXPLICO. AS DIVERSAS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR ESSES SUJEITOS ACONTECEM SEM QUE O OUTRO SE AFETE, SE INCOMODE. A NORMATIZAÇÃO DA PERSEGUIÇÃO, HUMILHAÇÃO E VIOLÊNCIA DO MIGRANTE AOS OLHOS DOS NATIVOS NOS REMETE AO QUE ARENT (1999)<sup>5</sup> DESCREVEU SOBRE A BANALIZAÇÃO DO MAL. ELA SE CONCRETIZA NA AUSÊNCIA DA ÉTICA DO CUIDADO E DA PRESERVAÇÃO DA VIDA, COM BASE NA DIVERSIDADE QUE NOS CONSTITUI COMO HUMANOS. A DIFERENÇA NÃO PODE SER, EM HIPÓTESE ALGUMA, JUSTIFICATIVA PARA A DESUMANIZAÇÃO DO OUTRO!



PARA ALÉM DESSE CENÁRIO, HAVIA OUTRO AGENTE VIOLADOR DE DIREITOS AGUARDANDO ANGEL, OPERANDO A ESPREITA E NO AVESSE DA LEI. TRATAVA-SE DO CRIME ORGANIZADO, O QUAL SE NUTRE DA POBREZA MATERIAL, DA VIOLÊNCIA E OPRESSÃO DO ESTADO. OFERECE ESPERANÇA QUANDO HÁ DESESPERO. OPORTUNIZA CAMINHOS ALTERNATIVOS A SINA DE SUBALTERNIZAÇÃO QUE O POBRE, PRETO E FAVELADO ESTÁ FADADO A VIVER. AMARGO ENGANO! O CRIME ORGANIZADO OPERA UM SOFISTICADO PROCESSO DE ALICIAMENTO DE ADOLESCENTES, NO QUAL SE OFERECE SIGNIFICATIVO E IMEDIATO RETORNO FINANCEIRO EM TROCA DE SUA FORÇA DE TRABALHO NO COMÉRCIO DE DROGAS ILÍCITAS. IMAGINE ALGUÉM QUE ATÉ ENTÃO PASSAVA FOME SER REMUNERADO COM R\$ 1 MIL OU ATÉ MAIS EM UM ÚNICO DIA DE TRABALHO EM UMA BIQUETRA MILIONÁRIA? ALÉM DA SOMA EM DINHEIRO, O ADOLESCENTE TEM A OPORTUNIDADE DE SAIR DO ANONIMATO, DE PASSAR DE COADJUVANTE AO LUGAR DE PROTAGONISTA DA PRÓPRIA VIDA, SER RECONHECIDO, VISTO, AMADO, TEMIDO E DESEJADO. O CONVITE QUE CHEGA AO ADOLESCENTE É DA ORDEM DO IRRECUSÁVEL, COMO BRILHANTEMENTE DESCREVEU RACIONAIS MC<sup>6</sup> NA CANÇÃO VIDA LOKA: "(...) QUE CÊ QUÊ? VIVER POUCO COMO UM REI OU MUITO COMO UM ZÉ? (...)". NO CORRE, O ADOLESCENTE SE SENTE FORTE E PODEROSO, A PONTO DE IGNORAR O RISCO EMINENTE DE MATAR, MORRER OU SER ENCARCERADO.

ANGEL VIVIA TUDO ISSO SEM QUE PUEDESSE RECORRER A ALGUÉM. SEUS PAIS, EMBORA IMPORTANTES FIGURAS DE AFETO E CUIDADO, TAMBÉM ESTAVAM IMERSOS EM SEUS PRÓPRIOS PROCESSOS DE DESUMANIZAÇÃO EMANADOS PELO ESTADO TRABALHO E PELA CIDADE. DIANTE DE TANTA VIOLÊNCIA, ELES APENAS SOBREVIVIAM.



SE O ADOLESCENTE PERIFÉRICO BRASILEIRO, COM TODAS AS VULNERABILIDADES JÁ DESCRITAS, É UMA VÍTIMA FÁCIL PARA A CAPTURA DO TRÁFICO, IMAGINE O JOVEM ANGEL COM O PESO DE SUAS MAZELAS? ELE ENCONTROU NO TRÁFICO, PARA ALÉM DE UM RETORNO FINANCEIRO - QUE ATÉ ENTÃO SEQUER IMAGINAVA POSSÍVEL - A OPORTUNIDADE DE SE FAZER PRESENTE, SER RESPEITADO, VISTO, AMADO E DESEJADO.



PASSADO POUCO TEMPO DESDE SEU INÍCIO NESTA PRÁTICA, UMA DAS LETRAS MIÚDAS DO CONTRATO ESTABELECIDO COM O TRÁFICO SE FEZ VALER. FOI APREENDIDO PELA POLÍCIA E ENCAMINHADO PARA UM CENTRO DE INTERNAÇÃO PARA CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA. ENCARARIA, AGORA, UMA EXPERIÊNCIA INIMAGINÁVEL, DIFERENTE DO QUE VIVERA ATÉ ENTÃO, EM UM UNIVERSO PREENHE DE RELAÇÕES DE PODER E DE TENTATIVAS DE CONTROLE DO CORPO E DO DESEJO.



NESSE LUGAR VIVENCIARÁ A REPETIÇÃO DA INVISIBILIDADE QUE TINHA FORA DALI. CONTINUARÁ ESTANDO FORA MESMO QUE DENTRO. SUA PRESENÇA, ENQUANTO ESTRANGEIRO, NÃO SERÁ PERCEBIDA PELA POLÍTICA PÚBLICA, TAMPOUCO POR ESTUDOS DA ACADEMIA (ALMEIDA & SÁ, 2023).



EM MEIO AO VAZIO, SURGIRÁ A FIGURA DE UM PESQUISA-A-DOR. PARTINDO DA PRÓPRIA INQUIETAÇÃO E ANGÚSTIA COM O SOFRIMENTO DESSE MENINO, ESSE PESQUISA-A-DOR OFERECERÁ ESPAÇO PARA QUE SUA VOZ ECOE COMO NUNCA ANTES PODE. JUNTOS PRETENDEM SE FAZER OUVIDOS PELAS POLÍTICAS PÚBLICAS, PELA ACADEMIA, PELO SOCIAL. PARAFRASEANDO SÁ (2019)<sup>7</sup>, É ESSE MOVIMENTO QUE DESLOCA E IMPULSIONA O PESQUISA-A-DOR A ESCUTAR, COMPREENDER E ENCONTRAR SENTIDOS PARA OS VAZIOS DAS DORES QUE SE CONECTAM. MAS, ESSA É OUTRA HISTÓRIA.



## NOTAS

<sup>1</sup> María Valdés Gázquez é professora titular do Departamento de Antropologia Social e Cultural da Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha

<sup>2</sup> Donatella Di Cesare é uma filósofa, pesquisadora e docente universitária italiana. Tem se debruçado nos estudos da migração.

<sup>3</sup> Grada Kilomba é mulher preta, artista, escritora e psicóloga portuguesa. Dedicou-se aos estudos da negritude, racismo e colonialismo.

<sup>4</sup> Albert Bandura foi um psicólogo e professor universitário canadense.

<sup>5</sup> Hanna Arendt foi uma filósofa alemã de origem judaica.

<sup>6</sup> Racionais MC' é um grupo de rap brasileiro.

<sup>7</sup> Rubens Lacerda de Sá, homem preto, professor universitário, pesquisador e editor científico brasileiro. Tem como eixo de estudos temas como Discurso, Migração, Anticolonialidade, Linguagem e Educação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. R., SÁ, R. L. (2023) Panorama socioeducativo brasileiro das Medidas de privação e restrição de liberdade. **Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia**, 9 (1), 08-35. <https://dx.doi.org/10.59068/24476137panoramasioeducativobrasileiro>

ARENDR, H. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BANDURA, A.; AZZI, R. G.; TOGNETTA, L. **Desengajamento moral: teoria e pesquisa a partir da teoria social cognitiva**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

DI CESARE, D. Estrangeiros residentes: uma filosofia da migração. Belo Horizonte: Âyiné, 2020. In.: KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

SÁ, R. L. **Internacionalização, hospitalidade e ideologia: por um protocolo de acesso, acolhimento e acompanhamento**. 312 f. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2019.

GÁZQUEZ, M. V. Vulnerabilidad social, genealogía del concepto. **Gazeta de Antropología**. Jaén, v. 37, n. 1, s/p, 2021. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10481/68424>>. s/d de acesso.

## SOBRE OS AUTORES

**Luísa Albino Almeida** é uma criança de 11 anos com habilidades de dar contornos a suas narrativas. Desde muito pequena tem uma relação íntima com o criar e o desenhar. Estudante do Ensino Fundamental. Colégio Zelinda.

**Cristiano Rodineli de Almeida** é pai da Luísa, e também do Pedro e da Alice. É psicólogo e doutorando na Universidade Federal de São Paulo, onde escreveu o presente ensaio que é a apresentação de sua pesquisa com adolescentes migrantes acusados de autoria de ato infracional e internados em Medidas Socioeducativas no Brasil.

Contato: [cristiano.rodineli@unifesp.br](mailto:cristiano.rodineli@unifesp.br)  
[linktr.ee/cristianorodineli](https://linktr.ee/cristianorodineli)

São Paulo, Brasil. Inverno de 2023.





# História de vida de uma forrozeira

*Diego Corrêa de Araujo*

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma entrevista realizada para a minha pesquisa de mestrado que teve como premissa os procedimentos em história oral desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP)<sup>1</sup>. A colaboradora em questão, Hermelinda de Almeida Lopes, foi indicada por Anastácia para participar da pesquisa. Ambas, cantoras e compositoras, compuseram o que denominamos de *rede* das musicistas.

Cabe dizer que este artigo foi submetido para publicação com Hermelinda em vida. A motivação para a publicação advém de sua relevância no movimento de forró desde o final da década de 1950 com o Trio Mossoró até os dias atuais. Como a Revista Travessia segue um protocolo de análises e pareceres dos artigos recebidos, após alguns meses da primeira apreciação do artigo, e considerando o falecimento da cantora, fui notificado para atualizar a situação da entrevista em questão. Dessa forma, esta publicação se apresenta como uma singela homenagem, *in memoriam* a nossa estrela do forró, Hermelinda de Almeida Lopes<sup>2</sup>.

A entrevista com Hermelinda estava inserida no contexto de isolamento social causado pela Covid-19. Realizada de forma remota, ela precisou ser repensada algumas vezes. Nosso primeiro diálogo foi por meio de telefone no dia 18 de julho de 2020. Na ocasião, a pandemia de Covid-19 estava evoluindo cada vez mais, e as autoridades discutiam a possibilidade de decretar o *lockdown* em algumas cidades. Evidentemente que o momento não era para entrevista. Nesse primeiro contato, falamos mais sobre o cenário conturbado que estávamos vivendo do que as questões da pesquisa.

Considerando esse diálogo inicial, destaco que não foi fácil pesquisar e realizar entrevistas no contexto da pandemia. Hermelinda, por exemplo, externou vários sentimentos que perpassavam não só a ela, mas a mim também. Afinal, as mudanças drásticas de comportamentos, somadas às mortes de figuras públicas, entes queridos, amigos, conhecidos e desconhecidos, nos impactou de modo direto.

Decidi fazer o contato com ela nesse período porque não tínhamos nenhuma previsão de melhora da pandemia. Muito pelo contrário, a Covid-19 estava se disseminando cada vez mais no Brasil e no mundo todo. Pensei

que seria interessante irmos dialogando e nos conhecendo, e quando ela se sentisse mais confortável, ou ainda, caso melhorasse a situação pandêmica, a entrevista se demonstraria mais viável.

Ficamos conversando durante semanas via áudios pelo *WhatsApp*. Para além de nos conhecermos, também estávamos nos fortalecendo como uma rede de apoio em meio a pandemia. Eram assuntos diversos, mas, por conta das circunstâncias, conversamos muito sobre os cuidados com a saúde, conteúdos inevitáveis diante a pandemia, e aos poucos a temática do forró foi aparecendo.

Depois de dois meses de conversa, Hermelinda disse-me que já era possível realizarmos a entrevista. *A priori*, ela seria feita por meio do aplicativo de videoconferência chamado *google-meet*, mas tínhamos que esperar um dia em que o seu sobrinho fosse visitá-la, pois era ele que a auxiliaria no uso do aplicativo para a entrevista. Com o agravamento da pandemia e as demandas de viagens a trabalho de seu sobrinho, ficou cada vez mais difícil de acontecer esse encontro virtual para realização da entrevista. Como não havia outra forma de dar continuidade, comecei a refletir de que maneira poderíamos proceder.

A única opção era utilizar *WhatsApp* como uma ferramenta para a execução da entrevista. Ao considerar essa possibilidade, alguns pontos chamaram-me a atenção. Em nossas conversas por meio desse aplicativo, Hermelinda sempre me enviava longos áudios, e os temas abordados já estavam adentrando a sua família e as questões ligadas ao forró. Considerei relevantes esses dois fatores. E isso me levou a cogitar a possibilidade de uma entrevista via áudio por meio do *WhatsApp*; porém, antes, deparei-me com o seguinte dilema: entrevistas remotas *versus* entrevistas presenciais. Penso que as entrevistas presenciais são importantes por causa do contato pessoal. Além disso, o trajeto que o pesquisador faz até chegar ao local da entrevista, sugerido pela colaboradora, também é digno de descrições. Nas entrevistas virtuais esses elementos muitas vezes ficam mais restritos.

Se a entrevista por videoconferência restringia alguns elementos importantes para o estudo de história oral, o que pensar das entrevistas feitas via áudios de *WhatsApp*? Compartilhei essas inquietações com o meu orientador José Carlos Sebe Bom Meihy. Expliquei a ele a situação na qual essa entrevista estava inserida. O professor ressaltou a importância das entrevistas presenciais e, perante a situação, motivou-me a encarar a opção de entrevista via *WhatsApp*. A sua orientação foi a de fazer uma pergunta de cada vez e logo em seguida transcrevê-las. Pois dessa forma, entre perguntas e respostas, conseguiria me organizar melhor no trabalho com os envios de áudios.

Após essa orientação, segui para conversar com Hermelinda no mês de setembro de 2020. Com a impossibilidade de realizar uma videoconferência, ela gostou da ideia de entrevistas por intermédio do *WhatsApp*. Antes de

iniciar, expliquei novamente do que se tratavam as questões que seriam feitas, eram perguntas abertas que remetiam a sua história de vida<sup>3</sup>.

Começamos a entrevista no dia 21 de setembro de 2020 e finalizamos no dia 23 do mesmo mês. Para dar início, perguntei de onde veio o seu nome e a partir daí seguimos<sup>4</sup>.

**2 “ESSAS SÃO AS ÚNICAS PESSOAS QUE DEVO MUITO: MEU PAI E A MINHA MÃE. TUDO COMEÇOU ATRAVÉS DELES. SE NÃO FOSSE OS DOIS NÃO EXISTIRIA TRIO MOSSORÓ NEM HERMELINDA”.**

Vamos lá, meu amigo... Vou começar agora! A gente esquece os sobrenomes dos velhos... Meu pai era Messias Lopes de Macedo, um cearense bom, e a minha mãe paraibana, Joana Almeida Lopes. Os dois se conheceram em Mossoró quando o meu pai foi trabalhar na cidade e a minha mãe tinha ido passar as suas férias lá. Depois de seis meses eles se casaram.

Minha mãe nasceu na cidade de Bananeiras que fica próximo de Cacimba de Dentro na Paraíba. Era uma cidadezinha muito pequena. Quando o meu pai chegou em Mossoró, ele se apaixonou por minha mãe, ela era muito bonita. Novinha, tinha catorze anos de idade. Olha! Cheirando a leite... O velho se empolgou. Velho entre aspas, né?... Na época ele tinha uns trinta... trinta e um anos, por aí. Fizeram dezesseis filhos juntos!

Meu pai era um homem muito apaixonado pela minha mãe. Demais! Demais! Era... Até Jesus o levar. Ele faleceu com cento e dois anos, totalmente lúcido. Rodava esse Rio de Janeiro todo. A recordação que tenho do meu pai e da minha mãe era o amor que eles tinham muito grande um pelo outro. Embora, já velhos, ela com sessenta e poucos anos e ele com setenta e não sei quantos... Era uma ciúmeira que um tinha do outro... Eu achava aquilo maior barato, morria de rir.

O meu pai cuidou da parte financeira da família, ele era comerciante. Foi ele que praticamente bancou o Trio Mossoró. Mas a pessoa que o incentivou, que ficava em cima dele para ele fazer as coisas foi a minha velha. Minha mãe tinha muito orgulho de ver os filhos cantando. Essas são as únicas pessoas que devo muito: meu pai e a minha mãe. Tudo começou através deles. Se não fosse os dois não existiria Trio Mossoró nem Hermelinda.

Os sobrinhos da minha mãe gostavam muito de música e a minha mãe sempre ficava ali no meio deles cantando, mas o pai e a mãe dela não a deixavam cantar. Naquele tempo eles não queriam de jeito nenhum que ela fosse cantora. Tinha esses negócios naquela época... Minha mãe gostava muito de música, por isso que ela me incentivava bastante. E o meu pai carregava aquele humor cearense, típico de um artista.

Conheci toda a família do meu pai, os Crateús, eles são do Ceará. A família de papai é da família Aragão com Ximenes, faz parte da família do Renato Aragão, comediante da Globo. Eles são primos, eram porque meu pai morreu... Minha mãe era sobrinha de Zé Américo de Almeida, que era da família Almeida. Ele era poeta e foi governador da Paraíba. Meus pais se casaram e viveram um bom tempo em Mossoró. Minha mãe tinha catorze anos de idade e o meu pai era quinze anos mais velho que ela.

Quando vim para o Rio de Janeiro com o meu irmão João, para tocar com meu irmão Oséas, a minha mãe não aguentou a distância e botou na cabeça do meu pai que eles deveriam se mudar para o Rio. Dois anos depois eles estavam morando aqui perto da gente. Viemos para o Rio na companhia de minha irmã Laurinha Lopes, que era a única maior de idade. Era ela que tomava conta da gente.

Esse meu nome veio da minha tia, irmã do meu pai, que também se chamava Hermelinda. Ela tinha falecido quando nasci. Acho que foi uma homenagem que ele fez para ela. Meu nome é difícil de marcar, né?... Lembro-me muito de Luiz Vieira que dizia que o meu nome deveria ter sido Bila, que é meu apelido. Aí, pegava rapidinho! A verdade é que Hermelinda é muito difícil de lembrar.

Graças a Deus a minha infância foi muito boa em Mossoró. Brincava muito no colégio das freiras onde estudei. Lá tinha um mini parquinho com roda gigante, balanço, canoa, que era tipo uma balança também, mas em forma de canoa. Amava pular cordas... Não tenho o que reclamar da minha infância. Brincava de boneca, fazia mesinha, cadeira, tudo com caixinha de fósforo. E a maior parte das bonecas eram de pano. Elas eram lindas! Era muito bom... A gente viveu a infância de verdade.

Quando eu tinha treze anos, comecei a me envolver mais com a música. Meu irmão Oséas ia fazer aniversário, e para a sua festa a minha mãe pediu aos filhos:

— Vocês vão ter que fazer uma homenagem para o irmão de vocês. Vamos fazer uma festa de aniversário para Oséas... Quero que vocês cantem alguma coisa...

Em três dias, meu irmão João que era compositor me ensinou a tocar triângulo, foi quando aprendi algumas músicas da Marinês. Mas eu não era muito chegada em cantar, meu negócio mesmo era brincar, ainda era muito criança. Mas foi dessa apresentação que começamos a tocar juntos, eu no triângulo e meus irmãos Oséas na sanfona e João na zabumba.

Nessa época ainda não era o Trio Mossoró, chamava-se “Oséas Lopes e Seus Cangaceiros”. Fizemos muitas apresentações na Rádio Tapuyo. Costumo chamar de “auditórios” essas apresentações. Era lotado total! A gente tocava uma vez por semana. O dinheiro era todo nosso. Ficamos nessa programação por mais ou menos um ano.

Mas não era igual ao movimento que a gente via no Rio de Janeiro. Foi por isso que meu irmão Oséas decidiu ir para o Rio tentar fazer sucesso com música. Mossoró era interior, não tinha muito movimento, era muito fraco.

Chegando no Rio meu irmão não encontrava músicos para acompanhá-lo, mas ficou por pouco tempo sozinho. Ele ligou para o meu pai pedindo para ele mandar eu e João para o Rio, para continuarmos acompanhando-o. João tinha onze anos e eu catorze. E não deu outra... Meu pai alugou um apartamento para nós na rua Senador Vergueiro, no Flamengo. Ali foi uma maravilha! Iniciava-se a minha juventude...

Eu era muito fã de Elis Regina, tinha todos os discos dela. Eu tinha uma vitrolinha, levava na casa da minha amiga Elisabete, – a gente ficava escutando os discos da Elis, eu imitando-a e o irmão dela o Jair Rodrigues. Essa época foi muito boa! A gente ia no clube Guanabara brincar no carnaval... Era matine, às quartas, às oito. Sempre tinha uma pessoa adulta com a gente, a mãe ou a irmã de alguém da nossa turma. Era um grupo de garotos e garotas. Foi uma juventude muito sadia. Muito diferente de hoje onde o pessoal só pensa em beber e usar drogas. Carnaval, hoje, não existe. Naquele tempo a gente realmente brincava. Eu sambava pra caramba!!! Gostava demais! Fui levando a minha vida assim.

Se eu pudesse voltar atrás, gostaria muito de ter estudado e me formado em Direito. Quem me dera... Me arrependo demais. Eu era louca pela carreira de Direito. Eu devia ter feito, essa que é a verdade. E olha que o meu pai tinha condições de me proporcionar isso. Eu teria outra vida. Eu acho. Não teria passado por determinadas coisas que passei. Fui uma pessoa criada para casar e viver todas as maravilhas da vida como o meu pai e a minha mãe.

Mas naquela época era difícil estudar porque a gente fazia muitos shows. Só seria possível há uns vinte anos. Mas enfim... “Águas passadas não movem moinhos”. Não adianta. Gostaria de ter a cabeça que tenho hoje naquela época. Mas pensando bem, não tinha como estudar. Chegava tarde das apresentações... Como iria fazer para acordar cedo e estudar?... Meu amigo... Só com muita vontade mesmo. Com isso foi acabando a minha vontade de estudar. Fui deixando de lado. E depois que casa... Pronto! Aí, fica mais difícil ainda, infelizmente.

Divorciei do meu último marido. Ele era músico, compositor e cantor. Era uma pessoa muito boa. O mal dele era a bebida, e isso acabou com a minha carreira e com a dele porque na hora que tinha que fazer show, cadê ele?... Já estava bêbado. Aí já viu, né?... Eu estava numa fase muito boa de sucesso. Não parava de fazer shows, mas tinha esses detalhes... Ele tinha que ficar em casa e eu ia fazer os shows porque era contrato e tinha que cumprir.

O único casamento que vejo que deu certo foi dos meus pais. Eles formavam um casal lindo de viver. Minha mãe faleceu primeiro e o meu pai continuou vivo. Ele sofria muito porque não se conformava com a morte dela.

Os dois eram apaixonados verdadeiramente. A gente não vê mais isso nem a “pau”. Não vê! Os casamentos de hoje duram uns três, no máximo quatro anos, logo se separam. E quando se separam, a mulher tem que aguentar o diabo... Então não dá para mim não!

Minha profissão era cantar e voltar para casa. Mas fiz muitas amizades no Rio de Janeiro. Ia na casa de Jackson do Pandeiro, que era no bairro da Glória. Ia para fazenda de Luiz Gonzaga... Com dezoito anos comecei a namorar Gonzaguinha, mas isso durou pouco. Terminei porque eu não era namorada, e o cabra morava em Miguel Pereira, onde ficava a fazenda de Gonzagão, e eu morando na Praia do Flamengo... Meu amigo, era uma longa caminhada... Percebi que era um relacionamento sem futuro.

No Rio de Janeiro a gente se envolveu muito com o pessoal da MPB: Wanderléia, Erasmo Carlos, Paulo Sérgio, Golden Boys, Renato e seus Blue Caps, Jerry Adriani, Vanderlei Cardoso... Convivíamos com esse pessoal. Ali ninguém tinha inveja de ninguém. Se pudesse, um ajudava o outro, entendeu?...

A coisa era mais complicada no forró. Modéstia parte, ninguém tinha condição de “puxar o tapete” do Trio Mossoró, essa que era a verdade. Graças a Deus! Tentavam puxar, mas não conseguiam. Graças a Deus o Trio era muito querido pelo pessoal da Globo, da TV Excelsior, também tinha o grande Luiz Vieira, muito parceiro nosso. A gente era muito querido, “nego” que chegava para tentar barrar as coisas não conseguia.

O Trio Mossoró entrava em diferentes ambientes, inclusive nos ambientes de protesto da época. Luiz Vieira convidou a gente para fazer algumas apresentações em teatros onde aconteciam os protestos.

Quando cheguei aqui no Rio eu era chamada de matutinha: “olha a matuta aí!”, “a pau de arara”. Dessa forma que fui recebida. Eu dizia:

— Eu sou e me orgulho de ser pau de arara e matuta!

Porque ser matuta significava ser uma mulher tímida, mas ao mesmo tempo brava e forte. Eu tirava um proveito disso e não dava confiança para os caras. Naquela época não era brincadeira, eu era garota, comecei com catorze anos. Cheguei aqui no Rio faltando um mês para fazer quinze anos. Era uma menina bem matuta mesmo... Matuta modo de dizer, né?... Eu era muito tímida. Naquela época, as meninas do interior geralmente eram assim. Hoje em dia não, elas sabem mais que a gente.

No Rio, eu e meu irmão chegamos com o nome de “Oséas Lopes e Seus Cangaceiros”. Quando fomos gravar na Copacabana Chantecler, o Nazareno de Brito, que era o diretor e produtor, falou para o meu irmão que esse nome de “cangaceiro” não estava bom. Aí, meu irmão disse:

— Olha, já deram umas ideias de ser Trio Mossoró...

Nazareno respondeu:

— Pronto! Esse aí tá bom! Esses “cangaceiros” não...

Assim iniciou a nossa jornada no Rio de Janeiro. Acho que fomos os forrozeiros mais abraçados pelo Rio. Naquele tempo já tinha muito forró na cidade, como a gente se vestia bem, tínhamos uma boa apresentação, o grupo entrava com mais facilidade na mídia. E as vezes eu cantava umas músicas fora do forró, por exemplo “Sá Marina”.

No início a gente começou a se apresentar com chapéu de couro... Toda aquela roupa nordestina, mas depois que começamos a entrar na mídia o nosso figurino mudou. Tocamos em muitos programas de televisão. Fizemos muito com o Chacrinha. Lembro de alguns apresentadores da TV como Paulo Gracindo, Manoel Barcelos, César de Alencar e Jair Taumaturgo. Dessa época, eu só lembro da gente cantando “Carcará”. Tempo em que a TV pagava cachê para os músicos. Hoje a gente paga para cantar, – o tal do jabá...

Naquele tempo a TV Rio era como se fosse a globo de hoje. Tinha a TV Tupi também. Era programa de segunda a segunda na televisão. Nesse meio tinha muita gente da MPB, por isso que tínhamos mais proximidade com essa turma, como falei anteriormente.

Em 1965, quando o trio gravou “Carcará” que era eu que cantava, fomos fazer uma excursão pelo Nordeste. Começamos em Recife, depois fomos para Mossoró, Fortaleza... Depois mais três cidades do interior do Rio Grande do Norte: Areia Branca, Macau e Caicó. Na sequência fizemos um show em Teresina, em São Luís do Maranhão, foi aí que começamos a ser reconhecidos no Norte e no Nordeste. Depois dessa excursão voltamos para o Rio, pois era o lugar onde aconteciam as coisas. Tinha de tudo. Nesse retorno participamos muito de um programa chamado “Ciranda nos Bairros” e continuamos tocando nos programas do Chacrinha, que se destacava com as suas atrações musicais.

Trio Mossoró recebeu um troféu muito importante para a época, o “Troféu Euterpe”, era o “Oscar do troféu”. Hoje não existe mais, virou o tal do “Antena de Ouro”. Mas esse “Euterpe” era uma premiação muito importante. Quem escolhia os artistas não era a Ordem dos Músicos, mas sim a Academia de Letras. Era muito chique! A entrega dos prêmios foi no Teatro Municipal, uma festa muito bonita! Quem passou o troféu para a minha mão foi o presidente da Academia de Letras, um senhor bem velhinho, acho que ele já deve ter morrido porque na época ele já tinha os cabelinhos todos bem branquinhos. Ele demorou um tempão para me entregar o troféu. E eu tímida, tremia-me que só a peste para segurar o certificado junto com o troféu. Aquele “bicho” pesava que só um “chumbo”...

Tenho várias músicas gravadas por músicos intérpretes, uma delas foi a Elba Ramalho que gravou, “Toque de Fole”: “Dedo no couro é pandeirada, mão na zabumba é zabumbada...” Quando gravei essa música, usava o meu

pseudônimo de compositora – Ana Paula. Essa história de pseudônimo foi o meu irmão que inventou. Não sei por quê. Talvez para separar a Hermelinda cantora da Hermelinda compositora. Compus algumas músicas em parceria com o meu ex-marido Bastinho Calixto, também compunha com outros músicos como Dominginhos. Esse envolvimento com os artistas sempre foi muito produtivo, só tem a somar.

Recentemente aconteceu uma coisa interessante em São Paulo... Os DJ's que tocam nas casas de forró atuais, começaram a tocar as músicas do Trio Mossoró, as músicas que eu cantava. Não demorou muito o pessoal do Nata Forrozeira entrou em contato comigo para eu cantar no festival deles. Fiz dois anos seguidos. Os forrozeiros redescobriram o Trio Mossoró. Eu não cantava mais, entendeu?... Aí, nós juntamos o Trio e fomos fazer o Nata Forrozeira de 2016, que foi uma verdadeira loucura... Coisa de doido de tão bom que foi! Tanto que hoje eu canto como Hermelinda e também com o Trio Mossoró. O Trio Mossoró é um pouco difícil de fazer apresentações porque fica caro, pois os meus irmãos moram em outro estado, por isso que as vezes faço como Hermelinda.

Após essas apresentações começaram a surgir vários convites. Fizemos um baile próximo da avenida Paulista... O nome do lugar era “Meu Forró”. Estava lotado! Lembro que tinha um painel imenso com o retrato da gente com chapéu de couro... Impressionante! Até hoje o empresário diz que aquele show foi uma apresentação do século, porque realmente foi uma loucura quando o Trio Mossoró entrou no palco.

Antes da pandemia fui convidada por um menino de uma casa de show para tocar em São Paulo. Não lembro o nome dele agora, mas é uma casa de show bem conhecida em São Paulo. Ele queria contratar o Trio Mossoró, mas chegou à pandemia e não deu certo.

As músicas que fizemos há trinta e cinco... quarenta anos, começaram a estourar no circuito de forró: Festival de Itaúnas, Aldeia Velha, Nata Forrozeira, Rootstock, nas casas de forró em São Paulo e em outros estados. Começaram a surgir vários shows.

Quando participei do Festival de Itaúnas... Rapaz... Foi uma coisa muito louca, mas muito louca mesmo! Quando comecei a cantar as músicas, todo mundo cantava junto, entendeu?... Eu fiquei muito emocionada! Cheguei até a chorar no palco!

Também participei de um festival em Lisboa, que se chamava “Baião Vai”, foi lindo também. Toquei em uma outra casa também em Lisboa, foi bom demais! E assim foram se abrindo as portas.

Não sei se você já viu o meu minidocumentário... No meu perfil do *instagram* tem, meu sobrinho botou recentemente. Foi gravado em Portugal. Ele repercutiu muito nas redes! Eu sei que o forró com essa turma de hoje está bom demais! É fora de série, né?...



Quando fui para Portugal a Anastácia também foi, eu fui na segunda e ela na sexta-feira, e o show, se eu não me engano, foi no sábado. Fizemos juntas. Depois eu fiz um só, com outros artistas que estavam por lá. Foi muito maravilhoso. Vixe!!! Agora tenho uma porção de amigos no meu *facebook*, muita gente de Portugal me manda mensagem. Acho que já tem uns onze anos que fui a Portugal ensinar forró.

Tenho vontade de voltar para Portugal porque eu amei de paixão aquele país. Gostei demais, demais, demais! Me senti em casa. Só fiquei um pouco incomodada depois porque fiquei uma semana em Portugal e poderia ter aproveitado e conhecido a França, são algumas horas de trem, quer dizer, de trem bala, né?... É num instante. Ia nem que fosse para passar um dia e no outro ir embora. Daria para conhecer os pontos turísticos, bater umas fotos, tomar um café...

Esse pessoal que contratava os músicos brasileiros para outros países, eram os próprios brasileiros, produtores que trabalhavam aqui e que viram que o forró lá fora também era um caminho a se seguir. Um deles era o Araújo que produzia o Nata Forrozeira, ele que fazia esses contatos. Tanto que ele passou a produção do Nata para outro rapaz. E o de Lisboa é o Henrique Matos, ele é professor de dança de forró, tem uma academia de dança em Lisboa.

Eu imaginei que a viagem a Portugal não seria boa, mas compensou muito. É um país maravilhoso e tem um povo fora de série! Eles adoram um forró, gostam muito de uma sanfona. Não pode ouvir a “zoada” de uma sanfona que ficam tudo doido. Foi muito bacana! E eu me senti como se estivesse no Brasil. Fiquei muito contente com o sucesso internacional do Trio Mossoró.

Aqui no Brasil também fizemos muito sucesso no Nordeste e agora com o pessoal mais jovem de São Paulo... Em 2018, meu irmão Carlos André foi receber o troféu “Gonzagão” de sessenta e três anos de existência do Trio Mossoró lá em Campina Grande. Como Oséas tem mais tempo de carreira artística, em 2019 ele foi homenageado como cantor, produtor, compositor, diretor de gravadora... O bicho fez muita coisa! Ele assobiava e chupava cana ao mesmo tempo!...

Mas essa pandemia está empacando muita coisa, meu amigo. Realmente bagunçou a vida de todo mundo, né?... Eu ia fazer uma temporada em São Paulo, no estado todinho... Era um projeto da Secretaria de Cultura. Um amigo que estava organizando, mas as apresentações foram canceladas por causa da pandemia.

Essa pandemia está parecendo o fim do mundo. Nos meus setenta e cinco anos, nunca vi uma coisa dessa. Já passaram vários vírus barra pesada, onde muita gente morreu, mas não foi publicado e nem ficou dessa maneira

como esse vírus está. Hoje é perigoso você se sentir mal em casa por uma coisa qualquer, e quando chegar ao hospital o médico dizer que vai ter que entubar. Entubar é muito complicado. Fora o pessoal que está passando fome e sofrendo muito com essa pandemia...

Agora vou pedir licença porque eu não deixo de rezar o meu tercinho. Nessa pandemia a gente tem que orar muito, para todo mundo. Pedir a Deus que as pessoas se conscientizem mais, né?... Sejam mais amigas uma das outras, ajudem mais uns aos outros. Tenham mais amor à vida. A vida é tão boa, e estar viva para contar essa história é melhor ainda.

## NOTAS

<sup>1</sup> “A experiência nordestina no contexto paulistano: o pé-de-serra”, título da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades – USP (PPGHDL) em meados de 2022.

<sup>2</sup> (\* 31/10/1945 † 1/04/2023)

<sup>3</sup> Após seis meses da realização da entrevista, descobri que existia um aplicativo para celular que grava vídeo chamadas feitas pelo *WhatsApp*. Já que o *WhatsApp* se demonstrou como a única opção para a entrevista, o aplicativo de gravação poderia ter nos aproximado um pouco mais através do vídeo. Na ocasião, ainda não existia chamada de vídeo no *WhatsApp*.

<sup>4</sup> Embora tenha iniciado com a pergunta sobre o seu nome, no processo de textualização da entrevista, o texto foi reorganizado em uma ordem cronológica e devidamente validado pela própria Hermelinda.

## RESUMO

Este artigo é fruto de uma entrevista realizada para a minha pesquisa de mestrado que teve como premissa os procedimentos em história oral desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP). A colaboradora em questão, Hermelinda de Almeida Lopes, foi indicada por Anastácia para participar da pesquisa. Ambas, cantoras e compositoras, compuseram o que denominamos de rede das musicistas.

**Palavras-chave:** História de vida; Nordeste; Música.

## ABSTRACT

This article is the result of an interview carried out for my research master's degree that had as its premise the procedures in oral history developed by the Oral History Studies Center (NEHO-USP). A collaborator in question, Hermelinda de Almeida Lopes, was nominated by Anastácia to participate in the research. Both singers and songwriters, They formed what we call the network of musicians.

**Keywords:** Life's history; Northeastern; Music.

# A memória familiar dos albergados da Casa do Migrante

*Sidnei Marco Dornelas*

## 1 INTRODUÇÃO

Quem são os albergados da Casa do Migrante, antiga Associação dos Voluntários pela Integração do Migrantes - AVIM? Esta talvez seja propriamente a pergunta que vem à mente ao se colocar a tarefa de conhecer a situação familiar, ou um pouco da história de vida daqueles que se alojavam nesta instituição entre os anos 1998 e 2001.<sup>1</sup> Trata-se de um aspecto entre outros, como a sua inserção no mundo do trabalho ou a ocupação do tempo livre, numa pesquisa que teve por objetivo pesquisar o acolhimento institucionalizado de migrantes na cidade de São Paulo. É justamente no interior do enquadramento institucional deste albergue, nos espaços e tempos disponíveis, sob a intermediação de seus diretores e funcionários, que se buscou ouvir fragmentos da história familiar dos albergados. Logo, esse enquadramento dá os limites e ao mesmo tempo condiciona o seu discurso, que se dirige para um interlocutor, no caso o pesquisador, que assume o rosto da sociedade normatizada, “bem-pensante”, que o albergue lhe apresenta para que ele possa se pronunciar, e declarar quem ele é. Assim, tendo em vista o elo entre a situação em que se encontravam os albergados na instituição e a construção de sua trajetória familiar, na passagem de sua família de origem para a constituição do que poderia ser sua própria família, é que se indaga sobre o sentido de sua estadia num albergue que tem por finalidade, de alguma maneira, se apresentar como uma “casa” em que momentaneamente podem se abrigar.

## 2 A SITUAÇÃO DE DESLOCAMENTO DOS ALBERGADOS

A própria situação de se ver obrigado a pedir pouso num albergue “público”, às vezes por um período de tempo bastante prolongado, denuncia algum tipo de deslocamento em relação ao seu meio familiar. Os depoimentos dos usuários do albergue Casa do Migrante, quando relatam incidentalmente sua história de família ou sua trajetória de trabalho, buscam de alguma maneira explicar e justificar sua situação atual. Estudos anteriores sobre o perfil dos albergados na AVIM, que se tornaria posteriormente a Casa

do Migrante, mostram de maneira muito clara que eles são, em sua grande maioria, homens sós, em idade produtiva, sem trabalho, às vezes com um histórico já prolongado de desemprego ou de desqualificação profissional. (CUTTI, 1997; DORNELAS, 1997, 1998; CAMILO DA SILVA, 2002) Em vários outros contatos também se percebeu que a maioria apresenta histórias familiares de ruptura com o núcleo doméstico original, representados pelo pai e a mãe, ou sendo educados por outros parentes: padrastos, tios, avós, etc. Numa visão geral, todos parecem ter alguma dificuldade em se relacionar com familiares, distantes ou próximos, procurando permanecer o maior tempo possível no albergue, ou já possuindo uma trajetória de permanência em outros albergues, ou mesmo de pernoite nas ruas.

Tendo esse panorama de fundo, através da mediação dos funcionários e responsáveis da instituição, chegou-se à realização de entrevistas, em que, entre outras coisas, estava em pauta qual era propriamente a situação atual dos entrevistados em relação aos seus familiares, ou como fora sua trajetória de vida até chegar ao albergue. Diante dos depoimentos coletados, uma primeira pergunta seria sobre a concepção de “família” que estaria na base de seus depoimentos. Estudos sobre o relação dos migrantes com o processo de migração interna e urbanização em nosso país vêm apontando para o lugar fundamental da família do migrante em toda sua trajetória. Uma constatação é a de que os padrões familiares dos migrantes na cidade seguem aqueles que perduram entre as famílias pobres nas sociedades rurais tradicionais: a família conjugal, formada por pais e filhos (DURHAM, 1973, p. 60). Esse núcleo doméstico, ao mesmo tempo em que é uma “unidade produtiva mínima” e autônoma, também está sujeito a uma instabilidade constante devido à pobreza de seus meios de vida, com uma tendência inevitável à segmentação. Esta fragilidade inerente à unidade familiar faz com que ela busque apoio em sua rede de vizinhança ou de parentes próximos, a fim de superar as diversas dificuldades advindas de sua precariedade de vida. No meio rural existe já uma recorrente fragmentação das unidades domésticas ao longo do seu desenvolvimento, com a formação de redes locais de sociabilidade, o que se reflete nas trajetórias de migração no meio rural, como estratégias de sobrevivência, estendendo-se também no meio urbano. Os indicativos de tais percalços em suas histórias de vida são abundantes nos relatos dos entrevistados de nossa pesquisa.<sup>2</sup>

No entanto, estudos sobre famílias pobres em meio urbano, oriundas do meio rural em décadas de migração interna, mostram também como o entendimento que possuem sobre a importância da família é algo mais complexo do que sugeririam os meros vínculos de “parentesco”. A família obedece, antes de mais nada, a uma “ordem moral”, constituída por uma rede de obrigações e laços de fidelidade. Sendo a família conjugal ainda a

unidade básica, porém agora dependente dos empregos urbanos, buscam ainda mais o apoio necessário na rede de vizinhos, amigos e parentes, da origem ou da cidade, em quem julgam poder confiar. A “família” acaba abarcando, e por vias da necessidade, selecionando aqueles com que se pode contar. (SARTI, 1996, p.63) Essa trama de relações de fidelidade em que vivem os migrantes, torna-se então um referencial simbólico fundamental para indicar quem passa a ser da “da família” ou não. Apoiados nesse “universo moral” que envolve a família conjugal, constituem-se os códigos e a linguagem em que se define a identidade moral do “homem”.<sup>3</sup> O homem, no âmbito de sua família, não é somente aquele que é “provedor” do seu sustento, mas também, e sobretudo, aquele que garante a moralidade e a autoridade da família como um todo. É aquele que representa “o papel da autoridade moral da família perante o mundo externo”, e por isso “é essencial para a própria concepção do que é família, porque a família é pensada como ordem moral, onde o homem representa a autoridade” (SARTI, 48). Tendo presente esse parâmetro na leitura, nos trechos sobre família dos depoimentos que estudamos, percebemos como as exigências morais recaem pesadamente sobre os homens e os jovens adultos, encerrando completamente sua visão de mundo. A percepção da incorporação dessas exigências ajuda a explicar muitas das reações dos entrevistados, que lidam diariamente com a ruptura e o “fracasso” em seu projeto de vida, ao mesmo tempo familiar e migratório. (SARTI, 40-42)

Com efeito, é dentro desse “universo moral” que se movem os entrevistados ao descreverem, e tentarem justificar, sua situação familiar.<sup>4</sup> No geral, as respostas às questões colocadas procuravam explicar as razões pelas quais não se encontravam com sua família, isso porque, inadvertidamente, percebiam que na pergunta a eles dirigida estava embutida aquilo que na relação entre pesquisador e albergado tomava a forma de um inquérito e uma acusação: porque você não se encontra junto a seus familiares? É então que a assimetria social do relacionamento entabulado se revela, descortinando a incômoda condição vivida pelo albergado, frente à curiosidade de um interlocutor que lhe é estranho. Nesse momento da entrevista, quando o entrevistador adquire um bom nível de confiança, as reações variam desde o tom confessional até a defesa da própria honra e dignidade. O que se desmascara então, e que perpassa a grande parte dos depoimentos, é uma experiência reiterada de humilhação social.<sup>5</sup> Essa experiência vai condicionar toda tentativa de caracterizar suas relações com os seus familiares. E, sobretudo, vai orientar o modo como recuperam sua trajetória de vida e a expõem, sendo que esses relacionamentos familiares, em seus relatos, vão adquirir um peso determinante nos rumos que suas vidas tomaram.

Assim, temos entrevistados que associam sua estadia no albergue, e consequentemente sua ausência junto à família, a um deslocamento já habitual por trabalho. São geralmente migrantes mais idosos que possuem um histórico de formação e engajamento no trabalho, mostrando uma mentalidade em que está implícita uma valorização e uma moral do trabalho. Na verdade, parece que toda referência à família que possuem está submetida à afirmação de sua identidade como trabalhadores. Em dois casos significativos, não existe uma indicação de ruptura, mas apenas a menção de um afastamento normal, e mesmo corriqueiro, devido a um tipo de trabalho assumido há muitos anos. Delson, casado, 51 anos, com duas filhas e a família residindo em Santa Catarina, descreve os tempos de alternância entre sua estadia com sua família, e os períodos em que acompanha as empresas em que trabalha como mecânico, em grandes obras em diferentes lugares do Brasil, ficando afastado por longos períodos. Tenta explicar como lida com a ausência da família:

*[O senhor não sente falta da família e eles não sentem falta do senhor?]* Com certeza, mas é que eu não fico muito tempo... Assim, dois meses no máximo. Eu sempre... eu ganho salário bom, dava pra viajar no final de semana: ia, voltava. Agora que houve esse problema aí, essa crise aí ficou ruim. Agora já faz três meses. Eu só 'tô esperando acabar esse serviço, aí eu volto. *[vai voltar?]* Vou voltar...

Delson parece ser o caso de um migrante que percebe que seus vínculos são ainda estáveis com sua família, mas que não parece capaz de abandonar sua vida itinerante em busca de trabalho. O caso de Everton é semelhante, na medida em que parece também guardar vínculos estáveis com sua família, e ser marcado também por uma forte trajetória de trabalho. Possui 61 anos de idade, casado e com cinco filhos, mantém a família em Goiás, enquanto ainda tenta a sorte em São Paulo. Em sua narrativa, sempre que fala de sua família, ele o faz referindo-se à sua trajetória de trabalho, o qual surge de maneira clara como um traço definidor de sua vida. Everton constituiu sua família na cidade de São Paulo, num momento em que possuía um emprego na capital paulista, mas não via a cidade como um bom lugar para educar os filhos:

Eu morava ali no bairro Bela Vista, de Guarulhos. (...) Trabalhava nessa empresa de lixo, nessa Enterpa, entende. Então, não sei se você sabe, mas tem essas escolas desses bairros, desse Guarulhos todo hoje, os bandidos dizem assim... aquele diverge assim e diz que hoje não vai ter aula e não tem mesmo, certo. Não tem.

(...) Então eu lhe pergunto: dá pra meus filhos fazer um segundo grau aqui? Eu, no meu ponto de vista, eu quero que você me entenda que eu não 'tô condenando São Paulo. Eu venho trabalhar, eu venho trabalhar.

Assim, se São Paulo não é boa para criar os seus filhos, São Paulo ainda permanece uma alternativa para trabalhar, e Everton, sempre em busca de trabalho, deixa a família em Goiânia, em situação relativamente boa, enquanto suporta o ambiente do albergue na sua peregrinação por emprego. Semelhante aos anteriores, o caso de Raimundo parece seguir esse padrão, pela sua longa história de deslocamentos pela região norte do país, empregando-se em fazendas para o trabalho de peão. Porém, diferentemente dos anteriores, Raimundo chegou aos 70 anos completamente só, doente, sem qualquer referência familiar. A sua história de migração parece ser uma longa trajetória aprofundando o rompimento familiar. E esse parece ser o caso da imensa maioria dos entrevistados que se abrigam na Casa do Migrante durante o período pesquisado. Raimundo resume sua condição e a de outros albergados:

*[E os parentes nunca procuraram o senhor?]* Não, não. Nunca, nunca, olha o pião... lá fala pião, lá pra nós, igualmente eu e outros mais, fala pião, não só de pião, porque tem muitas pessoas que anda assim igualmente a mim, não vale nada mas têm os comportamento da gente, sabe. Então aí o camarada sai no mundo e pronto, 'cabou-se, vai pra aqui, vai pra acolá, sai de um estado, vai pra outro...

O resultado dessa trajetória é não só uma situação de permanente solidão, mas mesmo de uma busca de solidão, característica de alguém que já rompeu seus laços familiares. Para vários entrevistados, em todas as circunstâncias, a atitude que prevalece é de um desajuste permanente, uma sensação de deslocamento, que impede de contrair qualquer laço de amizade mais sólido. Essa maneira de agir é vivida em todos os ambientes, e não só no albergue. João expõe essa dificuldade de fazer amigos no restaurante em que trabalha:

Não, porque ninguém me vê, só as pessoas da cozinha, e as pessoas que visitam lá, que entram lá pra comer, não me veem. Não, os que trabalham lá, não... porque... eles moram muito longe... eles são muito pobres.. eles não têm nada para oferecer (...) *[e no albergue?]* só tenho amizade com... algumas pessoas. Olhe só: o meu amigo é invisível! Eu não tenho.... das pessoas, de forma nenhuma... eu prefiro andar só, sabe?

Essa busca de solidão faz com que João se conforme com um espaço em que ele não possa ser visto, acreditando que mesmo outros semelhantes a ele, no trabalho e no albergue, não mereçam sua atenção, e nem ele mereça ser visto por eles. Essa solidão e invisibilidade evidenciam uma baixa estima de si mesmo, e uma auto-desvalorização que encontra seu reflexo nos ambientes que frequenta, não vendo em ninguém, em nenhum de seus pares, trabalhadores ou albergados, a possibilidade de uma alternativa de relacionamento. Parece estranho, pois João justifica sua presença em São Paulo com um projeto de fazer divulgar um livro que estaria escrevendo, num programa de televisão. Paradoxalmente, busca um reconhecimento numa visibilidade imaginária, oposta à visão habitual de sua condição humilhante. Devemos notar que essa mesma condição, vivida em várias situações cotidianas, faz com que o entrevistado se confronte frequentemente com a questão de seus relacionamentos familiares, no momento atual e no passado. O entrevistado pode mesmo chegar a fazer sérios questionamentos sobre o significado dessa solidão, que parece ser um dos aspectos mais salientes de um projeto familiar que não se realizou. Walter expressa de forma extremamente aguda essa sensação de solidão, como uma lacuna que remete à sua trajetória familiar:

Eu sinto um negócio muito vazio dentro de mim, eu me sinto uma pessoa ... uma pessoa só, a minha doideira foi por causa disso aí também, porque eu me sentia muito só, sabe? Toda vida me sentia só, hoje eu sei controlar isso, esse meu lado. (...) Eu sinto que falta algo em mim, eu não sei o que é, mas que falta alguma coisa ... às vezes eu fico pensando, será que é uma mulher, que eu não tive, será que é o amor de mãe, que eu nunca tive na minha vida, será que é um filho, que eu nunca botei no mundo? Aí eu fico indeciso, sem saber o que que é, eu num sei o que é, eu nunca vou saber, a não ser ele que vai me mostrar. Por isso que eu fiz aquela pergunta a você, que o coração dói, mas dói assim, num é doer, dor grande assim, é uma dor de solidão, falta algo dentro de você. Acho que você já sentiu isso...

Assim, a “dor da solidão” conduz o entrevistado a um questionamento sobre sua trajetória familiar. Diante de uma evidente situação de carência a que os entrevistados se veem expostos, obrigam-se a justificar o porquê de seu afastamento de parentes, às vezes muito próximos, que se encontram na capital paulista. Sebastião, por exemplo, possui uma irmã morando em Guaianazes, mas prefere a mendicância a se abrigar em sua casa, e justifica:



Olha, acho que depois que eu vim de lá... eu acho que eu... sabe que eu não cheguei a ir na casa da minha irmã? Quer dizer, eu fiquei meio deslocado. É por isso que tem um pessoal que cai na rua e não levanta, porque... eu não podia ir pelo menos na casa da minha irmã, procurar uma ajuda? Não fui! Eu fiquei super deslocado!

Nas condições de empobrecimento extremo em que se encontra, entre uma recorrente situação de solidão e a companhia efêmera dos amigos da rua, Sebastião procura constantemente afastar-se de sua irmã. Em outro trecho de sua entrevista, em que conta suas viagens para diferentes locais da periferia de São Paulo, quando se entregava às suas bebedeiras, frisou que o lugar que sempre evitou foi justamente Guaianazes, bairro de residência de sua irmã e onde possuía conhecidos:

Em vez de eu beber aqui dentro de São Paulo, eu pegava o trem, e ia pra periferia... mas não aqui pro lado de Guaianazes... pro lado de Guaianazes, eu nunca fui; eu ia mais pro lado de... Amador Bueno, que é lado de Itapevi, ou então, pro lado de... de Paranapiacaba. (*Mas, por que isso, Sebastião?*). Ih! E outra coisa: sempre sozinho... sempre sozinho!

Por trás desse comportamento arredo e solitário estava sempre uma persistente sensação de deslocamento e vergonha. Percebe-se como a sensação de vergonha em relação aos familiares é marcante, principalmente no momento em que procuram se comunicar com aqueles com os quais ainda estão ligados, e devem dizer o lugar em que se encontram. Jonildo, jovem migrante que pela primeira vez vem a São Paulo<sup>6</sup>, numa malograda busca para encontrar trabalho e moradia, comunica-se sempre com a esposa por telefone, mas sempre evita dizer que se encontra em albergue:

Sabe que dá uma vergonha de falar... Eu mesmo, eu tenho vergonha de falar, porque... não é tipo assim, vergonha do ambiente... é, mais pra num preocupá a mulher, porque às vez o pessoal fala assim; ó se liga pra sua mulher e fala assim: ó tô num albergue. A mulher já pensa mil coisa, pensa que tem bandido, pensa que não é uma coisa organizada, entendeu?

A vergonha de estar num albergue é o sinal mais visível que aponta para esta condição liminar de desamparo e desestruturação de sua auto-estima, revelada pela situação em que se encontra: de distanciamento da família,

da sua cidade natal, da falta de trabalho e moradia, de precariedade de subsistência, da necessidade de receber assistência. Ou como repete várias vezes, como para demonstrar sua condição de trabalhador ferido em seu orgulho: *“Graças a Deus eu nunca pedi nada a ninguém”*. Assim, seu grande desejo é poder re-encontrar-se com sua esposa e filho, reconstituir a família, como manifesta ao final da entrevista: *“(Agora o que você gostaria que acontecesse?) Minha vontade é que minha mulher batesse ali na porta, com meu filho (é?) Minha única vontade era essa”*.

A maioria dos outros entrevistados, ao contrário, demonstra o que parece ser uma acomodação no que diz respeito a esse distanciamento para com os familiares, apesar de também expressarem que vivenciam essa sensação de vergonha e solidão. Existe uma clara e irremediável ruptura em relação aos membros familiares, uma situação de “deslocamento”, que é perceptível mesmo quando ainda se comunicam com eles ou eventualmente os visitam. Mesmo vários jovens, seguem solitários a sua trajetória, evitando se hospedar entre familiares, ou porque desejam afirmar sua independência, ou porque reconhecem a dificuldade de relacionamento para com eles. É o caso de Antonio Campos, que declara que *“a convivência com meus irmãos não é boa, gosto deles, mas pra morar comigo já é mais difícil, porque se em casa a gente já não se dava bem... imagine aqui”*. Como nesse caso, haveria tantas outras formas de camuflar e justificar a “vergonha” e o “deslocamento”. Assim, estranhamente, o tema de suas relações familiares parece estar constantemente associado à justificação de sua situação atual no albergue. É nesse sentido, numa busca de explicação plausível, expondo ao mesmo tempo o motivo de sua situação de deslocamento em relação à família, levando-o a se abrigar num albergue, e resgatando de forma tortuosa sua dignidade e respeitabilidade, que procuram retomar sua trajetória familiar. Por meio dela, procuram se expor publicamente, diante do interlocutor que se interessa por eles, mostrando quem eles realmente são.

### 3 A GÊNESE FAMILIAR DO DESLOCAMENTO

Em algumas das entrevistas foi possível captar o que teria sido a trajetória familiar dos entrevistados. Na verdade, como o roteiro de entrevista elaborado em função da pesquisa não tinha como foco principal a história familiar dos albergados, os fragmentos desta história apenas surgiram de forma esporádica, e por vezes espontaneamente, na medida em que se sentiam estimulados a dar uma explicação sobre sua situação no albergue, como exemplifica Dener.<sup>7</sup> Num determinado momento de sua entrevista, vai relatando o preconceito que sente por ser nordestino, e o modo como a sensação de ser rebaixado é vivido mesmo dentro da instituição:

Olha, eu vou dizer, que aqui dentro por enquanto ainda não, mas tem uns pessoal aí da Igreja, que sempre vem aqui, que não é nada, que fica olhando pra gente um pouco que diferente, achando que a gente é mendigo, que tá aqui na casa só pra... (*Eles vêm como voluntários?*) É... aí eu fico meio estranho, eu me sinto meio acanhado. Mas é assim, o dia a dia é isso aí, a gente tem que enfrentar toda a barra, não deve abaixar a cabeça...

Ressalta sua fé e sua persistência, afirmando que não é roubando nem enrolando que quer conseguir o seu salário, mas “*o pouco que eu ganho com Deus é muito*”, e a entrevistadora reage concordando, quando diz “*com dignidade*”. A partir de então, Dener parece se soltar mais, e fala de suas orações a Deus, como pensa e reza por si, por aqueles que estão na casa, mas também por quem não tem onde dormir e está na rua, e acrescenta:

Olha, meus pais, ... minha mãe morreu, eu tinha dez anos, aí meu pai colocou uma mulher dentro de casa, essa mulher disse que não queria ver as nossas caras dentro de casa, aí eu me juntei com ela, casei mais cedo, meu pai também foi... (*Desde os dez anos, até que o senhor casou, ficou nesta situação?*) Não, eu fiquei, desde os dez anos, eu fui convivendo, fui aguentando o pão, a risada, a xingada... e meu pai: cresce logo, vai embora, vai trabalhar, se vira, vai viver tua vida, arruma mulher, se vira... aí chegou 18 anos, foi quando eu saí de casa.

A percepção de estar num albergue, bem como a lembrança dos que estão na rua e não frequentam uma casa de convivência, acaba desembocando na memória de como ele próprio foi forçado pelo ambiente doméstico a sair prematuramente de casa, a casar cedo, e iniciar seu caminho pelo mundo. Tais ingredientes de desentendimento no interior da família, associados com uma sensação de revolta que levam a sair de casa, também estão presentes em outros relatos de entrevistados. Como João, que para justificar sua saída de casa, associa a imagem religiosa de sua mãe e sua morte à revolta que desenvolveu contra seu pai e contra Deus, justificando sua descrença e saída “pelo mundo”:

É, agora somos dez. Aí, eu via a minha mãe sofrer demais, por ser boa... não acho que a pessoa tem que sofrer. Tem que sofrer quem não presta! Aí, começou a levar aquela revolta comigo, aquela revolta, e eu dizia pra ela: “mãe, o dia que a senhora morrer, e eu não

tiver conseguido...”. Até eu (*fala frisando bem estas palavras*) rezava pra caramba pra conseguir me formar, arrumar um emprego, fazer uma feira pra dentro de casa por mês, e tudo mais... não consegui! Minha mãe morreu... 77 anos... e eu não consegui! Aí, vai então, eu não acreditei mais em Deus, sabe? Aí, foi quando eu saí pelo mundo! (*E seu pai ainda era vivo?*) Meu pai era vivo, mas meu pai era um sacana! Meu pai... foi o (*palavra incompreensível*) de todo sofrimento de minha mãe, porque ele deixou de trabalhar – talvez... não sei se a culpa é dele – deixou de trabalhar muito cedo, virou alcoólatra... minha mãe analfabeta, dona-de-casa, pra criar esse horror de gente! Enfim! Aí, pronto! Me revoltei, saí pelo mundo...

A experiência reiterada da solidão e da vergonha remete o entrevistado a se lembrar de sua trajetória familiar, marcada pelo desgosto, fracassos, revoltas e à busca de alguma forma de explicação do sentido de sua vida. À revolta contra o ambiente doméstico se associa a decisão de “*sair pelo mundo*”. É também comum nesses fragmentos de memória atribuir alguma razão para a sua condição à ausência da mãe ou ao alcoolismo do pai. Os questionamentos de Walter sobre o rumo que tomou na vida se enraízam, por exemplo, no modo como relembra sua própria infância, sua ligação com o pai e a falta da mãe:

Ajudava ele, né? Se chama o faro, o agar. Eu sempre ajudava papai, né? Eu trabalhava pra ele. Mas depois disso aí, com 22 anos, em 84, ele morreu de alcoolismo, em Mossoró. (...)

... eu tinha um ano de nascido, quando ela morreu. Eu não conheci amor de mãe, como muitos conheceram. Levei uma vida lá ... que também era muito agitada, né? Conheci muito a deformação (...)

Conheci muito cedo, ... o papai quando ia no jogo, me levava lá junto com ele e eu também ia naquele meio, né? Nesse meio aí eu cheguei até a pega no que é dos outro, ir preso, passei ficá, de menor, no meio dos penitenciário, lá no Norte. Naquele tempo, o menor, eles num tava nem aí, eles botava onde eles queria.

Esse relato de sua infância, ele o faz após pedir, logo no início da entrevista, que parasse o gravador, e ter se inteirado de quem era a entrevistadora e qual o seu objetivo, adquirindo assim uma confiança maior

para se abrir. Dessa forma, pode expressar sua busca íntima pela gênese daquilo que ele próprio se tornou, rememorando como ele conheceu cedo “a deformação”, a falta da mãe, a convivência com o pai que vivia no jogo e morreu por alcoolismo, e que fez com que ele, ainda “de menor”, fosse preso e ficasse entre presidiários. Também Sebastião se fia à sua memória familiar, e mesmo ancestral, para explicar sua dependência do álcool e dificuldade de estabelecer laços familiares.

Eu fui um cara que cortou o elo. Era uma corrente, né... com esse problema todo... porque o álcool, no meu pessoal... os meus antepassados vêm da África com esse problema de álcool... porque há muito tempo a gente tem esse problema. E não é só da parte do meu pai... da parte da minha mãe também. (*O seu pai bebia?*). É! Bebia muito; meu irmão também bebia. Tinha muita briga dentro de casa. Eu vi muita briga... criança... quando era pequenininho... então... e mesmo os outros parentes por parte da minha mãe, né? Que foi pouco os que conseguiram sobreviver.

A memória da infância aparece marcada por um ambiente degradado, pelas brigas na família, pela dificuldade de relacionamento entre irmãos. As rupturas na formação dentro da família podem também conduzir a uma perambulação por outros ambientes domésticos, em que os relacionamentos são ainda mais marcados por uma constante experiência de rejeição e exploração. Tendo uma segunda oportunidade de relatar sua história (“*eu vou contar um pouco diferente agora*”), como se tivesse a oportunidade de fazer um relato mais refletido, Antônio Campos relata o que foi sua infância, que se traduz numa trajetória de abandonos, violência, exploração e fugas, numa instabilidade constante:

Eu morava em Rio Piracicaba até os meus quatro anos e meio de idade, devido à separação do meu pai mais a minha mãe, com muitos filhos pra criá resolveu distribuir todo mundo. (*Em quantos irmãos vocês eram?*) Dez, meu pai não brincava em serviço, não tinha televisão na época. Aí com isso ela distribuiu todo mundo pros outros, foi cada um para uma família, ou parentes, ou até mesmo estranhos e eu fiquei na roça mesmo por durante uns tempos, morando com meu tio. Ele me pôs muito cedo para trabalhar, com cinco anos. Daí meu pai foi lá, me tirou e me levou para outra fazenda, levou para

fazenda de um amigo dele porque a dele ele já tinha perdido, tinha perdido a fazenda dele, daí eu fiquei uns tempo lá. Foi meu irmão lá e me levou para outro lugar.

(...)

Eu estava em estado de calamidade e me levou para João Monlevade. Eu deveria ter mais ou menos uns oito anos, de lá eu fui morar em Nova Era, com minha madrinha, e esse marido dela era um carrasco. Ele bebia muito então, ele trabalhava numa pedreira, e eu com oito anos ia ajudar ele lá na pedreira, enchia caminhão de pedra o dia inteiro, e chega mais ou menos a tarde ele ia pros bares, bebia, chegava em casa e me espancava. Quando eu não aguentava mais aquilo, fazia três anos que eu estava lá, todo dia a mesma coisa, eu fugi de casa, fui trabalhar numa fazenda lá perto mesmo, passou mais ou menos uns seis meses ele me achou, me levou de volta. Continuou a mesma coisa, me espancando todo dia. Aí eu falei, agora vou fugir pra longe, pra bem longe agora porque agora ele não me acha. Aí fui para Ponte Nova e subi até a BR, peguei uma carona e fui pra Ponte Nova. De lá eu trabalhei nessa fazenda lá um ano, aí como a mulher desse homem que eu morava lá não ia muito com a minha cara por causa dos filhos dela começou a me espancar também, fugi de lá também.

(...)

Eu tinha 10 anos, 11 anos, aí eu fui para Monlevade de novo, só que agora eu fui com minhas próprias pernas, ninguém me levou. De lá minha mãe ficou sabendo que eu estava de volta, ela ficou sabendo que tinha fugido, mas não sabia por onde eu andava. Aí fui até a casa da minha avó, me encontrou lá e me levou para a casa dela, nisso eu já tinha 12 anos, e nisso ela ficou cuidando de mim uns tempos, aí eu fiquei na casa dela até mais ou menos uns 18 anos, fiquei na casa dela. Aí voltei estudar, nisso como a vida lá tava muito difícil, aí aonde eu resolvi vir para São Paulo.

Essas histórias de rompimentos, fugas, ambientes degradados, em que o relacionamento com os pais e irmãos era extremamente precário aparece entremeado com referências à religião ou a um passado ancestral, como se daí se pudesse tirar como consequência uma explicação para a sua realidade. Nelas se procura encontrar um “elo”, o “fio da meada”, entre sua formação

como pessoa numa família e sua situação atual no albergue. Ou, dito em outras palavras, a razão pela qual não está junto a seus familiares, ou ainda, porque não chegou a constituir família. Nesse sentido, a memória familiar pode também ser a história para justificar o fracasso na constituição de uma nova família. O relato molda uma explicação para justificar sua impotência, como uma sina que estivesse para além de sua capacidade de superação. João, por exemplo, já havia rompido com sua companheira, com quem tinha uma filha, e estava vivendo na casa de sua mãe quando esta morreu. Também essa separação foi como que a conclusão de uma experiência de fracasso:

*(Ela é professora primária?)* É. Mas ela fez agronomia; não na minha terra, ela fez em Pernambuco, e ela passou, ela é agrônoma agora, depois que se separou de mim. Aí, pronto... na nossa vida conjugal, ela trabalhou mais do que eu.

(...)

...quando ela chegava do trabalho, que eu escutava a voz dela, já não me fazia bem, me fazia era mal, era como se eu tivesse (*palavra incompreensível*) ficado só. E aquele sentimento foi morrendo; foi morrendo da minha parte e da parte dela, e a gente chegou e jogou... as cartas na mesa, que não dava mais pra fingir... sabe... a gente 'tava brigando muito, justamente por isso; não era pela questão financeira... isso ajudou, mas, na verdade, era que a gente não 'tava tendo mais...

O caso de Manuel, nesse sentido, é ainda mais singular, pois em seu relato ele associa o rompimento com sua família de origem àquele com a família que ele constituiu juntamente com sua esposa e filhos, para explicar porque se encontra no albergue. Como outros, Manuel, apesar de ter parentes em São Paulo, prefere ficar no albergue, e justifica isso com uma história em que relembra como foi criado "*separado*":

A minha mãe, na época de 58, não lembro muito bem, ela morreu quando ela foi lavar a roupa num açude (...) mas não foi do meu conhecimento, isso divulgação concretizada por pessoas da família, ... a própria mãe da minha mãe, o meu avô ... enfim, os familiares. Mas por via d'eu ter sido entregue pela minha mãe, antes dela falecer, a uma família fazendeira, os fazendeiro que diz lá no Ceará, ou lá no Norte, a pessoa que possui uma fazenda, é um fazendeiro! É, então, esse cidadão, me

levou pra casa dele, eu tinha praticamente cinco anos de idade, e eu fui me desenvolvendo com eles, sendo ensinado a trabalhar, sendo ensinado a respeitar...

(...)

Eu era muito maltratado, tinha outros que me batiam, porque referente não ser do mesmo sangue, num tinha dó de me maltratar, me batia, me esforçava, me forçava a fazer coisas que eu não podia ... inclusive eu lembro uma das ocasiões, na sexta-feira santa, não lembro o ano, eu era garoto ainda, eu desobedeci lá, ... eu custei a fazer um mandado, uma determinação dum mandado do meu pai adotivo, ele me colocou de castigo assim... pra capinar um milho, na época de inverno, na sexta-feira santa mesmo!

(...)

Eu fugi ... eu fui bem umas duas vez, da casa que eu fui criado, mesmo garoto, sem destino! Aí eu passava uma temporada na casa de um, uma temporada na casa de outro, às vez num era nem perto, era longe! Sem destino! E... assim portanto, quando eu cheguei a voltar uma das vez pra casa dele, foi o tempo que ele providenciou pra me ajudar a tirar meus documentos...

A saída que Manuel encontrou para superar a experiência de rejeição e exploração numa família que não era sua, e se afirmar como pessoa foi, apesar dos maus-tratos e da humilhação, trabalhar cada vez mais, juntar dinheiro, casar o quanto antes e tentar a sorte em São Paulo: *“eu vou fazer um meio de me casar, eu não tenho pai, não tenho mãe, eu num tenho uma família assim, que me acolha. Eu tô em São Paulo, então eu vou procurar viver por conta própria, através do meu trabalho”*. Manuel casou, teve dois filhos, migrou para São Paulo onde encontrou trabalho, e com o que ganhava trouxe esposa e filhos para a capital paulista. Mas, as dificuldades familiares e desentendimentos continuaram, agora contra a *“ vaidade ”* de sua esposa e sua filha. Ao longo dos anos, numa mudança constante entre São Paulo, Ceará e Rio de Janeiro, o relacionamento com esposa e filha foi se deteriorando cada vez mais, até se decepcionar, vendo como sua filha havia criado, ela por sua vez, uma família desestruturada:

Então, o que aconteceu que ela não afirmou-se com a amizade do rapaz de bom procedimento, começou a se envolver com outras pessoas da vaidade, ela é muito



vaidosa também, tal e qual a mãe. Meu filho não, meu filho nem quis saber! Mais hoje em dia, minha filha com 22 anos tem três filhos, cada um, um pai diferente, e não é casada. Então, é muitas coisas pra um só ser humano ... ter forças pra superar, ou então ... ter equilíbrio mental pra seguir em frente, ter paciência, só muita ajuda de Deus (...) Tantos empecilhos críticos, momentos de depressões aparece, na gente ... e enfim, eu creio que de agora em diante, a única solução quando me colocar, me instalar num departamento de trabalho, eu ficar fixo, quando eu obter, isto é, eu investir, num futurozinho, pra mim obter um espaçozinho de abrigo pra minha pessoa, pro meu filho, ou se eu puder ajudar a filha eu ajudo...

Assim, desesperançado, tentando lidar com os rompimentos da família que criou, procura fazer uma síntese de sua história familiar para compreender seus fracassos, e se resignando à sua solidão, imagina o pouco que ainda pode fazer para ajudar seus filhos, o futuro que eles representam:

Enquanto meus filhos estavam menor de idade, criança, inocente, eu estava sempre dando um tempo, passando por cima das decepções, vencendo, me fazendo de bobo. Tanto que tenho dó, da situação dos meu filho, hoje em dia, eu sinto sempre, mesmo por serem adulto, mas eu sinto sempre porque eu passei mau bocado na vida, num tive carinho nem na minha infância nem na vida de casado, eu pensei vou acabar me distanciando.

Na passagem entre a família de origem e a família que deveriam constituir, vemos que uma ruptura instalou-se, e que eles procuram compreender. A virtualidade de uma solução futura, entre novas fugas e um desejo de auto-afirmação, faz com que procurem sempre mais explicações em sua memória familiar e uma nova possibilidade para o futuro. Assim, apesar dos rompimentos, alguns entrevistados procuram preservar a imagem de alguém que pensa em sua família, procurando preservar sua responsabilidade de pai, filho ou irmão. Luciano, por exemplo, demonstra como é zeloso por sua imagem de pai de crianças que teve com diferentes mulheres, mesmo que fiquem sob os cuidados de sua mãe, enquanto ele viaja longe de casa:

Eu tenho que pensar nos meus filhos, que eles veste e come e minha mãe não é obrigada a sustentar meus filhos. Porque quem pôs ele no mundo foi eu e uma

mulher. Não foi minha mãe. Minha mãe teve obrigação comigo quando eu era criança, então ela não tem obrigação com meus filhos. (...)

Aí eu conheci a princesa, a bruxa disfarçada (*risos*) e me dei de mal. O futuro que eu fiz foi dois filhos uns atrás do outro, igual um louco da cabeça, fora os outros dois que eu já tinha. (*Tinha lá...*) Não, quando eu fiz esses dois, aí eu... antes de eu conhecer ela eu já estava procurando uma princesa certa eu já. Aí nesse tempo de procurar a princesa certa, aí, cresceu duas barrigas lá (...)

Luciano mostra um reconhecimento e uma certa dívida moral para com a mãe, a quem confia os seus filhos, ao mesmo tempo que assume sua responsabilidade para com eles, embora continue perambulando entre vários lugares. No seu caso, a explicação que justifica a situação paradoxal em que se encontra, talvez também para se penitenciar por sua incorrigível busca por uma “princesa”, ele a exprime no relato da ruptura com a “bruxa”, a mãe de seus filhos:

Fazia dois anos que eu estava separado dela. E mesmo morando lá na cidade eu não tinha mais nada com ela. Ela me colocou na justiça, tudo, mas o poder de Deus é muito grande. O juiz falou, não, se ele saiu de casa, alguma razão teve. (...) Ele falou, não, exigir ninguém pode exigir mas que você cumpra com seu determinado obrigação. Falei, não, isso aí o senhor pode ficar sossegado. Onde eu tiver, eu mando dinheiro para meus filhos, compro roupa e inclusivamente eu arrumei um emprego hoje, vou começar amanhã. Quando for em novembro, vou pegar um ônibus e vou para lá, porque minha filhinha, ela vai completar... Porque ela faz aniversário (...)

Aí eu entrei na justiça, né, pra requerer meus filhos, porque as mãe deles ficaram no mundo da prostituição né, aí então eu, fui mais eu, né. Confiei na justiça divina, primeiramente, aí eles...cederam meus filhos. Ele falou, com uma condição: você leva embora, levar teus filhos diretamente ... você tem dinheiro, tem condições de chegar? Falei ta qui ó, eu fiz o acerto aqui para ir embora, mas eu só estou aqui ainda por causa dos meus filhos. Falou – pode levar seus filhos. Até elas concordaram: se quiser levar leve que filho não me dá comida. Falei, graças a Deus. A mim, um dia eu sei que eles vão me dar. Peguei, trouxe. Minha mãe está super feliz com meus filhos...

De outra maneira, também Carlos, apesar do forte vínculo familiar que diz ainda manter, rompe com os irmãos e o pai para ir atrás de um “*sonho*” que veio buscar em São Paulo, e que só pôde realizar porque sua mãe, que não lhe deixaria partir, morreu. Na continuidade de uma trajetória de rupturas com seu meio de origem, veio para São Paulo, deixando seu pai aos cuidados dos irmãos. Ele conta sua história iniciando pela morte de sua mãe:

Faz uns nove meses. Foi coração. E, ‘ta difícil, sim. Eu penso nela. .. porque se ela estivesse viva, eu não tinha feito essa viagem ... E, ela não ia deixar ... e também ela era muito “pegadia”. Eu fui dos filhos mais velhos a cuidar de toda a minha família; meu pai. .. meu pai bebia muito ... meu pai abandonou a casa. Saiu pelo mundo... largou todo mundo pequeno, sou eu que ‘tava mais “durinho” um pouquinho, que ia pra roça, catava as frutas pra levar pra vender na cidade.... para comida pra eles ... dentro de casa. .. e a minha mãe também ajudando. E eu saí atrás dele, recuperei ele, e ele voltou pra dentro de casa, graças a Deus ... eu tinha uns 17 anos ... ele ficou quase um ano (fora) ... foi um problema: ele se envolveu com mulher de rua ... foi uma coisa muito puxada ... puxada mesmo! Mas, hoje, graças a Deus, todo mundo ‘ta feliz, até ele também ‘tá feliz ... Ele mesmo chorou quando eu vim pra cá ...

(...)

A gente tinha uma fazendinha, tinha até carro ... daí ele se juntou com mulher da rua... foi uma atrapalhão... mas, agora, graças a Deus parou... veio pra Salvador ... a família toda ... minha irmã ... ‘tá casada (...) e o meu pai fica em casa sozinho, lá na barraquinha dele, que fica dentro da casa mesmo. Daí, eu vim; eu disse “vou ver o que o mundo me espera lá fora”.

Atrás de uma possibilidade de independência, também Roberto se desvincula de familiares que tinha em São Paulo, bem como dos pais que deixou na região de origem, apesar de se dizer ainda muito “*apegado*” a eles, e sai em busca de construir sua própria vida, “*ter a minha vida*”, sem encontrar, porém, o “*objetivo*” que buscava:

eu fiquei ... com a tia, porque foi assim, a gente sempre morou perto, né, vizinho, tal, por ser parente, e tal, por a gente tá ... interligado, resolvi ficar, entendeu? Mas assim, eu quis ficar, mas assim, porque ... os próprios

meus pais queriam que eu seguisse também o meu objetivo e também assim a questão, não ficar assim, eu queria ficar ... mas eu não queria ficar muito assim ... depender deles, tanto dos meus pais quanto dos meus tios, por muito tempo, né? Acho que eu queria mesmo era trabalhar, ter minha vida, construir uma vida assim. Eu penso assim, ainda hoje eu penso, né, eu tenho esse objetivo ainda, que eu não consegui...

(...)

eu amo muito a minha mãe, sou muito apegado a ela, pode até num parecer, né, mas a gente é muito apegado, assim, é ... a cada dia eu 'tô ligando pra ela, ela 'tava com um pouco de gripe, assim, eu fiquei de ligar de novo, ela 'tava até repousando, disse: minha mãe, volte pra repousar, depois eu ligo pra senhora, até falei com meu pai, um abraço a ele nos dias dos pais, entendeu? Mas é assim, eu sou muito ligado à família, pode até num parecer: ah, você 'tá aqui distante, e tal, como é que você é ligado a sua mãe e você 'tá aqui? Mas ... eu tenho que também, né, seguir o meu caminho, entendeu?

E dessa maneira, vai justificando sua permanência no albergue, associando sua busca de independência pessoal a um projeto que visa resgatar a família que deixou para trás quando veio para São Paulo, sonhando um dia que ela venha ao seu encontro: *“daí ou eu vou pra casa da minha tia, porque é assim: eu ainda tô fazendo de tudo pros meus pais virem aqui pra São Paulo, se tudo der certo, final do ano meu pai, vai vender a casa, já tem um comprador...”* Na verdade, em sua busca inconclusa, o que realmente almeja de maneira mais imediata é poder encontrar um quarto para alugar (*“ir para um quartinho”*), a exemplo do próprio Carlos, que espera *“ter o meu quartinho ... fazer um feijão ... quem sabe ter. .. ah, deixa pra lá!”*... quem sabe ter uma outra família, com uma companheira.

Nessa busca para re-encontrar ou reconstruir uma família, o sonho de algo novo ou de um possível retorno frequentemente se confundem. Michel tem apenas 19 anos, nasceu em Diadema, mas ficou órfão muito pequeno, sendo criado pela avó na Bahia. Deixando seu lugar de criação, parte para uma aventura que parece não ter explicação (*“doidice”*), na busca de algo novo, que também parece ser um estranho retorno. Em sua tortuosa trajetória de perambulação por várias cidades até chegar a São Paulo, e exercendo pequenos *“bicos”* por onde passava, o *“novo”* que busca se confunde com o que poderá encontrar no dia seguinte ou com uma hipotética possibilidade de encontrar os parentes que existiriam em São Paulo:

*(Diadema você nasceu, ahn)* Só que eu estou atrás de um padrasto meu que ele sabe onde... Eu tenho parente aqui. Só que eu não sei onde eles moram, eu to atrás dele pra ver se ele acha, que ele sabe né. Só que me informaram que ele já morreu há muito tempo... *(E quando foi que você foi pra Bahia, primeira vez...que você estava em São Paulo e aí você foi pra Bahia?)* Fui com 5 anos de idade, tem 14 anos que eu moro na Bahia (...) Minha vó veio buscar a gente. Vim eu e mais duas irmãs. Aí me deu uma doidice na cabeça aí eu vim pra cá.

O retorno pode significar o encontro de uma casa para morar, que se faz necessário para a estabilidade no momento presente, mas que pode também remeter à lembrança da casa dos pais, aqueles com quem romperam ou que deixaram num lugar distante. Alvinho fala de sua esperança em conseguir uma casa, quando relembra como desperdiçou a oportunidade: *“Sabe, porque se eu não tivesse sido muito farrista daqui até a Bahia, ou vários outros lugares, eu podia ter conseguido...”* Entre outros migrantes que também possuem uma história de perambulação, como Dener, o tema do retorno é explícito, como uma perspectiva de maior estabilidade, uma casa onde ficar:

A minha família tá toda lá, meus pais, meus tios ... eu tenho uns tios aqui até no Rio, mas é aquele negócio, faz o teu que eu faço o meu, eles nunca tenta me ajudar da forma que eu quero. Só quem pode dá uma forcinha é o meu pai, meu pai ah filho e tal e tal o que eu posso te dar é isso. Mas eu não posso pensar o lado que ele pode me ajudar, eu tenho que correr atrás, porque hoje eu tenho a minha família, eu não posso tá me escorando na asa do meu pai, eu tenho que correr atrás. É aquele negócio, ... então, eu quero trabalhar, conseguir o que eu quero, ir embora, pra mim construir lá a minha casa e viver a minha vida, junto com a minha família.

Os fragmentos de memória familiar dos entrevistados, quando eles surgem, testemunham essa vontade de se fazer apresentar bem à pessoa que lhes está entrevistando, justificando sua estadia no albergue. De um lado, esboçam um objetivo de vida que não é mais que a busca de uma hipotética estabilidade, numa possível reconstituição do meio familiar, ou simplesmente como resguardo de sua solidão e vergonha. Por outro, é uma forma de dar uma versão respeitável à sua situação de fato, um ser humano sem família. Tentam desculpar o que parece ser algo indesculpável: o distanciamento de sua família que está em algum lugar distante, como também o fato de evitar

algum familiar que está perto, ou mesmo o fracasso de não ter constituído ou mantido sua própria família. É assim que, quando surge, tantas vezes essas memórias familiares são como que um discurso de expiação.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS - O DISCURSO DA EXPIAÇÃO

Buscando entender melhor o significado desses testemunhos de sua memória familiar, procuramos nos dar conta do seu lugar no conjunto de nossa investigação. Nem a pesquisa, nem o roteiro utilizado nas entrevistas, privilegiavam de maneira particular os vínculos familiares dos albergados. Estavam em pauta outras preocupações tão ou mais relevantes, diretamente relacionadas ao modo como se dava o acolhimento institucionalizado aos migrantes nessa entidade específica em São Paulo, a Casa do Migrante. Nesse sentido, nossa abordagem não quer diminuir ou se sobrepor ao tratamento de questões como a relação dos entrevistados com o trabalho, com os funcionários da Casa, as normas de seu funcionamento, ou a organização do seu cotidiano. Quer antes levantar outros significados que poderiam ser atribuídos a este acolhimento institucionalizado. Nesse sentido, podemos dizer que talvez em nenhum outro momento, o modo como os entrevistados se representavam a si próprios pode emergir de forma tão viva quanto nesses, em que se sentiam impelidos a expor alguns fragmentos de sua história familiar. Recontar sua versão sobre sua trajetória familiar, principalmente os motivos que os levaram a se afastar de seus pares, se decidir a migrar, procurar um lugar para ficar, e encontrar-se num albergue, exigiu da parte deles a busca da formulação adequada, em função de um fim específico: expiar sua culpa, e preservar o pouco de dignidade com que ainda se propunham apresentar.<sup>8</sup>

Em mais de um momento pudemos observar como a origem do deslocamento migratório esteve associada a uma ruptura no meio doméstico. Na verdade, não se sabe bem em que medida a desestruturação familiar precede e condiciona o deslocamento migratório, ou se seria o inverso que acontece. O fato é que, nos fragmentos de memória que foram recuperados, os relatos de migração acompanham histórias de deslocamento familiar: morte ou ausência da mãe, alcoolismo de pais e irmãos, exploração de menores, violência, crescimento em ambientes estranhos ao da família, e fugas de casa. A “revolta”, a “doidice”, a rejeição do ambiente doméstico motivam frequentemente a decisão de “sair para o mundo”. Contudo, os conflitos vividos nos seus relacionamentos familiares também se associam ao surgimento de sonhos, naqueles que deixam sua casa e põem-se em busca de sua independência, do “objetivo” de construir a sua “própria vida”. No entanto, também essa busca de liberdade em

relação à família não escapa da necessidade de reconstituí-la de outra forma em algum outro ambiente. De uma forma ou de outra, a trajetória migratória ocorre de maneira concomitante às suas trajetórias familiares: a decisão de sair de casa está imbricada às muitas rupturas em seu projeto familiar. Nessa mútua implicação, entre trajetória migratória e familiar, expor as razões de sua presença no albergue significa recuperar as razões pelas quais se saiu de casa ou se distanciou da família, ficando a meio caminho de alcançar qualquer objetivo.

Desta forma, justificar sua presença no albergue, relembrar sua história familiar, dar conta de suas rupturas familiares, é o reverso de uma história de realização pessoal. Só podem fazer isso através de um discurso que possa expiar sua própria responsabilidade, por meio do qual, paradoxalmente, se desperte compaixão ao mesmo tempo em que se garanta alguma forma de dignidade. Trata-se de se eximir de sua própria responsabilidade ao mesmo tempo em que se a assume. Cada entrevistado surge como enredado num projeto que lhe escapou ao controle, mas no qual ainda se insere, admitindo a necessidade de purgar, prestar contas sobre suas consequências. São relatos que contam, mas também explicam e justificam a situação liminar em que se encontram, e camuflam a vergonha, o estigma de sua condição, o desgosto, a solidão, o deslocamento em relação ao restante da sociedade. O relato se apresenta como discurso de expiação porque procura justificar o injustificável, re-encontrar o sentido para aquele que se considera completamente perdido, dar uma razão de viver quando parece não haver mais razão alguma, e alçar a esperança num imaginário inalcançável.

Sebastião, que busca a origem de sua sina nos antepassados da África, depois de tentar resumir a razão de sua vida em algumas palavras, mostra como analisa seu próprio caso diante de toda sociedade:

*(Fé + sonhos + força = vida. Dá pra entender!) Agora, veja bem: fé... eu acredito numa coisa que olhe por nós. Sonhos, o quê que é isso? Porque na minha vida aconteceu muita coisa, gente! E eu acredito que aconteça na vida de outros... a mesma consequência que aconteceu comigo... só que tem cara, que não consegue sobreviver até onde eu cheguei. Então, eu acho que, eu passando esse exemplo, eu acho que 'tô sendo útil! Por exemplo, eu tive fazendo uma análise com um cara... com um psicólogo, que é o Micheli, lá da Achirópita... se eu continuasse com ele, eu ia fazer papel de cobaia, não só com ele... eu ia contar toda a minha vida pra ele e ele ia chamar mais psicólogo, pra ver o quê eu passei no passado, e porque que acontece isso comigo hoje.*

Diante do psicólogo com quem fez um pouco de análise, como diante da pesquisadora que o está entrevistando, Sebastião procura re-encontrar sua razão de viver, se apresentando a si mesmo como “*cobaia*” a ser estudada como caso único. De uma forma invertida, paradoxal, procura se valorizar como um caso a servir de “*exemplo*”, de utilidade para o resto da humanidade. Mostra que ele possui um objetivo como qualquer outro, mesmo que se resumam a palavras que só ele mesmo pode carregar de sentido, sem que os outros possam perceber: “fé, sonhos, força = vida”. Assim também, João se apoia numa imagem de poeta que criou para si próprio, procurando uma fama que o possa redimir e possa reabilitá-lo, num possível retorno ao seu lugar de origem e seus familiares:

eu tenho um nomezinho, lá... assim... de poeta, pelo menos (*risos*)... e eu voltaria, sim, se fosse com o meu livro nas mãos... se eu editar o meu livro hoje, eu passo o Natal lá... porque eu procuraria ganhar mais um mês no trabalho... eu vou pra lá, faço o meu lançamento, passo uns dois, três meses lá, e caio no mundo de novo (...) quando eu fiz o meu primeiro livro, há dez anos atrás, eu fiquei famoso na cidade toda! E se eu fizer isso de novo, eu sei que eu vou ficar mais ainda (*famoso*) por estar longe, por ter editado o livro em São Paulo, lá vai ser um estouro!

A vida de João, ele a vive em função desse livro e da fama de poeta que busca alcançar. Seu projeto migratório, por vias imaginárias, procura recuperar seu “*nomezinho*”, no seu lugar de origem. O retorno é assim apenas provisório, pois, assim como a fama, a imagem que busca apresentar não tem onde se assentar. Ele mesmo agora não tem mais raízes e vive entregue à sua solidão e às suas andanças, mascarando sua vergonha com sua imagem de poeta. Talvez, nesse sentido, um dos que se apresentam mais lúcidos seja Walter, que sabe bem qual é sua condição e qual seja o único futuro que parece lhe restar:

O futuro da gente, nós num tem muito futuro. Pobre num tem muito futuro, o futuro da gente só é duas coisa: é ter uma casa, e viver bem, sossegado, é isso que eu penso. O futuro meu é isso, ter uma casinha, ter uma bela esposa, ter um filho, ter um serviço fixo, isso vai ser difícil, já quase quarentão, aqui dentro de São Paulo com quarenta tá morto... então, tudo fica mais



difícil, depois que passa dos 40 fica difícil pra gente (...) abri mão disso aí, pra nós, o futuro da gente é só ter uma casinha mesmo, um teto, e o resto da vida, porque daí você num passa, se você passa disso aí, é porque roubou (*risos*) ...

A casa, Walter parece ainda esperar alcançar. Uma mulher, uma “namorada”, como outros dizem, parece mais difícil, trabalho então... Os albergados entrevistados, distanciados de suas famílias, encontram na Casa do Migrante um substituto do que deveria ser a sua casa. No entanto, por mais que o objetivo da instituição seja acolher e resgatar a humanidade de cada pessoa que ali se abriga, ela não pode dirimir a falta indistigável que cada migrante carrega pelo simples fato de estar aí presente, e que se mostra quase como uma acusação, impregnando-o como um estigma: o porquê não está com os seus familiares, em sua casa. Portanto, falar de sua família significa falar dessa falta, dessa ausência, significa trazer à memória uma trajetória de rupturas, e descrita num relato tortuoso, elaborado como resposta a esta pergunta tão incômoda quanto inevitável. Nessa lógica, os relatos com frequência se tornam então um inventário que procura expiar os motivos dessa ausência.

Assim se mostraram os albergados da Casa do Migrante entrevistados naquela ocasião. Solicitados a saírem de sua invisibilidade, quando perguntados pelas suas famílias, alguns se arriscaram a expor quem eles eram, sua identidade social moldada no trajeto de suas vidas. Cada entrevistado buscou então exprimir sua individualidade através desses fragmentos de memória familiar, expressando o sentido de sua presença naquele momento nesse albergue, diante desse entrevistador que se interessou por ele. Por fim, ter alguém a ouvir tais relatos pode significar, mesmo que seja pelo avesso, de maneira furtiva, uma forma de não mais se sentir envergonhado, humilhado, isolado do mundo, deslocado em relação ao restante da sociedade. Talvez fosse a única coisa que lhes restasse:

Reatar os fios para além da ruptura, recompor os cacos, essa é a insistência desesperada que sustenta a vida, que a carrega e a preenche, o que faz com que esse esforço acabe por se identificar completamente com a vida, constituindo a vida até o ponto em que o autor desse empreendimento chega a esquecer de outra forma; esquecer que viver não é viver apenas insistindo em viver. Necessidade e liberdade! (SAYAD, 1998, 116)

## NOTAS

<sup>1</sup> Este texto foi elaborado como parte do trabalho desenvolvido por uma pesquisa realizada de maneira multidisciplinar pelo GT Migrações composto, na ocasião, por membros do Centro de Estudos Migratórios (CEM) e o Laboratório de Geografia Urbana da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (Labur/USP), sobre o “Acolhimento institucionalizado dos migrantes na cidade de São Paulo”, entre 1996 e 2009. A pesquisa se desenrolou na abordagem da instituição de acolhida de migrantes, originalmente criada como Associação dos Voluntários pela Integração do Migrantes (AVIM), e que veio a se tornar a Casa do Migrante, no ano de 1998, e mantida desde então pela Congregação dos Missionários de São Carlos - Scalabrinianos. As entrevistas se deram no período imediatamente posterior a essa reestruturação. Esse artigo se beneficia das entrevistas semiabertas feitas junto aos albergados nesse período, por diferentes integrantes desse GT. As versões preliminares deste texto contaram com os preciosos comentários de outros colegas pesquisadores empenhados na conclusão dessa pesquisa. Convém ainda registrar que a Casa do Migrante constitui um dos quatro projetos (Casa do Migrante, Paróquia Nossa Senhora da Paz, Centro de Pastoral e Mediação dos Migrantes – CPMM, e, Centro de Estudos Migratórios – CEM) que formam a Missão Paz. Esta tem suas origens em 1939 com o estabelecimento dos Missionários de São Carlos - Scalabrinianos - na região do Glicério, no centro de São Paulo, com o objetivo de apoiar a comunidade migrante de italianos. Por fim, cabe dizer que esse texto teve sua primeira versão finalizada em janeiro de 2010, sendo revisto em novembro de 2022.

<sup>2</sup> Eunice Durham, em seu estudo já considerado clássico “A caminho da cidade”, mostra claramente como o “*savoir faire*” da migração se constrói no interior do imaginário próprio de sua família. É no interior do grupo local, constituído pelo conjunto de famílias nucleares unidas por laços de solidariedade e fidelidade, que se constitui a tradição migratória que servirá de esteio para sua inserção no meio urbano. O que a autora deixa claro é que a mobilidade sempre constituiu uma estratégia de sobrevivência entre as famílias pobres no campo, dentro do quadro de instabilidade e precariedade em que vivem o núcleo conjugal e essa frágil rede social formada por vínculos de mútua ajuda.

<sup>3</sup> Cynthia Sarti analisa longamente como, no âmbito dessa rede de “obrigações morais”, pautadas pelo paradigma “dar, receber, retribuir” (MAUSS, 1974) se definem os papéis complementares (e opostos) de homens e mulheres, de pais e de filhos (SARTI, 41-62). Pode-se entender então como falar de família com os albergados ganhe o caráter de uma conversa sobre valores morais, sobre a sua honra de homem, o significado que atribui ou pretende atribuir à sua vida, sobre uma série de expectativas que sente em torno de si. Ou o seu oposto: a experiência do fracasso, a bebida como sinal de sua derrocada, a humilhação de estar num albergue, a vergonha, a invisibilidade.

<sup>4</sup> Notaram-se vários casos, como aqueles que possuem uma família constituída por mulher e filhos, em algum outro lugar do país, mas não relatam qualquer forma de ruptura. Distanciaram-se devido a uma busca de trabalho com alojamento. O grupo majoritário porém seria o daqueles que não escondem a ruptura com seu meio familiar de origem, e vivem numa situação de permanente solidão. Entre estes, existem aqueles que admitem sua perambulação de albergue em albergue, outros que aspiram alguma forma de retorno, ou mesmo de poder constituir uma família. Há casos de migrantes

jovens que se encontram já desvinculados de seu meio familiar de origem, ora numa fuga em busca de autoafirmação individual, ora numa procura incerta de reconstituir o que seria uma imagem de família desejada. Enfim, temos o caso de um usuário que se aloja no albergue com sua família já constituída.

<sup>5</sup> Para o estudo da experiência da “humilhação social” entre os migrantes pobres, remetemos a GONÇALVES FILHO, 1998 e COSTA, 2004. De fato, toda terminologia empregada pelos albergados para descreverem como se sentem (“solidão”, “invisível”, “deslocado”, “vergonha”) remetem a essa experiência, ao mesmo tempo social, moral e emocional.

<sup>6</sup> O caso desse entrevistado chama a atenção, sobretudo, pelo fato de demonstrar um grande inconformismo diante da necessidade de ser obrigado a aceitar a hospedagem num albergue público. Não esconde a humilhação que sente, o seu arrependimento por ter deixado momentaneamente sua cidade para procurar emprego, nem o desejo de sair o quanto antes do albergue. Parece-me que talvez seja o único entre os entrevistados que realmente não seja um habitual frequentador de albergues.

<sup>7</sup> Dener é o único entrevistado que se encontra no albergue com sua mulher e filhos.

<sup>8</sup> Não há como negar a influência de Sayad para tratar desse tema tão delicado, a experiência da culpa reiteradamente vivida pelos migrantes, e a necessidade de expiá-la, sobretudo em situações de solidão, deslocamento e humilhação, como aquelas vividas pelos entrevistados na pesquisa (SAYAD, 1998).

## REFERÊNCIAS

COSTA, F. B. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004;

CUTTI, D. Migrantes ou carentes? A trajetória da Associação dos Voluntários pela Integração do Migrante – AVIM. **Travessia – revista do migrante**, ano X, n. 29, set-dez/1997, pp. 25-29;

DORNELAS, S. M. As práticas institucionais de acolhimento do migrante na cidade de São Paulo. In: SERVIÇO PASTORAL DO MIGRANTE. **O fenômeno migratório no limiar do 3º Milênio**: desafios pastorais. Petrópolis: Vozes, 1998, pp. 257-264;

DURHAM, E. R. **A caminho da cidade**: a vida rural e a migração para São Paulo. São Paulo: Perspectiva, 1973;

GONÇALVES FILHO, J. M. Humilhação Social: um problema em psicologia. **Psicologia USP**, v. 9, n. 2, 1998;

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP/EPU, 1974, pp. 37-184;

SARTI, C. A. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Autores Associados, 1996;

SAYAD, A. O “pecado” da ausência ou os efeitos da emigração. In: SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998, pp. 105-135;

SILVA, E. C. C. Cotidiano e convivência na Casa do Migrante. **Travessia – revista do migrante**, ano XVI, n. 47, set-dez/2003, pp. 31-37;

### RESUMO

Quem são os albergados da Casa do Migrante, antiga Associação dos Voluntários pela Integração do Migrantes - AVIM? Esta talvez seja propriamente a pergunta que vem à mente ao se colocar a tarefa de conhecer a situação familiar, ou um pouco da história de vida daqueles que se alojavam nesta instituição entre os anos 1998 e 2001. Trata-se de um aspecto entre outros, como a sua inserção no mundo do trabalho ou a ocupação do tempo livre, numa pesquisa que teve por objetivo pesquisar o acolhimento institucionalizado de migrantes na cidade de São Paulo. É justamente no interior do enquadramento institucional deste albergue, nos espaços e tempos disponíveis, sob a intermediação de seus diretores e funcionários, que se buscou ouvir fragmentos da história familiar dos albergados.

**Palavras-chave:** Albergados; História de vida; Casa do Migrante.

### ABSTRACT

Who are the residents of Casa do Migrante, former Association of Volunteers for the Integration of Migrants - AVIM? This is perhaps exactly the question that comes to mind when posing the task of knowing the family situation, or a bit of the life history of those who stayed at this institution between the years 1998 and 2001. This is one aspect among others, such as their insertion in the world of work or the occupation of free time, in a research that aimed to investigate the institutionalized reception of migrants in the city of São Paulo. It is precisely within the institutional framework of this hostel, in the available spaces and times, under the intermediation of its directors and employees, that we sought to hear fragments of the sheltered family history.

**Keywords:** Housed; Life's history; Migrant's house.

# Os caminhos pós-formação universitária: os desafios dos egressos guineenses

*Jacira Nhaga  
Carla Craice da Silva*

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda sobre a trajetória após a formação dos primeiros estudantes guineenses formados pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), especificamente do campus do Malês localizado em São Francisco do Conde na Bahia, buscando compreender os caminhos percorridos após a conquista do diploma do Ensino Superior, com foco no campo profissional.

A UNILAB foi criada pela Lei 12.289 em 20 de julho de 2010 e instalada em 25 de maio de 2011 (BRASIL, 2010). A Universidade foi criada durante o governo Lula da Silva com intuito de promover a relação Brasil-África com a vinda dos estudantes brasileiros e estudantes de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), que são Guiné-Bissau, Angola, Cabo-Verde, São Tomé e Príncipe e Moçambique, além do Timor Leste. Tais países possuem uma relação histórica: foram colonizados por Portugal. Para autores Milani, Da Conceição e N´Bunde (2016), depois que o Brasil desenvolveu sua diplomacia com os PALOP no regime democrático, passaram a ter mais proximidades com esses países e fortaleceram as cooperações educacionais externas brasileira. Em 2011, os primeiros cursos da UNILAB iniciaram no campus sede localizado no Ceará, sendo que na Bahia as atividades se iniciaram posteriormente, em 2014.

A Guiné-Bissau é um país que tem um sistema educativo precarizado, com acesso restrito ao ensino básico e com um quadro agravado no ensino superior. Segundo Mendes (2019), a Guiné-Bissau passou por constantes instabilidades políticas, o que tem afetado a estruturação de um ensino no país. Greves e paralizações das aulas, ferramentas de luta por mais qualidade na educação, são recorrentes nas instituições públicas. Nessa perspectiva, os jovens possuem dificuldades em acessar e permanecer nas instituições de ensino, sobretudo no ensino superior. É comum que os estudantes guineenses optem por realizar seus estudos em outros países, como Portugal, China, Marrocos, Rússia, Senegal ou no Brasil.

Também cabe pontuar que a instabilidade política e dos conflitos também influencia as migrações de guineenses. “A história da dinâmica de fluxo migratória guineense testemunha mobilidades internas, regionais e internacionais, movidos por interesses econômicos, guerras cívicas e oportunidades concedidas pelas redes e políticas migratórias” (CÓ, 2011, p. 132). Có (2021) indica que o fraco índice de desenvolvimento humano, as crises econômicas e instabilidade política que o país enfrenta influenciam a emigração de muitos guineenses desde a década de 1980. Assim, os emigrantes guineenses buscam na migração uma melhor condição de vida, e no caso dos estudantes guineenses, migram para outros países com a necessidade de ter uma formação no ensino superior. Desta forma, o projeto da UNILAB é uma grande oportunidade para jovens guineenses. Inclusive, Bathillon (2016) demonstra que alguns estudantes aderiram à UNILAB porque não tinham outra opção de ingressar no ensino superior.

Se o ingresso na UNILAB se mostra como uma opção para a conquista do diploma, o que acontece após a saída da universidade? Esse artigo tem como objetivo compreender os caminhos de egressos guineenses da UNILAB analisando os desafios enfrentados pós-formação universitária.

## 2 ESTUDANTES AFRICANOS NO BRASIL

Para compreender a vinda de estudantes internacionais no Brasil, é fundamental observar o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G). Os autores Amaral e Meneghel (2015) explanam que o PEC-G é o instrumento de cooperação educacional mais antigo do Brasil, existe desde 1965 e surgiu em um período em que o número de estrangeiros vindos para a universidade aumentava no país. O programa sofreu algumas mudanças institucionais com o decorrer do tempo, mas tem, no geral, o objetivo de formar recursos humanos. Também foi no contexto do PEC-G que o governo adotou a estratégia de fortalecer a cooperação Sul-Sul desde os anos 2000 (AMARAL e MENEGHEL, 2015).

Segundo Gusmão (2014), o processo de migração africana no Brasil tem se intensificado por fins de formação superior desde os anos 2000. Os primeiros estudantes africanos chegaram na década de 1960, entre eles apenas dois eram de um país dentre os PALOP, Cabo Verde. Após a metade de década 1970, a vinda de estudantes dos PALOP cresceu devido às lutas raciais afro-brasileira, que aproximam Brasil da África e em 1980 se expandiu.

A articulação da agenda educacional entre África e Brasil culmina com a chegada do primeiro grupo de estudantes africanos no Brasil. “Estes chegaram à

Bahia em 07 de dezembro de 1961. Tratava-se de um contingente composto de quinze estudantes, dentre os quais: 05 de Gana, 04 de Senegal, 01 francês branco, 02 de Cabo Verde, 01 de Camarão e 02 franco-senegalês.” (REIS, 2010, p. 147 apud TCHAM, 2016, p. 136).

Os primeiros estudantes ingressaram na UNILAB no Ceará em 2010, contudo na Bahia as primeiras turmas iniciam em 2014. Abaixo é possível verificar o número de estudantes matriculados na UNILAB, cabendo destacar que a universidade abrigou o maior número de estudantes internacionais dentre todas que as universidades do Brasil entre os anos de 2016 e 2018 segundo dados do Censo do Ensino Superior (OBSERVATÓRIO, s/d).

**Quadro 1** - Número de estudantes africanos matriculados na UNILAB - 2010 a 2018

<b>ANO</b>	<b>N. ESTUDANTES MATRICULADOS</b>
2010	193
2011	36
2012	193
2013	402
2014	657
2015	833
2016	1.058
2017	1.157
2018	1.259

Fonte: Censo da Educação Superior/ Banco Interativo do Observatório das Migrações em São Paulo, 2022.

Em 2014 chegaram os primeiros estudantes no campus do Malês em São Francisco do Conde. Entre eles havia 47 guineenses, 1 angolano, 1 moçambicano, 1 santomense e 5 cabo-verdianos, no total 55 estudantes. Este grupo passou por um processo complexo de adaptação, na qual atravessaram muitas dificuldades. Nos primeiros momentos, encontraram problemas com o transporte até o campus da universidade que se localiza distante do centro da cidade ou mesmo com a compra de alimentos. Contudo, uma das maiores dificuldades refere-se ao estranhamento da sociedade de destino, visto que

a presença de estudantes africanos transformou o cenário de um município do interior que pouco recebia pessoas vindas de outros países (SILVA, SOUZA e BATHILLON, 2021).

A presença das/os estudantes internacionais, em particular das/os estudantes africanas/os dos PALOP tem despertado desde olhares do exótico, do preconceito, da admiração, da curiosidade, de saber mais sobre as histórias, as culturas e os modos de vida dos países parceiros, bem como provocado uma reflexão sobre o racismo e o sexismo que são estruturantes à sociedade brasileira como para outras sociedades marcadas pela experiência da diáspora africana em diferentes tempos. (SILVA, SOUZA, BATHILLON, 2021, p. 197)

O grupo de estudantes também se deparou com um imaginário da África, assim tratada em forma de continente sem distinção de países, que passavam por estereótipos como: epidemias, fome, espaços de convivência com animais, africanos não cheiram bem, etc.

A cidade na altura não estava preparada para receber pessoas vindas de fora, isso porque, em termos da infraestrutura, alojamento, comércio, campanha de sensibilização aos moradores, entre outros fatores que poderiam anteceder a chegada pela primeira vez dos estudantes africanos na cidade e na UNILAB em particular. Esses preparativos não foram feitos condignamente. (SUMBA, 2019, p. 16)

O processo de acolhimento por parte da população de São Francisco do Conde não foi plácido, talvez isso pode se justificar pelo fato de terem visto poucos ou nenhum africano antes da UNILAB, quiçá pessoas de outras nacionalidades. Neste sentido, Sayad (1998) traz a complexidade da migração no sentido de que a forma como o imigrante é tratado, acolhido, expressa questões estruturais da sociedade de destino. A imigração é, assim, um fenômeno social total que envolve questões políticas, econômicas, culturais. Nesse sentido, observa-se que não é meramente uma situação de mudança ou de atravessar fronteiras. Seguindo nesta mesma linha de pensamento do Sayad, Tcham (2016) também vai explicar que:

[...] a migração não se trata apenas de um processo de deslocamento que remonta aos primórdios da existência das sociedades humanas, mas essencialmente, a



diversidade de causas que a impelem e institui um alto grau de complexidade, de examinar minuciosamente as mais variadas rupturas que acabam por incidir no social e, culturalmente sobre as pessoas que se deslocam atravessando as suas fronteiras nacionais ou lugares de origem. (TCHAM, 2016, p. 183)

É fundamental entender as razões que provocam a imigração em diferentes situações como trabalho, educação, melhor condição de vida. No tema deste trabalho, egressos internacionais, temos que ter em conta as dificuldades específicas do grupo, como a inserção no mercado de trabalho, entre outros aspectos que serão apresentados no próximo tópico.

### 3 EGRESSOS: AS DIFICULDADES PÓS-UNIVERSIDADE

Os estudos sobre os egressos imigrantes são escassos, o que mostra a importância em se investigar a temática e entender o que acontece com os estudantes internacionais após a formação na graduação. Silva, Nunes e Jacobson (2021) apresentaram uma abordagem das estratégias para entender a experiência de egressos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) do curso superior no mercado de trabalho. Por um lado, os autores verificaram que a maioria dos egressos da UFSC atua na sua área de formação. Embora na maioria das vezes os egressos ingressaram exatamente na sua área de formação, ainda assim há aqueles que não conseguem emprego na sua área após a formação. Nessa situação, procuram alternativas de trabalhos.

Nota-se que os estudantes nem sempre seguem com uma carreira dos sonhos porque às vezes não é questão de escolha, mas sim de necessidades e oportunidade, sobretudo estudantes de classes sociais precarizadas.

É preciso, entretanto, compreender que as escolhas feitas pelos estudantes de classes populares acerca de sua escolarização em nível superior nem sempre estão pautadas na qualidade de oferta do ensino pelas instituições, tampouco na escolha pelo curso desejado, mas, no que é possível estudar e onde é possível se matricular. (AMARAL; OLIVEIRA, 2011, p. 874)

Amaral e Oliveira ainda trouxeram a abordagem de Bourdieu (1998 apud AMARAL; OLIVEIRA, 2011), sobre capital cultural, para explicar que os estudantes que são de famílias carentes podem passar por todo o processo

de escolarização e conseguir um diploma, porém este é menosprezado por causa da exclusão social (AMARAL; OLIVEIRA, 2011). Seguindo essa linha de raciocínio das autoras, há grandes chances de que a situação socioeconômica influencie na vida profissional dos estudantes egressos visto que as diferentes condições financeiras geram desigualdade social.

Para Vargas (2011), os estudantes egressos que estudaram com assistência estudantil ou algum outro tipo de bolsa estão em pé de igualdade com os egressos que não precisavam dessa assistência. O autor ressalta, ainda, a importância que esse processo de assistência tem para garantir a permanência do jovem no ensino superior e promover igualdade no mercado de trabalho, evitando a evasão escolar. Perante o exposto, é nobre a função de assistência estudantil, porque permite uma integração social promovendo uma universidade mais equitativa.

De outro modo, Vargas (2011) aponta que os fatores que influenciam a desigualdade na universidade estão sujeitos para ambas as categorias de estudantes, tanto para aqueles que recebiam a assistência estudantil assim como para os que não precisavam dela. Tais fatores podem ser gênero, raça, etnias, classes sociais, redes de relações dentre outros. Nessa perspectiva, as desigualdades sociais podem influenciar na inserção e efetivação dos egressos no mercado de trabalho, independentemente do mérito.

Tcham (2016) explica que os egressos africanos de países de PALOP no Brasil tinham diferentes trajetórias pós-formação, demonstrando os fatores que influenciam o processo de querer ficar ou de retornar para o país de origem. Nesse âmbito, para querer permanecer no Brasil foram: oportunidades de emprego pós-formação, constituição de grupos familiares, sequência nos estudos, insegurança política nos países de origem, projeto pessoal e outros casos. Os que preferem voltar, pode ser por causa da insatisfação no momento ou exclusão social e outros (TCHAM, 2016).

Sanca e Röwer (2018) também procuraram entender o porquê dos egressos guineenses no Brasil optarem por permanecer aqui depois de formação. Com essa inquietação, as autoras realizaram entrevistas com egressos da Universidade Federal do Rio Grande Do Norte (UFRN) e da UNILAB.

Dos cinco entrevistados de cada IES quatro de cada instituição assinalaram a perspectiva de permanência no Brasil. Os entrevistados quando interrogados de forma objetiva sobre os motivos pela permanência no Brasil ressaltaram a (1) continuidade nos estudos;

(2) realização pessoal; (3) perspectiva de atuação profissional; e (4) comprometimento com o social. Dos motivos do retorno a Guiné-Bissau sobressaíram-se os aspectos de (1) comprometimento com o social e (2) realização pessoal. (SANCA, RÖWER, 2018, p. 20)

Por um lado, Sanca e Röwer (2018) explicam que o principal motivo que faz com que a maioria dos egressos decidisse não voltar para Guiné-Bissau foi o próprio governo da Guiné-Bissau, por conta das sequenciais instabilidades políticas, o que acabou afetando e trazendo questões do desemprego. Assim, há pouca oportunidade de emprego para os egressos e, por isso, sentem medo de voltar e ficar desempregados. As autoras explicam que não existe nenhuma garantia de concursos públicos viáveis para os recém-formados no país. Por outro lado, aqueles egressos que decidiram voltar sentiram a necessidade de darem suas contribuições como cidadãos, sentiam que era preciso que os próprios guineenses formados são quem devem e podem, de alguma forma, melhorar as condições de país para o desenvolvimento.

No contexto da UNILAB, os estudos sobre egressos podem ser mais complexos, visto que é uma universidade internacionalizada na sua estrutura, a dinâmica da própria sociabilidade pode ser diferente de outras instituições que possuem estudantes nacionais e recebem estudantes internacionais, eventualmente. Além disso, a própria construção dos cursos possui uma perspectiva crítica sobre questões internacionais e raciais.

Segundo Assumpção, Lima, Prolo e Leal (2021), os egressos de UNILAB não só tiveram diplomas como resultado da sua formação, como também a oportunidade de ter vivenciado saberes e culturas diferentes, portanto não só qualidade acadêmica que adquirem na formação, mas novas experiências sociais e culturais.

Os projetos pedagógicos dos cursos de graduação foram elaborados considerando os seguintes elementos: as diretrizes curriculares, o processo da globalização, o desenvolvimento tecnológico acelerado e a necessidade de envolvimento do profissional nas questões culturais, sociais, econômicas, políticas e internacionais dos países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). O perfil do egresso a ser formado na UNILAB agregará tais elementos e adicionalmente buscará fortalecer o desenvolvimento da sociedade e em especial das ações voltadas para a integração entre o Brasil e os demais países da CPLP (UNILAB, 2019, p. 5 apud ASSUMPÇÃO, LIMA, PROLO, LEAL, 2021, p. 381).

O projeto da UNILAB tem sido bastante importante e, nessa perspectiva, alcançando, de forma abrangente, dimensões de vida acadêmica e social dos egressos. De fato, ao ultrapassar fronteiras há probabilidade de alcançar uma consciência social mais ampla que um estudante no seu país de origem.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos se baseiam na análise quantitativa. “[...] a pesquisa em Ciências Sociais desvenda padrões recorrentes do comportamento social, estabelece relações entre fenômenos e, ao mesmo tempo, lida com as singularidades das experiências individuais” (LIMA, 2016, p.13). Lima (2016) ainda contribui nas técnicas de coleta de dados para análise quantitativa indicando que pesquisas quantitativas têm como “principal característica a unicidade da forma da coleta e tratamento dos dados. Para isso, necessita coletar um conjunto de informações comparáveis e obtidas para o mesmo conjunto de unidades observáveis”, entre outras características (LIMA, 2016, p. 16). Por conta disso, a primeira ferramenta utilizada nesse trabalho foi um questionário semiestruturado. A autora chama a atenção para a elaboração de perguntas. O pesquisador precisa saber a posição social do público a ser entrevistado, deve ficar atento para a liberdade de expressão sem nenhuns julgamentos e constrangimentos durante a entrevista, portanto as perguntas devem ser claras e sucintas.

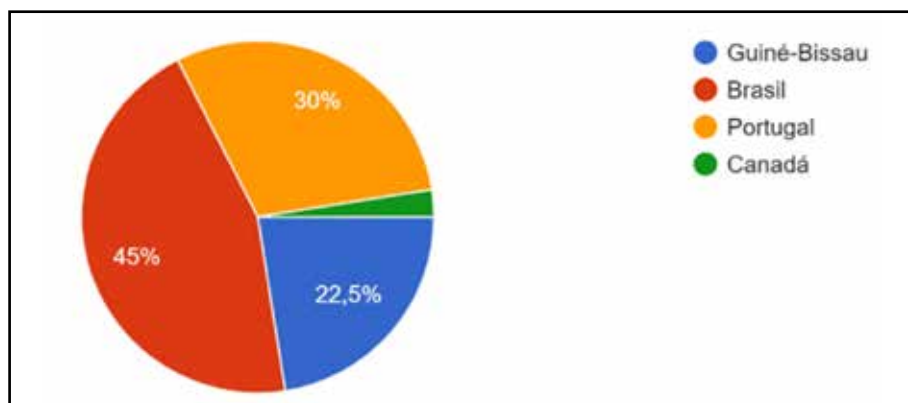
O público alvo são os egressos da UNILAB, campus de Malês, especificamente os egressos guineenses. Nesse processo, utilizamos os questionários em formato digital enviado através de redes sociais ou outras plataformas, tendo em conta que eles pudessem migrar por diferentes lugares do mundo, respondido entre maio e junho de 2022. Com base nisso, reuniu-se respostas acerca do momento pós formação dos estudantes, visto que trabalhamos com os egressos que ingressaram em 2014, ou seja, os primeiros ingressantes do Campus do Malês. Estes se formaram em momentos diferentes, entre os anos de 2016 a 2022. No entanto, dos 47 ingressantes, 40 responderam ao questionário entre os meses de maio e junho. Com isso os nomes foram levantados a partir da lista do Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros (PSEE)<sup>1</sup>. Para reservar a privacidade desses estudantes, seus nomes foram alterados no corpo do trabalho. Vale ressaltar que o processo migratório, muitas vezes, implica em uma circularidade das pessoas, o que pode fazer com que outros egressos pudessem não se encontrar no Brasil no período de envio dos questionários. Diante dessa possibilidade, as ferramentas digitais tornaram-se fundamentais para que os questionários chegassem a todos e, igualmente, facilitassem o envio das respostas.

## 5 RESULTADOS

Com base nas respostas obtidas no formulário, observa-se que os egressos guineenses estão na faixa etária de 26 a 37 anos de idade onde 31 são homens, 8 mulheres e 1 prefere não se identificar, portanto os homens são a grande maioria. Langa (2020) discute que as mulheres africanas sofrem com desigualdade de acesso aos estudos e, conseqüentemente, os homens africanos têm mais oportunidade em atingir a educação superior. Além disso, o autor aponta que os familiares africanos priorizam investir na educação dos filhos de sexo masculino porque consideram que os homens são os chefes de famílias de gerações em gerações. (LANGA 2020).

Os egressos se encontram distribuídos em quatro países diferentes, conforme é possível ver no Gráfico 1: Brasil, com 45% de egressos, no total de 18 pessoas, Guiné-Bissau, com 22,5% de egressos, no total de 9 pessoas, Portugal com 30% egressos, no total de 12 pessoas e Canadá, com apenas uma pessoa.

**Gráfico 1-** País de moradia dos egressos guineenses da UNILAB (campus do Malês)



Fonte: Pesquisa própria, 2022.

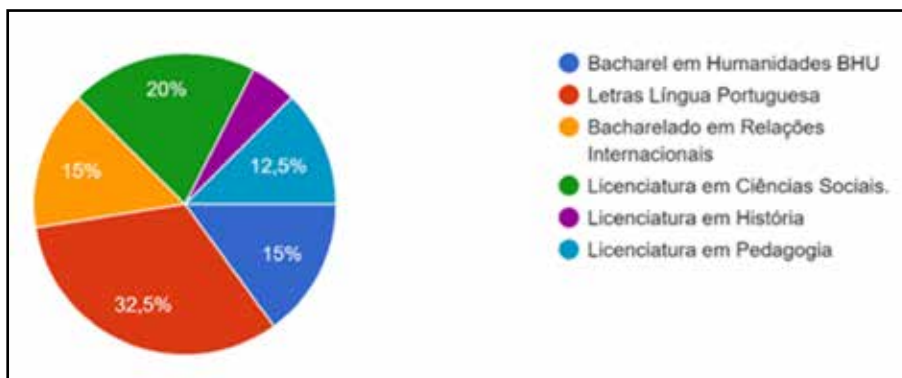
Verifica-se que a maioria dos egressos guineenses se encontra no Brasil atualmente, e em Portugal com segundo lugar. Dentre os egressos que se encontram fora de Guiné-Bissau, 92,5% declaram que pretendem voltar para o seu país de origem e 7,5% apresentaram ter dúvidas quanto ao retorno. Verifica-se, assim, que há um anseio pelo retorno como já foi discutido anteriormente na perspectiva de Tcham (2016). Isso pode ser influenciado pelas condições de vida desses egressos, que dependem das oportunidades de trabalho, da construção de família ou mesmo do sentimento de exclusão.

Um primeiro resultado relevante é que, por serem imigrantes no Brasil, sair da universidade envolve os sentimentos de decisões após o curso sobre voltar para o país de origem ou permanecer no Brasil ou então migrar para outro país. Nota-se que há certa circulação dos egressos por diferentes partes do país: São Paulo, Rio Grande do Sul, Ceará, entre outros. As mudanças dos egressos da UNILAB têm características de trocas de lugares, atravessar fronteiras e ocupar outros espaços, por isso encontramos respostas com espaços ou lugares diferentes, justamente porque são estudantes internacionais, imigrantes que saíram dos seus países de origem com o único objetivo de fazer curso superior e, segundo os resultados, uma saída temporária.

Vale ressaltar que Portugal é um país europeu que colonizou Guiné-Bissau, então este fato histórico acaba influenciando e produzindo um fluxo migratório dos guineenses para Portugal. Apesar de não ter sido explorada pelo questionário a razão do país de moradia recente, acredita-se que se encontram vários familiares de egressos guineenses da UNILAB em Portugal, o que permite considerar a hipótese do aspecto familiar como um atrativo para a migração a Portugal.

Quanto a formação, os egressos possuem graduação em diferentes cursos da UNILAB:

**Gráfico 2** - Último curso de egressos guineenses da UNILAB (campus do Malês)



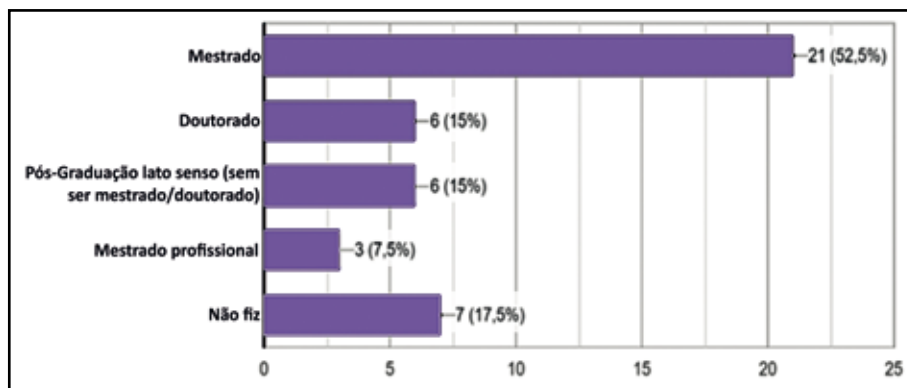
Fonte: Pesquisa própria, 2022.

Formaram-se, assim, nos cursos de Licenciatura em Ciências Sociais, em Pedagogia, em História e em Letras, também há aqueles do Bacharelado em Humanidades e em Relações Internacionais. A maioria se formou no curso de Letras, no total de 13 egressos, segundo em Ciências Sociais no total

com 8 egressos, nos cursos de Bacharelado em Relações Internacionais e Humanidades, no total de 6 egressos em cada curso, 5 egressos formaram no curso de Pedagogia e 2 egressos formaram no curso de História.

De acordo com as respostas da pesquisa, existem egressos guineenses da UNILAB que continuaram com os estudos na pós-graduação. A pós-graduação é um momento em que os egressos fazem a transição de cidades ou país porque precisam mudar para o lugar onde fica a sua universidade. Então, ao finalizar o curso, muitos começam a procurar vincular com outra universidade de pós-graduação antes mesmo de desvincular com a UNILAB, visto que assim encontram maior facilidade em renovar o visto e ter uma oportunidade de bolsa para não ficar sem uma renda após o fim do auxílio ao estudante comum na UNILAB.

**Gráfico 3** - Número de egressos guineenses da UNILAB (campus do Malês) 2019 na pós-graduação



Fonte: Pesquisa própria, 2022.

Analisando os Gráficos 1, 2 e 3, acima, percebe-se que a maioria dos egressos está na pós-graduação, são 18 pessoas que continuaram morar no Brasil e 12 que migraram para Portugal para cursá-la. Dentre os egressos que não estão atualmente na pós-graduação, 5 pessoas já concluíram e um grupo de 10 egressos não fizeram pós-graduação.

O mestrado é a opção na qual os entrevistados se concentraram, com 52,5%. Também tem egressos no doutorado 15%, pós-graduação lato sensu 15% e mestrado profissional, 7,5%. É frequente quando chegam ao Brasil os estudantes emitirem a opinião que irão apenas cursar a graduação e voltarão ao país de origem. Porém, ao longo da graduação, este quadro se modifica, seja porque vê uma oportunidade de cursar o mestrado já que é pequena a possibilidade com o retorno ao país de origem, seja por passarem a se interessar pela pesquisa.

Além da pós-graduação, 25 egressos guineenses trabalham. No quadro abaixo é possível verificar dois momentos de ocupação dos egressos: a ocupação atual (no momento da entrevista) e aquela anterior a atual. A proposta com as perguntas foi justamente entender se a ocupação atual se aproxima mais da área de formação ou exigiria maior qualificação.

**Quadro 2 - Ocupações dos egressos após formação**

<p><b>Ocupação anterior</b></p>	<p>Garçom durante as férias, Ajudante de carpinteiro, Repositor da loja, Pesquisa em processo de integração de estudantes estrangeiro, Orientadora e Educadora infantil particular, Operadora de caixa, Assistência de eletrodomésticos, Revendedora da Avon produtos cosméticos, Atendente na praia, Auxiliar de Cozinha, Caixa no mercado e Recepcionista no salão de cabeleireiro, Vigilante durante três meses e Garçom num hotel 4 estrelas <b>Leciona aula de inglês, Coordenador de projeto de Educação de ONG</b>, Atendente em restaurante, Empregados doméstica e Comerciante, Frios e laticínios, empresa de autopeças e nos correios, Repositor de mercadoria num super mercado em fortaleza, construção civil, Barmen, Técnico de Logística, Técnico informático, Atendente de caixa, Garçonete e Auxiliar de cozinha, Engenharia clínica, hospitalar (aparelhos clínicos e biomédicos), Repositor no pingo doce, Atendente na praia, Trabalhadora de limpeza, <b>Inquéritos particulares e para entidades internacionais e ONGs</b>, inquéritos.</p>
<p><b>Ocupação atual</b></p>	<p>Revisor textual freelancer, Auxiliar de armazém, Garçonete, Auxiliar de sushiman, JBS Aves, Operadora de Produção I, Empresa de automóveis FORD, <b>Tutor de referência no curso de pedagogia EAD de UFPR (Universidade Federal do Paraná)</b> serviços gerais, Freelancer, Produtor de Eventos, Técnica de Gestão de formação, Operador I JBS Alves, <b>Docente universitário</b>, Técnica de projeto, Montagem de máquinas de ar condicionado, Repositor no supermercado, Construção Civil, Repositor de supermercado, Desenvolvedor de Sistemas, construção civil, <b>leciona a língua portuguesa</b>, sistema embarcado: microcontroladores, Operador de logística no aeroporto, Atendente de supermercado, <b>Docência e pesquisa, e professora universitária.</b></p>

Fonte: Pesquisa própria, 2022.



Entre os 25 dos egressos que trabalhavam, a maioria aponta trabalhos que não são da sua área de formação. No primeiro quadro, as ocupações que apareceram com maior frequência são mais ligadas ao setor de serviços como trabalhos em supermercados e outros se ocupam mais no setor de entretenimento, lazer ou em restaurantes, hotel, praia. Apenas um grupo menor declarou atuar em áreas mais próximas à docência ou pesquisa, uma docência em inglês, um que trabalhou na educação em uma ONG e outra entrevistada atuou em uma área mais ligada a pesquisa.

Ao passo que no segundo quadro, no trabalho atual, 5 egressos trabalham na área de educação na qual 4 pessoas são docentes e, entre eles, 3 são docentes universitários e um trabalha com tutoria. O restante atua principalmente no setor de serviços e entretenimento.

Com a perda de auxílio da UNILAB e sem nenhuma bolsa, há a necessidade de trabalhar. Então, os egressos acabam por procurar qualquer trabalho que pode ser informal e há aqueles que trabalham e estudam simultaneamente, para auxiliar nos estudos. Segundo Silva, Nunes e Jacobsen (2011), na UFSC a maioria dos egressos que se formaram em 2011 trabalham na sua área de formação, embora demonstrassem dificuldades para conseguir trabalho, enquanto os egressos guineenses da UNILAB, aparentemente, não possuem dificuldade de acessar o mercado de trabalho.

Segundo depoimento do egresso Marcos:

Bom, uma das questões é o trabalho, visto que não conseguimos participar dos concursos públicos com o visto de estudante, portanto, resta a opção de procurar os restaurantes ou outros trabalhos que não têm nada a ver com a sua formação para garantir sua permanência. (Marcos, entrevistado, 2022)

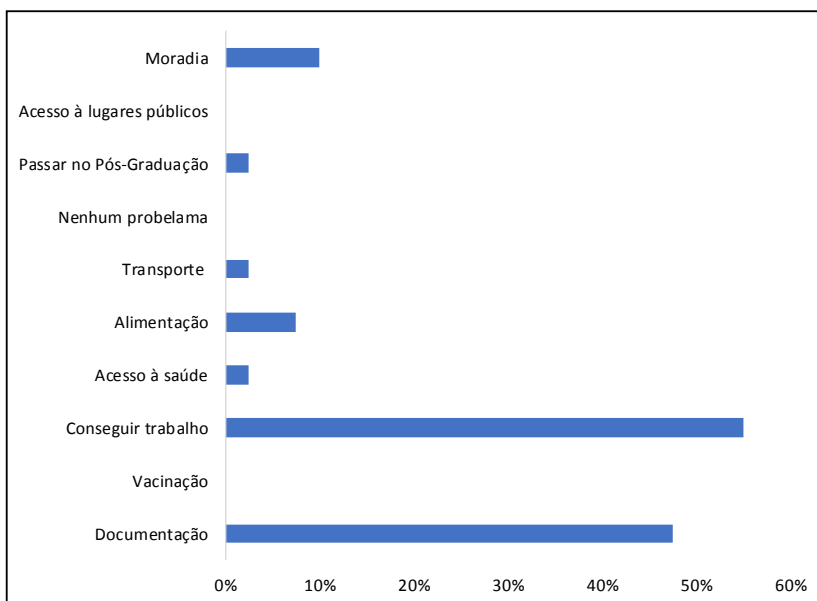
Embora os egressos guineenses que formaram e voltaram para Guiné-Bissau sejam a minoria quando comparados àqueles que ficaram no Brasil ou que migraram para Portugal, é importante analisar em quais áreas trabalham e quais foram seus desempenhos para sociedade guineense. Há uma expectativa sobre os guineenses que saíram para estudar fora do seu país principalmente dos seus familiares, como Gusmão (2014) demonstrou na sua obra de que, na maioria das vezes, os estudantes dos PALOP que saíram para estudar são os primeiros da família a cursar o ensino superior e são considerados como aqueles que possuem maior capacidade de ajudar a família.

Dentre as respostas que tivemos dos egressos, atualmente 5 pessoas moram em Guiné-Bissau, apenas um não trabalha na sua área de formação, se ocupa na construção civil. Os outros quatro egressos que retornaram

a Guiné-Bissau são todos docentes universitários, alguns confirmaram que são também pesquisadores. Cabe ponderar que a pesquisa não envolveu perguntas sobre as formas de acesso ao mercado de trabalho, como a existência de redes prévias que possibilitaram maior facilidade de entrada em ocupações que exigem mais qualificação. Assim, não é possível afirmar que os egressos que retornaram encontraram mais facilmente as ocupações atuais por possuírem a formação meramente ou se acionaram uma rede de relações já existentes.

Porém, formar-se, ingressar na pós-graduação e mercado de trabalho não são caminhos simples. Também é fundamental entender as principais dificuldades enfrentadas pelos egressos. Abaixo se apresenta o Gráfico 4 com os principais problemas enfrentados:

**Gráfico 4** - Problemas enfrentados pelos egressos guineenses da UNILAB (campus do Malês) de 2019



Fonte: Pesquisa própria, 2022

O gráfico acima demonstra que as dificuldades dos egressos guineenses recaem mais nas questões de conseguir trabalho com 55% e questão de documentação com 47,5%. Uma das dificuldades mais recorrentes é o tipo de visto atribuído aos estudantes, incompatíveis com a possibilidade de entrada no mercado de trabalho, uma vez formado, conforme apontam Ana e Domingos, dois entrevistados durante a pesquisa:

O problema enfrentado pós-formação, é encontrar o trabalho na minha área de formação por que sou das áreas de humanas. Está sendo muito difícil devido as burocracias do próprio governo do Estado sobre algumas documentações de permanência no Brasil ou da nacionalidade, etc. (Ana, entrevistada, 2022)

Em grande parte, os concursos públicos no Brasil só permitem a participação de estrangeiros com visto de residência permanente ou aqueles que possuem naturalização. Esse instrumento legal tem sido um entrave para muitos estudantes considerando a fato de que todos apenas possuímos vistos temporários. (Domingos, entrevistado, 2022)

Levanta-se a existência de outros fatores relacionados ao preconceito, conforme relata Maria:

Desde que me formei não trabalho na área. Faço bicos, e freelancer sem carteira assinada. Ser estrangeiro no Brasil é muito difícil, impacta de uma forma a sua vida, além de você não possuir as documentações no qual, pedem na hora de abrir um contrato, você é excluído de todas as formas, por ser preto, pobre, africano e estrangeiro e não ter o perfil adequado para atender as demandas e os interesses deles/sociedade. O país é muito racista, xenofóbico, preconceituoso, esses são os maiores problemas que você estudante vai enfrentar e se deparar ao sair da UNILAB. (Maria, entrevistada, 2022)

Aparentemente o ponto chave desse problema ou do impedimento de egressos ingressarem nos trabalhos de acordo com as suas áreas de formação é a documentação (Visto de permanência), visto que os egressos migram para o Brasil com visto de estudante provisório. Nessa senda, a política de concursos público no Brasil exclui egresso que tem visto nessas condições. Nessa situação, os egressos têm como opção voltar para seu país de origem sem experiência e ir de acordo com visto temporário ou então aderir ao visto de permanência se tiveram condições.

Gostaria de dar aulas no Brasil antes de voltar para Guiné-Bissau. Cheguei a passar por processo de edital emergencial no estado de São Paulo, mas por falta de

documento visto permanente, fui excluído do processo, mesmo tinha passado do processo seletivo. (Carlos, entrevistado, 2022)

O egresso mesmo tendo uma formação sólida e ter sido aprovado em concurso por seu próprio mérito, não conseguiu assumir a vaga por conta de questão de visto. Ainda sobre os problemas com a documentação, os egressos guineenses demonstraram que tiveram dificuldades na forma de fazer a renovação de vistos por terem se desvinculado da UNILAB.

Uns dos maiores problemas enfrentados depois da formação além da questão financeira, são problemas de documentação, pois quando estava no último semestre do curso de Licenciatura em Sociologia já tinha aprovado no mestrado em (Estudos africanos), em Portugal. Só que no momento precisava ainda manter o vínculo com a UNILAB para poder dar procedimento ao processo de obtenção de visto de estudo para Portugal, na altura tinha até que adiar a minha formatura para conseguir os documentos necessários por parte da universidade para renovação do visto na polícia federal e, depois para fazer solicitação do visto de estudo no consulado de Portugal.... depois todo esse processo, devido a pandemia não consegui viajar na altura e também não consegui fazer colação do grau, apesar de cumprir com todos os requisitos necessários para a colação... (Malam, entrevistado, 2022)

Nesse contexto, os egressos podem correr riscos de ficar indocumentado no país, então é uma preocupação que afeta não só a permanência como a saúde mental.

No que tange ao trabalho e estudos, o grupo que migrou para Portugal possui algumas particularidades. A pós-graduação em Portugal é paga, mesmo quando é do sistema público, enquanto no Brasil ela pode ser feita gratuitamente. Assim os egressos trabalham para custear a formação. Nessa senda, também houve dificuldades no emprego por meio de várias questões, como transporte, saúde, documentação. Agostinho e Paulo nos relatam sobre sua ida a Portugal:

Os problemas enfrentados após a formação em 2019 na UNILAB, começaram logo ali. Eu já não tinha auxílio para manter. Cheguei a Portugal e em algumas semanas decretaram aviso de emergência sobre o Covid 19. Tudo

isso, logo no início do meu novo percurso. Nem sei explicar como que aguentei esses tempos todo. Depois de 4 meses comecei a trabalhar na construção civil, sem documentação e o processo de documentação é muito difícil para mim na altura, mas graças a Deus consegui a minha primeira residência no mês de junho, depois de 2 anos e alguns meses. Vocês imaginam isso? E eu a trabalhar na construção civil, não é nada fácil até agora. (Agostinho, entrevistado, 2022)

Portanto, estudar aqui não é nada fácil! Sem bolsa ainda temos que trabalhar e estudar. Se não trabalha, não vai ter como manter o seu estudo, caso não pagar mensalidade em dias, entram os juros e proibição da emissão de documentos escolar, caso aluno necessita para renovação do seu documento de identificação. Outra situação que acho injusto aqui é chegar na urgência (emergência, seria o correspondente no Brasil) do hospital público, depois de ser atendido o paciente tem que pagar 18,00 €. Se não tiver, o serviço de hospital vai enviar fatura para sua casa afim de receber o pagamento. Se não pagar, poderá sofrer consequência no futuro pelo serviço de Finanças Públicas do país. É complicado viver aqui, sinceramente! (Paulo, entrevistado, 2022)

De fato, é de imaginar que Portugal pode ter diferença com o Brasil em muitos fatores como cultura, sistemas econômico, políticas e outros, por serem países com sistemas públicos de saúde e educação organizados e disponibilizados de formas diferentes à população. Como vimos nos depoimentos, as normas exigidas no ensino brasileiro são diferentes de Portugal. Vale ressaltar que Portugal não tem um sistema público de saúde como o Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. No país dos lusíadas, os tratamentos de saúde têm um custo para paciente ou sua família o que pode influenciar nas dificuldades de egressos.

Outros problemas que os egressos elencaram ao sair da UNILAB com menor frequência foi o acesso à saúde e as questões de racismo, xenofobia, dificuldades financeiras, preconceitos, *lockdown* da pandemia Covid-19, aprovação no processo de pós-graduação, e saúde.

Nota-se que de modo geral os problemas podem aparecer quando se trata de país de migração, as dificuldades podem ser maiores do que quando vive no próprio país de origem. Portanto, pós-formação, os egressos, ao desvincularem-se da UNILAB, encontram dificuldades, porque a maioria fica sem garantia de acesso a uma renda financeira. Além disso, a regulamentação

de vistos e mesmo de passaporte dificulta o acesso ao mercado de trabalho, principalmente o formal, e gera uma insegurança na vida desses imigrantes. Considerando que vivem numa sociedade hierárquica, as desigualdades sociais, sobretudo de raça, é um dos desafios para os egressos, principalmente negros africanos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente a Guiné-Bissau possui uma educação precária, sobretudo, o ensino superior. Assim muitos guineenses têm como opção cursar a universidade em outros países, principalmente Brasil e Portugal, por intermédio das cooperações bilaterais. Os estudantes abraçaram o projeto da UNILAB como grande oportunidade de cursar o ensino superior. A educação se mostra como um fator importante no processo de migração entre Brasil e Guiné-Bissau, sendo que a UNILAB se mostra como um primeiro impulso para o emigrar e, como mostrou a pesquisa, a permanência dos guineenses na diáspora.

Os primeiros egressos guineenses do campus do Malês da UNILAB estão espalhados em quatro diferentes países (Brasil, Portugal, Guiné-Bissau e Canadá), entretanto aqueles que continuaram a morar no Brasil são maioria. Contudo, grande parte dos egressos manifesta vontade de voltar para o país de origem. Alguns se ocupam com trabalhos que não são da sua área de formação e alguns ficaram para continuar os estudos na pós-graduação, assim como no caso de aqueles que migraram para Portugal. O grupo que retornou a Guiné-Bissau, embora em um número menor, atua na sua área de formação, o que é uma vantagem para a sociedade guineense. Contudo, cabe salientar que a pesquisa não abrangeu uma pergunta específica sobre como egressos ingressaram no mercado de trabalho, se por uma rede pré-existente, por exemplo.

O momento pós-formação mostra-se angustiante, em especial no que diz respeito acesso ao mercado de trabalho, além da insegurança acerca de documentação, racismo, preconceito, xenofobia, moradia, alimentação e transporte. Por não serem nativos, há dificuldade em ingressar no mercado de trabalho por conta do tipo de visto, no caso, o visto de estudante. Por fim, o momento de pandemia de Covid-19 foi um fator a mais de dificuldade na trajetória pós-formação. Mesmo assim, conseguiram se formar, alcançaram seus objetivos e saem triunfantes, sendo que a UNILAB é uma instituição com projeto diferenciado que, além de proporcionar uma formação acadêmica, também possibilita reflexões sobre o próprio contexto africano e valores de crescimento pessoal com as diversidades que nela engloba.

## NOTA

<sup>1</sup> Os resultados do PSEE estão disponíveis em: <<https://unilab.edu.br/processo-seletivo/selecao-de-estrangeiros/>>. Acesso em abril de 2022.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Daniela Patti; OLIVEIRA, Fátima Bayma. O Prouni e a conclusão do ensino superior: novas trajetórias pessoais e profissionais dos egressos. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 19, n. 73, p. 861-890, 2011.

AMARAL, Joana de Barros; MENEGHEL, Stela Maria. Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G): de um programa da década de 1960 para uma política educacional. **37ª Reunião Nacional da ANPEd** - 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC - Florianópolis

ASSUMPCAO, Solange Rodrigo Bonomo; LIMA, Manolita Correia.; PROLO, Ivor; LEAL, Fernanda. Influência da mobilidade acadêmica internacional solidária na trajetória acadêmica e pessoal de egressos da Unilab e da Unila. In: LIMA, Manolita Correia; PROLO, Ivor; ASSUMPCÃO, Solange Rodrigo Bonomo; LEAL, Fernanda. (Org.). **Unilab 10 anos: gênese, desafios e conquistas**. 1 ed. Blumenau: Edifurb, 2021, p. 377-405.

BATHILLON, Aldine Valente. **Estudantes guineenses: da educação secundária na Guiné-Bissau à educação superior na Unilab, Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2016.

BARROS, Joana; MARIA, Stela. Programa Estudante Convênio De Graduação (PEC-G): de um programa da década de 1960 para uma política educacional. **37ª Reunião Nacional da ANPEd. Anais.. UFSC - Florianópolis**, 2015.

BRASIL. **Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010**. Dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n. 138, 21 jul. 2010.

CÓ, João Ribeiro Butiam. Migração e desenvolvimento na Guiné-Bissau: experiências e controvérsias dos atores envolvidos no processo. Associação das Universidades de língua portuguesa (AULP). **Migrações. Revista internacional em língua portuguesa**. III serie, nº 24. - 2011.

- GREGORI, José. Refugiados e imigrantes: uma abordagem de direitos humanos. **Caderno de debates**, v. 2, p. 15-28, 2007.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Intelectuais Negros: Migração e formação entre conflitos e tensões. **O público e privado**, N 23 - janeiro/julho – 2014.
- LANGA, Ercílio Neves Brandão. Experiências de imigrantes africanas na cidade de Fortaleza-CE (2010-2017). **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 7, n. 12, p. 1-25, 2020.
- LIMA, Márcia. O uso da entrevista na pesquisa empírica. In: **Métodos de pesquisa em ciências sociais: Bloco quantitativo**. Sesc São Paulo/CEBRAP. São Paulo, 2016.
- MENDES, Leonel Vigente. **(Des)Caminhos do Sistema de Ensino Guineense: avanços, recursos e perspectivas**. 1. Ed. Curitiba: Editora CRV, 2019.
- MILANI, Carlos Roberto Sanchez; DA CONCEIÇÃO, Francisco Carlos; N´BUNDE, Timóteo Saba. Cooperação Sul-Sul em educação e relações Brasil-PALOP. **Caderno CRH**, Salvador, v. 29, n. 76, p. 13-32, jan./abr. 2016.
- OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES EM SÃO PAULO. **Banco Interativo do Observatório das Migrações em São Paulo**. Nepo/UNICAMP, s/d. Disponível em: <<https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/>>. Acesso em 15 de setembro de 2022.
- PEREIRA, José Carlos Alves. Abdelmalik Sayad. **TRAVESSIA - Revista do Migrante**, n. 85, p. 3-6, 2019.
- SANCA, Natalé Augusto João; RÖWER, Joana Eliza. **Entre a permanência no Brasil e o retorno a Guiné-Bissau: uma análise comparativa entre estudantes da Universidade da Integração**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Sociologia) - Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção-CE, 2018.
- SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teorias das migrações internacionais. **Anais... XII Encontro Nacional da Associação Brasileiras de Estudos Populacionais (ABEP)**. Caxambu, 2000.
- SAYAD, Abdelmalik. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.



- SUMBA, Julio Quintino Cam-Nate. **Estudantes africanos na Unilab Campus dos Malês (São Francisco do Conde) entre os anos 2014-2018**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019.
- SILVA, Carla Craice; SOUZA Cristiane Santos; BATHILLON Aldine Valente. O ser e o estar na UNILAB: o olhar das/dos estudantes africanas/os sobre a Integração. **In: Artemisa Odila Candé Monteiro; Ivan Costa Lima (orgs). UNILAB 10 anos: Experiência, desafios e perspectivas de uma Universidade Internacional com a África e Timor-Leste no interior da Bahia e Ceará, v. 1. Fortaleza: Imprece, 2021.**
- SILVA, José Marcos; NUNES, Rogério da Silva; JACOBSEN, Alessandra de Linhares. O programa de acompanhamento dos egressos da Universidade Federal de Santa Catarina: a definição perfil dos estudantes no período 1970-2011. **XI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul, Anais...** Florianópolis-SC, 2011.
- TCHAM, Ismael. **Estar, ficar e retornar: estudantes africanos no Brasil e os dilemas da migração**. Tese Doutorado (Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco Centro de Filosofia e Ciências Humanas Departamento de Ciências Sociais Programa de Pós-graduação em Antropologia, Recife, 2016.
- VARGAS, Michely de Lima Ferreira. Ensino superior, assistência estudantil e mercado de trabalho: um estudo com egressos da UFMG. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**. Campinas, v. 16, p. 149-163, 2011.

## RESUMO

O presente trabalho aborda a trajetória pós-graduação dos primeiros estudantes guineenses formados pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), especificamente do campus do Malês localizado na Bahia. A criação da UNILAB está envolta de uma política de internacionalização Sul-Sul, estreitando laços entre o Brasil e os demais Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). A pesquisa busca compreender os caminhos percorridos pós-graduação dos estudantes, observando dificuldades e conquistas com foco no campo profissional. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram entrevistados 40 entre os 47 ingressantes no ano de 2014. A investigação mostrou que a maioria dos egressos permanece no Brasil, em especial na pós-graduação e/ou estão ocupados nas áreas de entretenimento e serviços, destacando a dificuldade em conseguir um trabalho na sua área de formação. Apesar de permanecerem no Brasil, grande parte expressou o desejo de retornar para seu país de origem. Entre os egressos que retornaram a Guiné-Bissau, grande parte trabalha na sua área de formação, quadro diferente daqueles que moram no Brasil e em Portugal que, em sua maioria, permanecem estudando na pós-graduação.

**Palavras chave:** Migração Internacional; Ensino Superior; Egressos.

## ABSTRACT

This work addresses the post-education trajectory of the first Guinean students graduated from the Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), specifically from the Campus dos Malês located in Bahia. The creation of UNILAB is surrounded by a South-South internationalization policy, strengthening ties between Brazil and other Portuguese-speaking Countries (PALOP). The research seeks to understand the paths taken post-graduation by students, observing difficulties and achievements with a focus on the professional field. For the development of the research, 40 of the 47 entrants in 2014 were interviewed. The investigation showed that the majority of graduates remain in Brazil, especially in postgraduate studies and/or are employed in the areas of entertainment and services, highlighting the Difficulty getting a job in your field of training. Despite remaining in Brazil, most expressed the desire to return to their country of origin. Among the graduates who returned to Guinea-Bissau, a large proportion work in their area of training, a different situation from those who live in Brazil and Portugal, who, for the most part, continue studying postgraduate studies.

**Keywords:** International Migration; University education; Graduates.

# Imaginar Londres nas decisões dos migrantes brasileiros de classe média: cosmopolitismo, multiculturalismo e o papel da imaginação geográfica

*Daniel Robins\**

## 1 INTRODUÇÃO

Os dados quantitativos (CARLING & JOLIVET, 2016; EVANS et al., 2015) sobre a população brasileira de Londres são intrigantes. Mostram que há muitos que não se socializam com outros Brasileiros, não se envolvem com cultura brasileira e / ou com atividades de lazer, e afirmam não ter migrado por razões econômicas. Em vez disso, eles são motivados por um ideal que é mais efêmero: uma “melhor qualidade de vida”. Os entrevistados dos Carling e Jolivet não priorizam “oportunidades de trabalho”; a maioria citou “aprender um idioma” e “vivenciar a cultura” como as motivações principais. Evans et al. (2015) encontraram um fenômeno semelhante. Um terço dos seus entrevistados mudou-se para Londres para “uma experiência de vida / cultural” e quase metade escolheu o Reino Unido para “conhecer / aventura / idioma / cultura / qualidade de vida” (2015, p. 18). As respostas deles parecem diferenciá-los dos outros grupos de migrantes no estudo de Carling e Jolivet (2016). Por exemplo, a maioria dos marroquinos que eles entrevistaram relataram um benefício financeiro por morar no Reino Unido, mas sentiram que a “qualidade de vida” deles havia se deteriorado (CARLING & JOLIVET, 2016, p. 34).

Este artigo expandirá o que os estudos quantitativos sugerem. Explorará as motivações e valores de muitos migrantes brasileiros em Londres. Argumenta que, para muitos brasileiros de classe média, a motivação para migrar é expressa em termos de “alienação social [societal alienation]” (DASHEFSKY & LAZERWITZ, 1983): um sentimento de distância do lugar de origem: é causada por uma falta de identificação e confiança nas

---

\* Latin American Centre, Oxford School of Global and Area Studies, University of Oxford  
daniel.robins@lac.ox.ac.uk

instituições e até mesmo na cultura do local de origem. Isso contrasta com o conceito de migração devido à “alienação material [material alienation]”. Este termo descreve as pessoas que migram para acessar um nível mais alto de consumo das mercadorias ou ganhar dinheiro para usar quando eles voltam ao Brasil. Para aqueles que migram devido à “alienação social”, eles reivindicam que têm uma interpretação menos material da “qualidade de vida” no destino da migração. Mais, essa interpretação se torna uma espécie de mercadoria por direito próprio. O argumento deste artigo é o seguinte: um marcador importante nas diferenças entre dois modos é as divisões das classes sociais, que às vezes se cruzam com as divisões regionais e raciais da sociedade brasileira.

Este artigo organiza-se da seguinte forma: a segunda seção explica o quadro teórico. Ele, primeiro, fornece uma definição útil da ‘classe média’ e passa a explorar o papel da imaginação geográfica na migração voluntária, e os dois imaginários do Norte Global que informam as motivações e a experiência da migração entre os migrantes. A terceira seção explora a migração brasileira para Londres e o imaginário geográfico. Examina como o conceito do imaginário geográfico pode-nos ajudar a entender o desejo de emigrar e para onde emigrar. Foca-se nas motivações para emigrar do Brasil com uma compreensão de como Londres é imaginada e vivenciada. A última seção (quarta) examina como muitas pessoas das classes médias imaginam seu projeto de migração como sendo distinto da percepção da “comunidade” transnacional brasileira em Londres da qual elas querem distinguir-se. Argumenta-se que, muitas vezes, essas pessoas se posicionam como consumidores, em vez de produtores de multiculturalismo, em sua relação imaginada com Londres como uma cidade global e multicultural.

## 2 QUADRO TEÓRICO

### *2.1 Algumas definições das ‘classe-média’ e ‘cultura’<sup>1</sup>*

O termo “classe média” pode significar coisas diferentes em contextos diferentes (GIBSON-GRAHAM & RUCCIO, 2001). No Brasil em particular, como Centner observa, “[a] definição de ‘classe média’ é imprecisa e maleável” (2012, p. 260). O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) usa múltiplos de salário-mínimo para categorizar a população em termos de classes sociais que variam de A ao E. Uma abordagem mais sutil é realizada pela Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa (ABEP), que mede a posição de classe não em termos de renda, mas por meio dos níveis de consumo material e acesso à educação e outros serviços públicos (KAMAKURA & MAZZON, 2017). A classe “C” foi apelidada por pesquisadores como Neri (2011) como a “nova

classe média”. Frequentemente, são residentes do que algumas pessoas do Norte Global considerariam como favelas, mas que alcançaram um padrão de consumo e renda que os leva a serem definidos como de classe média. Outros estudiosos apontaram pontos fracos com a afirmação de Neri de uma “nova classe média.” Cardoso e Préteceille (2017) propõem que, além da renda e do consumo, também é importante levar em conta a estrutura ocupacional e quando isso acontece, uma parte muito menor da classe C seria identificada como a classe média. No entanto, assim como as medidas objetivas da posição da classe, é importante incluir medidas subjetivas (RUBIN et al., 2014). Não deve ser ignorado que muitos membros da classe C se autodefinem como classe média (NERI, 2011; 2014). O que está claro é que o termo “classe média” pode ter uma conotação diferente no Brasil da que pode ter no Reino Unido e o fato de que os membros das classes B e C se autodefinem como “classe média”, apesar das diferenças entre eles, pode ser confuso para quem está de fora. Isso ocorre porque os membros da classe B normalmente estão usando os padrões de vida, qualidade da educação e posição na estrutura ocupacional da Europa ou da América do Norte como uma referência. Então, quando me refiro a “classe média brasileira”, quero dizer não apenas que eles se autodefinem como classe média, mas que vêm da classe B no sistema de classificação brasileiro e que a qualidade material do estilo de vida, padrões de consumo, níveis da educação e posição dentro da estrutura ocupacional no Brasil seriam reconhecidos como “classe média” pelos padrões do Norte Global. O termo “classe média baixa” talvez possa ser usado para descrever a classe C do Brasil que, apesar de se autodefinir como classe média também, e ter a capacidade de migrar para Londres, não ocupa uma posição dentro da estrutura ocupacional brasileira que atenderia à definição de classe média de Cardoso e Préteceille (2017). É importante ressaltar que seu nível de renda pode não ser suficiente para ficar imune à experiência de “alienação material” provocada pelo ideal globalizado do que constitui o status de classe média, que está medido pelos padrões do Norte Global. Mais, essas divisões de classe frequentemente se cruzam com as divisões regionais e, muitas vezes, raciais também, no Brasil. Os brasileiros de classe média em Londres são geralmente dos estados do sul e sudeste e de ascendência em grande parte euro-brasileira. Muitas vezes se encontram trabalhando lado a lado, pelo menos no início de seus tempos em Londres, com brasileiros de classe média baixa dos estados mais pobres do Centro e do Nordeste (EVANS et al., 2015). Uma consequência é quando muitos enfatizam a distinção e a característica individualista de suas motivações e experiências da migração; eles também enfatizam divisões de classe, das regiões e, às vezes, das raças que formam a sociedade brasileira.

Thompson (2016) observa que os pesquisadores frequentemente consideram fatores culturais ao teorizar decisões de migração, mas isto é geralmente em termos da cultura do país original. Pode ser uma cultura de migração que existe no país de origem, ou a atração de migrar para um lugar que tem características culturais semelhantes, como língua ou religião, ao lugar de onde se vem (MASSEY et al., 1993). O que permanece subestimado é a possibilidade de a cultura de um destino de migração atuar como um fator “puxão” na tomada de decisão sobre a migração e na própria experiência da migração. Este artigo usa a imaginação geográfica para explorar as descobertas do meu trabalho empírico qualitativo com migrantes brasileiros, predominantemente da classe média, que moram em Londres.

O artigo examina como esses migrantes imaginam Londres e seu lugar dentro dela, antes e depois de chegarem. Havia muitos entrevistados que mantinham uma distância irônica da cultura brasileira transnacional, feita ‘por migrantes para migrantes’ (FRANGELLA, 2010), que existe em Londres. Uso a definição de Sewell (1999) na interpretação de ‘cultura’ como um sistema e uma prática. ‘Cultura’ é um conjunto das práticas que ocorrem no contexto de um sistema semiótico. O conceito da cultura transnacional como ‘fundamentado’ numa cultura de mercadorias materiais ajuda a tornar isso mais concreto (CRANG et al., 2003). Em vez de participantes ou de produtores de uma cultura brasileira transnacional “autêntica”, muitos migrantes brasileiros de classe média se posicionam como consumidores de mercadorias culturais transnacionais mais amplas. Eles se imaginam na perspectiva universalizada de quem tem a capacidade de praticar o consumo de mercadorias (multiculturais) na Londres imaginada como o lugar que oferece essa oportunidade.

Os Brasileiros de classe média, às vezes, podem ser mais ambivalentes em suas relações com a identidade nacional (CAPRONI, 2014). Marques de Souza observa:

A sintomática Brasileira... contém, na verdade, uma ausência de vínculo retesado, vínculo esse que acaba por vigorar muito mais no campo da ironia do que no do orgulho. Ser Brasileiro, ao que parece, é ‘não-ter país’. É atuar por sínteses que superam essas marcações, em prol de uma terceira coisa com um significado para além do que a ideia de “país” pode conter. (MARQUES DE SOUZA, 2013, p. 7)

Essa ambivalência em relação à identidade nacional pode explicar por que muitos brasileiros de classe média se distanciam do Brasil tanto retoricamente, quanto em suas práticas sociais após a migração. Outros

pesquisadores encontraram evidências de uma tendência nos discursos e nas práticas de muitos brasileiros em Londres de se distanciarem de uma identidade supranacional como ‘americanos-latinos’ (MCILWAINE, 2016, pp.174-175).

## 2.1 Migração ‘livre’ e a imaginação geográfica

A migração livre, “está associada a uma’ consciência espacial ‘muito peculiar e estreita [minha tradução]” (DELLA PERGOLA, 1984, p.297) e tem certos objetivos que “só podem ser seguidos em relação com um certo ‘lugar ideal’ (1984, p. 297). Griffiths e Maile também afirmam que os imaginários sociais, “são muitos específicos de um lugar” (2014, p.156). O conceito da imaginação geográfica pode-nos ajudar a entender por que alguns lugares são atraentes para os migrantes. Marcus (2009) descreve a imaginação geográfica como, “o conhecimento espacial - real ou abstrato - que permite aos indivíduos imaginar um lugar”. A imaginação geográfica pertence às percepções e experiências do lugar, e ao comportamento e às práticas que ocorrem nesses lugares. No entanto, pode ser também um meio para compreender como as pessoas imaginam e negociam suas identidades em relação a identidades nacionais e culturais mais amplas (GREGORY, 1994).

A imaginação geográfica não é apenas uma compreensão do espaço como a produção de significado anexado aos espaços particulares. É usada por indivíduos (e coletivos) para negociar seu próprio sentido de lugar e pertencimento dentro desses espaços imaginários também. Embora a imaginação geográfica possa descrever como as pessoas imaginam o desconhecido ou ‘exótico’ (SAID, 1977), também é útil entender como o conceito ‘familiar’ é imaginado, em termos de locais de origem e os aspectos do destino de migração que já são familiares aos migrantes. É importante salientar como os locais de origem e de destino estão imaginados em relação um ao outro. A cultura no destino da migração pode ser imaginada como “desconhecida” e o desejo de se mudar para lá pode ser lido como uma espécie de desejo cosmopolita pela ‘diferença’ (URRY, 2000), mas pode ser imaginado como “familiar” também por meio da exposição prévia a essa cultura por meio das “mediascapes” (APPADURAI, 1996). Então, referindo-se a Sewell (1999) e Crang et al. (2003), é possível familiarizar-se com mercadorias culturais “não familiares” ao sentir que não é possível “praticar” verdadeiramente o consumo dessas mercadorias culturais sem se deslocar para um lugar imaginário específico ou um contexto semiótico. Um outro conceito importante é a identidade do assentamento [settlement identity] (FELDMAN, 1996), que pode explicar como o aparentemente ‘desconhecido’ é frequentemente imaginado dentro do contexto familiar.

Da mesma forma que um desejo por um refrigerante desconhecido ainda existe dentro da familiaridade da categoria “refrigerantes”, também o desejo de experimentar uma cidade desconhecida pode ser imaginado dentro da familiaridade da categoria “ cidades”. Por fim, a imaginação geográfica enfatiza como as pessoas imaginam não apenas seus destinos de migração e como serão suas vidas uma vez lá, mas a teleologia de suas migrações também. Benson e O’Reilly escrevem que, “significados e imaginações ... têm o poder de moldar a realidade porque as pessoas agem consoante estes significados e imaginações, não apenas migrando, mas na maneira como vivem após a migração’ [minha tradução] (2016, p.11). Assim, a forma como os migrantes imaginam seus projetos de migração molda a realidade de suas experiências no destino.

## *2.2 Alienação material e social: imaginações modernistas e pós-modernistas do Ocidente*

Marx (1867) observou que o modernismo é caracterizado pela fetichização dos objetos materiais. As mercadorias podem transcender seus “valores de uso” e estar reificadas para assumir propriedades quase místicas (Žižek 1997). Se nós aplicarmos essa observação à teoria da migração, então, os migrantes são expostos, via mediascapes (APPADURAI, 1996) a um estilo de vida virado para o consumo que eles não conseguiriam alcançar em seus países de origem. O resultado é um tipo de ‘alienação material’, que leva a um desejo de migrar. Portes e DeWind (2004) explicam que, “as forças da globalização capitalista ... expõem e atraem as populações do Terceiro-Mundo aos benefícios do consumo moderno, enquanto lhes nega os meios para adquiri-los” [minha tradução] (p.831). Essa compreensão da migração internacional pode ser denominada ‘modernista’, porque a aquisição do capital e outras coisas materiais são a motivação principal para migrar. No entanto, isso não explica por que aqueles que já tem um nível de conforto material, que é comparável com o Norte Global, ainda podem sentir uma sensação de alienação nos países originais e querer emigrar.

Dashefsky e Lazerwitz (1983) referem-se a isso como “alienação social [societal alienation]”. Aqui, os migrantes não imaginam seu destino necessariamente em termos de benefícios materiais, mas sociais ou culturais. Isso ecoa a afirmação de Carling e Jolivet de que, ao contrário de outras nacionalidades que entrevistaram, muitos brasileiros “tendem a ficar mais satisfeitos com os impactos da migração na qualidade de vida do que com o benefício financeiro” [minha tradução] (2016, p.39). Para muitos brasileiros de classe média, o que torna Londres um destino de migração atraente, e o Brasil um lugar pouco atraente para permanecer, não é apenas a possibilidade de



consumir ou praticar os aspectos materiais que eles imaginam encontrarem na cultura londrina, mas também os aspectos imateriais que passam por si mesmos a tornar-se mercantilizados.

### 3 A MIGRAÇÃO BRASILEIRA E O IMAGINÁRIO GEOGRÁFICO

Uma compreensão “modernista” das motivações da migração ilumina como o Norte Global, que está imaginado em termos de material, ainda pode ser compatível com os valores e a cultura do país de origem. Hannerz escreve:

Para muitos migrantes econômicos, a emigração pode ter como origem uma renda mais alta; frequentemente, o envolvimento com outra cultura não é um benefício adicional, mas um custo necessário. Criam uma casa substituta com a ajuda dos compatriotas, em cujo círculo a pessoa se sente mais confortável. [minha tradução] (1990, p.248).

O trabalho de Dias (2009) sobre os migrantes brasileiros ‘semidocumentados’<sup>2</sup>, tipicamente de classe média baixa em Londres, fornece uma visão mais aprofundada. Ele relata que seus entrevistados viam os espaços públicos de Londres como estranhos e até hostis devido às barreiras linguísticas e culturais. Então, a prioridade deles é (re)criar uma rede de apoio transnacional dentro de Londres como uma espécie de defesa psíquica contra o desconhecido. Ele escreve que “é possível notar que o lazer, para o imigrante brasileiro, não está ligado, essencialmente, ao desfrutar da cultura inglesa ou da cultura universal que a cidade oferece” (p.10). Os aspectos culturais, geográficos e linguísticos menos familiares de Londres são imaginados como uma barreira na pesquisa de Dias. Em vez disso, eles passam o tempo de lazer com o que Frangella (2010) e Brightwell (2012) identificaram como uma “economia da saudade”: uma rede de restaurantes, cafés, bares e eventos sociais criados pelos imigrantes e para os imigrantes brasileiros. O objetivo deles é ganhar e economizar dinheiro e depois voltar para o Brasil. Um migrante falou: “Eu não me importo de dobrar quantas vezes precisar. Quanto mais eu trabalhar aqui, mais cedo eu volto para minha casa e para minha família (p.6).

Mas o que dizer daqueles que migram justamente pelo desejo de vivenciar uma cultura que imaginam ser diferente ou até mesmo ‘exótica’? Muitos dos meus entrevistados decidiram mudar-se para Londres, apesar de virem de origens relativamente ricas e muitos possuem carreiras bem estabelecidas. Ariana, cinquenta anos, de Salvador, morava em Londres havia dez anos no total, no momento em que foi entrevistada, descreveu a vida dela no Brasil assim:

No Brasil temos gente que trabalha para gente e é diferente ... Eu tinha minha casa, era uma casa grande, uma casa de quatro quartos com piscina, cachorros, ajudante, babá, carros na garagem.

Já Geraldo, trinta e sete anos, do interior de São Paulo, morava em Londres havia oito anos, no momento da entrevista, vinha, segundo ele mesmo, de ‘uma família mais pobre’, mas construiu uma carreira de jornalista antes de decidir emigrar:

Quando eu penso sobre isso minha vida foi geralmente boa. Eu vim de uma família pobre, mas então encontrei meu caminho e tive uma carreira, estava trabalhando como jornalista. Eu estava integrado na minha área e depois deixei isso para trás.

Conforme enfatizado na revisão da literatura, muitos Brasileiros que migram para Londres, apesar de sua formação, experimentam uma queda em termos de status social. Muitos encontram trabalho no setor de serviços em Londres. Ariana, em tom de brincadeira, comentou, “Aqui somos tratados como escravos e lá somos como príncipes e princesas, é muito engraçado.” Geraldo, morava em Londres havia oito anos, contou como passou de jornalista a garçom em decorrência da mudança para Londres: “É um tipo de rebaixamento a um nível onde você precisa de trabalhar como garçom, mas não me importava. Tudo fazia parte da novidade, no início”. Muitas vezes, a qualidade material de condições de vida deles é pior em comparação com o que estavam acostumados no Brasil.

Nádia, trinta anos, uma estudante paulista, morava em Londres havia dois anos quando foi entrevistada, explicou:

Acho que o modo de vida aqui é completamente diferente. Moradia no Brasil: o aluguel é bem mais barato em comparação ... Eu morei em um espaço bem maior também ... Tive de me adaptar para um espaço bem menor [em Londres].

Além disso, quando questionados sobre as motivações para migrar, os entrevistados frequentemente destacam fatores relacionados à alienação de sociedade em vez de alienação material. Uma frustração com a corrupção, a desigualdade e, às vezes, toda a própria cultura foram frequentemente mencionadas. Ricardo, trinta e quatro anos, era um designer gráfico de São Paulo, morava em Londres havia um ano. Quando eu perguntei sobre os

motivos para querer sair de São Paulo, o primeiro motivo foi “porque tem muita desigualdade” na cidade. Carla, de trinta e seis anos, uma mineira, morava em Londres havia um ano, expôs como a extrema desigualdade paulista a faz se sentir alienada da cidade. Isso, apesar de uma carreira de sucesso como chef de cozinha:

Eu tinha um salário muito bom lá. Eu odiava a desigualdade da gente que trabalhava comigo, o porteiro da cozinha, como ele vive ...? Eu sou uma covarde [por ir embora], mas eu não aguentava isso. Em São Paulo, eu vi gente na fila [para o ônibus]. Eu tinha dinheiro para pegar um táxi, mas eles não tinham, e acho que isso é a coisa mais dolorosa do Brasil. Se todo mundo é pobre, ok, todo mundo é pobre, o que você consegue fazer. Mas ... São Paulo tem a maior quantidade dos helicópteros, eles têm tráfego [dos helicópteros]!

Carla havia se mudado com Fernando, o marido dela, natural de São Paulo. Ela afirmou que lá se sentia um “peixe fora d’água” apesar de ter feito uma carreira de sucesso:

Eu nasci na cidade grande em São Paulo naquela correria e com o passar do tempo... eu não gostava mais de uma cidade grande... meu negócio era mais numa cidadezinha menor... [onde] o tempo passa mais devagar e você aproveita melhor a natureza...e São Paulo mudou muito... muitas coisas boas aconteceram, mas a maioria das coisas que mudou, mudou para pior... não me sentia bem, tipo, o que eu estou fazendo aqui?

Para voltar a Ricardo, ele citou também o estresse da vida cotidiana em São Paulo como uma das principais motivações para ir embora. Ele relatou isso principalmente em termos dos problemas de deslocamento dele e da esposa dele:

Pegávamos o metrô para o trabalho. Demorava muito porque morávamos na zona leste. Nossos empregos ficavam no centro da cidade e para chegar lá eram necessárias cinco linhas de metrô, então parecia que não havia fim.

Fernando e Ricardo imaginaram Londres como um lugar mais “devagar” e menos agitado para se viver. Isso pode ser entendido em referência ao conceito de Feldman (1996) de “identidade de assentamento [settlement

identity]”. As pessoas frequentemente se identificam com um tipo de assentamento e, assim, migram para lugares semelhantes para manter um senso de continuidade de identidade própria. O que uma pessoa imagina como diferente ocorre frequentemente no contexto do que já é familiar. No quadro do tipo de povoamento com o qual Fernando passou a se identificar (grandes cidades), Londres é imaginada como uma alternativa menos estressante a São Paulo. Então, Fernando imagina que o ritmo de vida será ‘diferente’, no contexto da familiaridade dos ritmos dos centros urbanos de grande porte.

Para outros entrevistados, sua insatisfação foi mais ampla. Veja o caso de Catarina, uma outra paulistana, que morava em Londres havia um ano quando foi entrevistada. Ela deixou uma carreira bem remunerada e confortável qualidade de vida *material* porque também se sentia insatisfeita. Seu sentimento de alienação se estendeu à própria cultura do país. Ela explicou:

Em São Paulo não tinha uma vida tão ruim, eu tinha uma casa, tinha um carro, mas era muito tempo para chegar ao meu trabalho, e uma hora e meia em trânsito todos os dias, não tinha tempo para fazer nada eu chegava na casa exausta, final de semana não saíamos, não fazíamos nada... e um país tem esse jeitinho brasileiro que muitos brasileiros têm ... Nós estamos com casos de corrupção. ... não gostava de nada, nunca gostei de nada... nem a comida ... a música nunca gostei muito também.

**Entrevistador:** Não gosta de música brasileira? Tudo o que você tem escutado na sua vida...?

**Catarina:** As músicas daqui, as bandas daqui, são bandas dos Estados Unidos. Talvez por isso eu tinha sempre essa vontade de ver as coisas aqui [em Londres].

Adriano, cinquenta anos de idade, de Porto Alegre, morava em Londres havia trinta anos quando foi entrevistado, também revelou como o caminho que ele imaginou para o Reino Unido, antes de chegar, foi fortemente influenciado pela exposição à música britânica e a associação com um fator ‘legal’:

**Adriano:** Eu tinha na cabeça que queria vir para cá de alguma forma. Não sabia muito sobre aqui, mas queria vir.

**Entrevistador:** Você sabe por quê?

**Adriano:** Você pode rir, mas, bem ... [primeiro] de tudo, eu gostei muito da música. Todas as bandas de que gostava naquela época vieram daqui. De alguma forma, parecia tão exótico

Laura, que tem trinta anos, de São Paulo, morava em Londres havia quatro anos, descreveu como o imaginário geográfico dela do 'Ocidente' também foi influenciado pelas 'médiascapes' que encontrou antes de emigrar:

Eu acho que quando era uma criança eu era tipo, vou ser honesta, todo mundo é lindo [nos Estados Unidos e no Reino Unido], tudo parece legal. Acho que agora com a internet não estamos tão atrasados, mas na época estávamos muito atrasados na moda e na música. Tantos festivais aqui, tanta coisa acontecendo, quando no Brasil tudo estava três anos atrasado. Então, para mim, sempre fui um pouco assim ... Então quando vim [para Londres] eu estava tipo, 'meu Deus, aqui eu tenho acesso a tudo... Então, eu acho que foi a primeira coisa que me fascinou ... Como eu disse sobre a música e quando você é jovem e todo mundo [aqui] se veste como se estivesse em uma banda. Quando estava no Brasil todos se vestiam horrivelmente.

Isso reflete o trabalho de Thompson (2016) e Fujita (2004) que escrevem sobre emigrantes filipinos e japoneses, respectivamente. Ambos descobriram que o desejo dos emigrantes de se mudar para lugares era influenciado pelo imaginário geográfico que eles formaram desses lugares com base na exposição e identificação com as exportações culturais desses lugares. A pesquisa de Thompson (2016) sobre a emigração filipina mostrou que aqueles que se identificavam mais com "anime, K-pop e jogos de computadores [minha tradução]" (formas populares da cultura asiática) geralmente aspiravam a migrar para destinos na Ásia' enquanto os filipinos "que se engajavam principalmente com os Estados Unidos e a cultura pop britânica ... aspiravam a se mudar para 'o Ocidente' " (p. 4). Todos esses exemplos demonstram a importância de considerar como os migrantes imaginam e, portanto, podem se identificar com os aspectos culturais, bem como sociais e econômicos, dos destinos preferidos de migração.

## 4 COSMOPOLITISMO E CLASSE: CONSUMIDORES E PRODUTORES

Horst et al. (2016) observaram que os brasileiros de classe média muitas vezes imaginam a migração em termos individualistas como “aqueles outros brasileiros” que não interagem com a sociedade ‘anfitriã. Martins Jr. descobriu também que:

Brasileiros de classe média... reproduzem diferenças de classe ... constroem e distanciam a ‘experiência cosmopolita’... da ‘comunidade’, bem como dos ‘migrantes (econômicos) brasileiros’ [minha tradução] (HORST et al., 2017, p.176)

Esse distanciamento dos migrantes “econômicos” frequentemente aparecia nos discursos dos meus entrevistados. Mais, o discurso se cruza com as imaginações geográficas dos entrevistados de Londres como uma ‘cidade global’, um centro de cosmopolitismo. Suas identidades e sentidos de lugar na cidade são informados por essa imaginação de Londres. Muitas vezes, essa imaginação foi usada para criar uma narrativa individualista como Bruno, um paulista, que morou em Londres por dez anos, demonstrou:

A maioria das pessoas vem aqui para ganhar dinheiro.... Então, eles vêm aqui por causa disso, mas eu acho que eles têm saudades da vida do Brasil, então eles tentam encontrar essa vida aqui ... *Eu prefiro fazer as coisas de maneira diferente .*

‘Fazer as coisas de maneira diferente’ frequentemente envolve o posicionamento de Londres como uma ‘cidade global’ e o entrevistado como um consumidor do cosmopolitismo multicultural, em vez de um produtor ‘autêntico’. Essa é uma distinção que Frangella (2010) escreveu sobre duas formas paralelas de práticas e mercadorias culturais brasileiras transnacionais em Londres. A primeira se caracteriza como uma economia da saudade, produzida por e para os migrantes brasileiros. A segunda forma é muito comercial destinada a consumidores cosmopolitas de cultura que tipicamente não são brasileiros. Embora Frangella argumente que essas duas formas frequentemente se cruzam como no caso da Escola de Samba Paraíso e o seu papel no Carnaval de Notting Hill, a distinção entre as duas formas é útil aqui para demonstrar a qual categoria muitos de meus entrevistados se alinharam. Assim, Vlad, que morava em Londres havia onze anos, demonstra nesta resposta:

Estou aqui porque eu sempre quero aprender alguma coisa diferente. Se eu falo português e vou para um show brasileiro, não vou aprender nada. Eu trocaria isso por um show japonês. Tenho muito mais a aprender com isso do que tudo que já sei sobre meu país.

Isolda, vinte sete anos, uma recepcionista paranaense, morava em Londres havia dois anos, foi outra entrevistada que descreveu sua apreciação por Londres não apenas em termos da capacidade de expressar uma identidade individualista, mas em termos do status como consumidora de mercadorias culturais “exóticas” em Londres também:

Sim, apenas do estilo de vida, tipo “Oh, ok. Eu acordo agora e posso ir trabalhar e vestir o que eu quiser”, é incrível ... e tipo, oh, ok, eu quero comer japonês, quero comer comida chinesa, quero ir a qualquer lugar comer o que eu quiser ‘

Isso também se estendeu às redes sociais que meus entrevistados escolheram. Ser amigos das pessoas de outros países enquadra-os como ‘modernos’ e ‘internacionais’. Isso sugere implicitamente que ser amigo apenas dos brasileiros seria ‘atrasado’ e ‘paroquial’. Aqui Alcindo, trinta e sete anos, químico mato-grossense, morava em Londres havia dez anos, capta esse sentimento quando descreve o que gostava quando morava em Londres:

Acho que é a mentalidade e a cultura. Aqui você tem amigos internacionais modernos e, portanto, o mundo, você tem tudo como uma possibilidade. [No Brasil] as pessoas são mais conservadoras. Você não conhece pessoas de outros países e as pessoas vão ter a mesma mentalidade em todos os lugares... As pessoas são de diferentes cantos do mundo, então você aprende mais. Você consegue interagir mais.

Portanto, havia muitos entrevistados que eram ambivalentes em relação aos lugares e práticas culturais brasileiras transnacionais em Londres. Em vez disso eles preferiram pensar em si mesmos como “conformados” à cultura predominante. Mas qual é a cultura predominante em Londres? Tradicionalmente, ‘mesclar-se’ tem sido pensado em termos de assimilação à cultura majoritária ‘anfitriã’. Podemos constatar isso na seguinte citação de Joaquim Nabuco, um diplomata brasileiro que morava em Londres e

se apaixonou pela cidade. Seu desejo de ‘misturar-se’ e, assim, tornar-se anônimo fica evidente quando ele escreve no diário dele: ‘Troquei minha corrente do relógio por uma outra, e assim fiquei privado do último sinal externo de que eu fui um estrangeiro (NABUCO, 1950 [1900], p.253). No entanto, pode-se argumentar que Londres agora alcançou o status de uma cidade da “superdiversidade” (VERTOVEC, 2007) a ponto de se falar de uma maioria ‘nativa’ ‘anfitriã’. Assim, para muitos dos meus entrevistados, ‘mesclar-se’ não significava se encaixar na cultura ‘inglesa’. Em vez disso, eles imaginaram suas experiências em termos mais cosmopolitas. Londres era vista como encarnando no espaço, um ideal multicultural e cosmopolita. A cultura que muitos entrevistados desejavam vivenciar não era a cultura brasileira transnacional, na verdade não era específica de nenhum país ou nacionalidade, mas, mais precisamente, específica de uma Londres imaginada como uma cidade global. Nesse paradigma multicultural muitos deles articulam um sentimento de pertença. Tissi, trinta e seis anos, de São Paulo, morava em Londres havia oito anos, explicou:

**Tissi:** Tem sempre um lugar para você aqui e eu aprecio isso. Também aprendi muito sobre a própria cultura ...

**Entrevistador:** A cultura do quê? Que cultura você quer dizer? A cultura de Londres? O que é?

**Tissi:** A cultura de Londres. Então, qual seria a cultura de Londres? Sim, eu me concentraria mais na cultura de Londres do que no próprio Reino Unido porque não sou muito viajada no Reino Unido para ser honesta. Eu não explorei muito... mas todos nós sabemos que existe uma cultura específica em Londres, especialmente por causa desse ponto multicultural que temos aqui, então talvez essa seja a resposta. O que mais gosto em Londres é essa coisa multicultural.

Esse sentimento de pertencimento a Londres devido ao status do centro superdiversificado foi ecoado por Celso, de quarenta anos, de Minas Gerais, que morava em Londres havia doze anos:

Quando você vê todas essas coisas, o terrorismo, as coisas ruins que acontecem. Você vê pessoas mostrar que não vão desistir. Você vê esse senso de unidade. Apesar de irmos de países diferentes, queremos apenas viver nossas vidas em paz, não devemos dividir e piorar as coisas. Isso é alguma coisa que me deixa orgulhoso de



morar aqui. Uma das coisas principais é a diversidade... você tem muçulmanos, cristãos, judeus, todos os tipos de religiões e visões políticas em Londres, é incrível. Uma cidade muito boa. Uma vez fui ao museu de Londres e lá, vi que a Inglaterra tinha 3.000.000 de habitantes quando os portugueses foram para o Brasil há 500 anos. Naquela época, creio que poderíamos encontrar nacionalidades diferentes aqui.

Celsio criava um filho na cidade. Ele sentiu que o status do seu filho como criança de imigrantes que viviam em uma cidade multicultural seria benéfico para o desenvolvimento da criança. Ele falou sobre as pessoas na mesma situação do seu filho:

Eles nasceram aqui, mas se sentem parte do mundo. Quando você tem um dos pais de um país diferente você tem menos chance de se tornar xenofóbico.

Entrevistados que já visitaram outras partes do Reino Unido muitas vezes fizeram uma distinção entre Londres e o país “real”. Aqui, Bernardo, trinta e oito anos, do Rio de Janeiro, morava em Londres havia quatro anos, descreveu sua impressão das cidades do norte que ele visitou na Inglaterra:

**Bernardo:** Notei mais diferenças em Liverpool, em Manchester, em Leeds... As pessoas eram diferentes, mais calmas, mais inglesas. Não é como aqui com essa coisa multicultural. É mais propriamente inglês. Você pode ver como eles falam; os sotaques deles são diferentes

Na época, o sentimento de pertencer a Londres tornava-se mais evidente ao deixar a cidade. Leônidas, que havia se mudado recentemente para a Suíça, depois de muitos anos em Londres, revelou que sentiu menos saudades do Brasil em Londres, do que atualmente na Suíça por causa do multiculturalismo da cidade:

Londres é um mundo diferente. Londres não é mais uma cidade inglesa, certo? Não é uma cidade de ingleses. Então, como você encontra gente na mesma situação de você, é como se estivessem se reunindo, pássaros da mesma plumagem voam juntos. Conheci pessoas na mesma situação, então comecei a desenvolver um relacionamento com eles e passei a considerá-las minha própria família.

Lara, morava em Londres havia cinco anos, relembrou sua experiência de sair de Londres pela primeira vez para visitar “a Inglaterra real”; uma experiência que reforçou o sentimento de pertencer à cidade:

Percebi que não tinha muitas caras não-brancas por perto. E isso é muito estranho se você mora em Londres ... Então, eu acho que pela primeira vez eu realmente me senti fora ... Eu me senti na Inglaterra. Eu estava numa cidade internacional. Porque aqui não me sinto diferente dos outros, mas ali, pela primeira vez, realmente me senti. Foi como, ok, estou fora do meu elemento aqui. Eu sou a estrangeira.

Se compararmos as experiências da Lara no Brasil a partir de sua aparência, sua resposta aqui se torna mais interessante. Lara era pálida com cabelo ruivo. Ela cresceu no Rio de Janeiro e se sentiu como uma estrangeira por causa de sua aparência:

No Brasil, chamo muita atenção pelas minhas características físicas ... tive a sensação de que era meio ‘perseguida’ na rua porque as pessoas estavam apontando para o meu cabelo ... As pessoas me olhavam como uma turista.

Para Lara, então, Londres (e especificamente Londres, em vez da Inglaterra) representava um lugar onde, devido à diversidade das pessoas que moram lá, não se destacaria e, portanto, não se sentiria alienada da sociedade em que vivia. Portanto, não é tão simples quanto Lara se sentir mais confortável em lugares com muitos ‘caras brancas’, apesar de ser branca. Em vez disso, foi a superdiversidade de Londres que a fez sentir que, como uma estrangeira branca, ela poderia se sentir em casa em uma cidade global. Como disse um dos entrevistados do projeto THEMIS (CARLING & JOLIVET 2016), ‘ Consigo morar em Londres, mas não consigo morar na Inglaterra’ (Entrevista com Alvaro, Londres, 2011). Em outras palavras, muitos não imaginam Londres como uma oportunidade de mergulhar na cultura inglesa, mas, sim, de vivenciar o que entendem como cultura de Londres, que eles unanimemente definem como multicultural. No entanto, eles não consideram formar uma manifestação “autêntica” de uma cultura transnacional brasileira em Londres. Em vez disso, muitas vezes se veem da perspectiva universalizada de alguém que tem a capacidade de apreciar o multiculturalismo como consumidores, em vez de seus produtores “autênticos”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo usou os resultados quantitativos que Evans et al. (2015) e Carling e Jolivet (2016) descreveram. Explorou as motivações para a migração entre os brasileiros de classe média que moram em Londres. O artigo justapôs dois modos de alienação: material e social. A alienação material foi entendida como decorrente de um desejo de níveis mais elevados de consumo e acumulação financeira. Este modo de alienação pode atuar como motivação para migrar sem uma identificação com as práticas culturais no destino da migração. A alienação social depende da ideia de que a cultura no destino da migração pode atuar como um empate em si e é frequentemente contrastada com a cultura no país original.

Esses dois modos de imaginar destinos de migração frequentemente se cruzam com diferenças de classe social que, por sua vez, podem estar relacionadas a divisões raciais e regionais. Aqueles que já têm suas necessidades materiais ou desejos satisfeitos dificilmente migrarão devido à 'alienação material'. Em vez disso, eles são mais propensos a enquadrar seu desejo de migrar em termos de 'alienação social'. Ao longo do texto referi-me ao conceito de imaginação geográfica para argumentar que, para muitos migrantes de classe média, então, parece que 'qualidade de vida' e 'experiências culturais' são os principais impulsos declarados para a migração sobre a acumulação financeira. O texto finalizou com base em dados de entrevistas qualitativas com brasileiros de classe média. Para muitos, 'qualidade de vida' era expressa em termos de imaginar Londres como um lugar com mais igualdade, um ritmo de vida menos agitado e mais íntimo do que São Paulo, por exemplo, e como um lugar para consumir mercadorias culturais, e participar de práticas culturais, que não são originárias do Brasil. Esses fatores de 'atração' são atraentes, independentemente de qualquer queda potencial no status financeiro ou social que possa surgir devido à migração. Em última análise, embora as motivações culturais para migrar tenham sido reconhecidas há muito tempo, o texto demonstrou que a relação imaginária de um migrante com a cultura existente no destino da migração é um fator importante a ser considerado.

Por fim, o artigo mostrou que Londres, imaginada como uma cidade global, pode ter diferentes conotações e produzir experiências diferentes. O artigo voltou à dicotomia nos discursos dos entrevistados entre migração por estilo de vida e a migração econômica para mostrar a maneira como essa dicotomia é empregada para os migrantes de classe média. Em última análise, o artigo mostra que devemos problematizar o conceito de "comunidades" transnacionais definida pela nacionalidade e, em vez disso, olhar para a classe e o status social como marcadores de diferença. O artigo levantou questões

sobre como os migrantes sentiam que estavam se integrando ao expressar um sentimento de pertencer a Londres. Por comparar as experiências de viver e visitar outros países e locais no Reino Unido, o artigo mostrou que Londres é imaginada como um espaço cultural e social cosmopolita distinto e que, mais uma vez, a imaginação e a experiência de Londres desta forma estão ligadas intimamente com a percepção do status social como consumidores de multiculturalismo ao invés de produtores “autênticos”.

Em conclusão, Londres é uma destinação de migração especial porque, de muitos modos, está ficando mais sem sentido falar de uma ‘sociedade anfitriã’. Portanto, muitas vezes os entrevistados imaginaram sua experiência de migração em Londres em termos de uma participação em um multiculturalismo cosmopolita. Muitos desejavam ter amigos não brasileiros e, assim, “assimilar” o meio social cultural de Londres, mas o que eles estavam “assimilando” era descrito como multicultural: muitas vezes, esses amigos não brasileiros nasceriam fora do Reino Unido. Então, Londres, como um centro global percebido desse paradigma cosmopolita, é um lugar onde, para alguns, é possível imaginar a origem e a identidade nacionais subsumidas pela categoria do indivíduo. Na verdade, esse tipo de enquadramento ‘cosmopolita’ imaginário de Londres tem muitos aspectos semelhantes a como Marques de Souza (2013) enquadra a dimensão utópica do Brasil. Marques de Souza argumenta que a identidade nacional do Brasil é cosmopolita e vê esse fenômeno em termos utópicos. Ele escreve:

A única utopia possível é viver na referência do Estrangeiro Absoluto... que o sentimento estrangeiro se situa entre a “verdade” (que podemos associar à “pátria”) e o “rock inglês” (o “gringo”) – acrescentemos, provando dos dois, sem aderência definitiva, nem a um, nem ao outro (MARQUES DE SOUZA, 2013, p.8).

De muitas maneiras, podemos argumentar que cidades globais como Londres estão rapidamente ficando como o ‘Estrangeiro Absoluto’ sobre o qual escreve Marques de Souza. Este desacoplamento de uma raiz nacional específica leva a uma flexibilidade única para aqueles que acreditam nisso: uma capacidade de se adaptar a todas as culturas, mas ao mesmo tempo ainda preservam algo de si mesmos; ou, nos termos de Marques de Souza, a capacidade de viver “em alguma parte alguma” em vez de “em parte alguma”. Vimos, quando confrontados com a ‘outra’ superdiversão do meio social e cultural de Londres, que os entrevistados de Dias (2009) responderam reforçando sua identidade transnacional brasileira, o que agia como um tipo

de defesa psicológica. Por outro lado, este artigo demonstrou que existem migrantes que, em vez de ver uma cidade superdivergente como Londres como um obstáculo para cumprir seus objetivos de migração, tratam esses aspectos de Londres como motivadores para migrar por direito próprio. Os migrantes, em vez de se retirarem para uma identidade transnacional, abraçam uma identidade mais cosmopolita. Embora muitos pesquisadores tenham demonstrado que as práticas sociais transnacionais, sem dúvida, desempenham um papel importante na vida de muitos migrantes brasileiros (SHERINGHAM 2013; SHERINGHAM 2011; BRIGHTWELL 2010; BRIGHTWELL 2012; FRANGELLA 2010; DIAS 2009), as conclusões de Evans et al. (2015), bem como o meu próprio trabalho aqui apresentado, demonstram que existem muitas pessoas para os quais é necessário um enquadramento mais individualista das suas experiências de migração.

## NOTAS

<sup>1</sup> Para uma exploração mais completa do problema da classe social no contexto do tópico deste artigo, consulte Autor 2022 e Autor 2020.

<sup>2</sup> Tipicamente, eles têm vistos de turista e vistos de estudante, mas eles trabalham em tempo integral.

## REFERÊNCIAS

APPADURAI, A. **Modernity at large**: Cultural dimensions of globalisation. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1996.

BENSON, M., & O'REILLY, K. . From lifestyle migration to lifestyle in migration: Categories, concepts and ways of thinking. **Migration Studies**, 4, 20–37, 2015.

BRIGHTWELL, M. das G.. On the move and in the making: Brazilian culinary cultures in London. **Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies**, 37, 51–81, 2012. <https://doi.org/10.1080/08263663.2012.11006003>

CAPRONI, L. O Complexo de Vira-latas. São Paulo, Brasil: **Cabreira Filmes & Sem Cortes Filmes**, 2014.

CARDOSO, A., & PRÉTECEILLE, E. Classes médias no Brasil: do que se trata? Qual seu tamanho? Como vem mudando? **Dados**, 60, 977– 1023, 2017. <https://doi.org/10.1590/001152582017140>

- CARLING, J., & JOLIVET, D. Exploring 12 migration corridors: Rationale, methodology and overview. In BAKEWELL, O.; ENGBERSEN, G.; FONSECA, M. (Eds.). **Beyond networks: Feedback in international migration** (pp. 18–46). London, UK: Palgrave Macmillan, 2016.
- CENTNER, R. Distinguishing the right kind of city: Contentious urban middle classes in Argentina, Brazil, and Turkey. In: SAMARA, T.; HE, S.; CHEN, G. (Eds.). **Locating right to the city in the global south** (pp. 260–276). London, UK: Routledge, 2012.
- CICALO, A. **Urban encounters affirmative action and black identities in Brazil**. New York, NY: Palgrave Macmillan US, 2012.
- CRANG, P. ; DWYER, C., & JACKSON, P. Transnationalism and the spaces of commodity culture. **Progress in Human Geography**, 4, 438–456, 2003. <https://doi.org/10.1191/0309132503ph443oa>
- DASHEFSKY, A.; & LAZERWITZ, B. The role of religious identification in North American migration to Israel. **Journal for the Scientific Study of Religion**, 22, 263–275, 1983. <https://doi.org/10.2307/1385970>
- DELLA PERGOLA, S. On the differential frequency of western migration to Israel. **Studies in Contemporary Jewry**, 1, 292–315, 1984.
- DIAS, G. T. O processo de fixação do migrante brasileiro em Londres: A importância das práticas cotidianas na elaboração de sua identidade. **Ponto Urbe**, [Online], 4 | 2009, posto online no dia 31 julho 2009, consultado em 01 maio, 2019. URL : <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1427>>. DOI : 10.4000/pontourbe.1427>.
- EVANS, Y. ; DIAS, G. ; JUNIOR, M. ; SOUZA, A., & TONHATI, T. **Diversidade de oportunidades: brasileiras no Reino Unido, 2013–2014**. London, UK: Queen Mary University, 2015.
- FELDMAN, R. M. . Constancy and change in attachments to types of settlements. **Environment and Behavior**, 28, 419–445, 1996. <https://doi.org/10.1177/0013916596284001>
- FRANGELLA, S. O made in Brasil em Londres: migração e os bens culturais. **Travessia - Revista do migrante**, 66, 33–44, 2010.
- GIBSON-GRAHAM, J. ; & RUCCIO, D. After development: Re-imagining economy and class. In: GIBSON-GRAHAM, J.; RESNICK, S. & WOLFF, R. (Eds.). **Re/presenting class: Essays in postmodern Marxism** (pp. 158–181). Durham, NC: Duke University Press, 2001.

- GREGORY, D. **Geographical imaginations**. Cambridge, MA: Blackwell, 1994.
- GRIFFITHS, D. ; & MAILE, S. Britons in Berlin: Imagined cityscapes, affective encounters and the cultivation of the self. In: BENSON, M & OSBALDISTON, N. (Eds.). **Understanding lifestyle migration: Theoretical approaches to migration and the quest for a better way of life** (pp. 211– 234). Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2014.
- HANNERZ, U. Cosmopolitans and locals in world culture. **Theory, Culture & Society**, 7, 237–251, 1990. <https://doi.org/10.1177/026327690007002014>
- HORST, C. ; PEREIRA, S. ; & SHERINGHAM, O. . The impact of class on feedback mechanisms: Brazilian migration to Norway, Portugal and the United Kingdom. In: BAKEWELL, O.; HORST, C.; GODFRIED, G. & FONSECA, M. (Eds.). **Beyond networks: Feedback in international migration** (pp. 90–112). London, UK: Palgrave Macmillan, 2016.
- KAMAKURA, W. ; & MAZZON, J. **Estratificação socioeconômica e consumo no Brasil**. Sao Paulo, Brazil: Blucher, 2017.
- MARCUS, A. Brazilian immigration to the United States and the geographical imagination. **Geographical Review**, 99, 481–498, 2009.
- MARQUES DE SOUZA, M. O complexo de vira-lata e o vira-lata complexo. **TRANZ - Revista de estudos transitivos do contemporâneo**, (pp.1-5). Edição 8 - dezembro, 2013 - ISSN 1809-8312. Retrieved from: <[http://www.tranz.org.br/8\\_edicao/TranZ13-Marcelo-Formatado.pdf](http://www.tranz.org.br/8_edicao/TranZ13-Marcelo-Formatado.pdf)>. Accessed 31 October 2018
- MARTINS JUNIOR, A. **The production and negotiation of difference in a world on the move: Brazilian migration to London**. Londres: Goldsmiths College, University of London, 2017. Thesis submitted for the degree of Ph.D. Retrieved from: <[http://research.gold.ac.uk/20120/1/SOC\\_thesis\\_MartinsJuniorA\\_2017.pdf](http://research.gold.ac.uk/20120/1/SOC_thesis_MartinsJuniorA_2017.pdf)>. Accessed 31 October 2018
- MARX, K. **Capital: A critique of political economy**, Vol. 1: The process of production of capital. marxists.org. 1867. Retrieved from: <<https://www.marxists.org/archive/marx/works/download/pdf/Capital-Volume-I.pdf>>. Accessed 31 October 2018
- MASSEY, D. S. ; ARANGO, J. ; HUGO, G. ; KOUAOUCCI, A. ; PELLEGRINO, A. & TAYLOR, J. E. Theories of international migration: A review and appraisal. **Population Council**, 19, 431–466, 1993.

- MCILWAINE, C. Latin London: Negotiating invisibility among Latin Americans in London. In: KERSHEN, A. (Ed.). **London the promised land revisited the changing face of the London migrant landscape in the early 21st century** (pp. 167–187). London, UK: Routledge, 2016.
- NERI, M. C. **A nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide**. São Paulo, Brasil: Saraiva, 2011.
- NERI, M. C. **Brazil's middle classes**. Rio de Janeiro: FGV,EPGE, 2014 60p. - (Ensaio Econômico; 759). Retrieved from: <<http://hdl.handle.net/10438/12988>>. Accessed 31 October 2018
- PORTES, A., & DEWIND, J. A cross-atlantic dialogue: The progress of research and theory in the study of international migration. **International Migration Review**, 38, 828–851, 2004.
- ROBINS, D. A Migração do Sul Global para o Norte Global por estilo de vida: Individualismo, a classe social e a liberdade em uma cidade de 'superdiversidade'. **Travessia: Revista do Migrante**, 93, 2022 .
- ROBINS, D. Ideological Migration: Lifestyle, belonging and the geographical imagination between London and São Paulo. PhD Thesis, School of Geography and Sustainable Development, **University of St Andrews**, 2020.
- RUBIN, M. ; DENSON, N. ; KILPATRICK, S. ; MATTHEWS, K. ; STEHLIK, T. & ZYNGIER, D. "I am working-class": Subjective self-definition as a missing measure of social class and socioeconomic status in higher education research. **Educational Researcher**, 43, 196–200, 2014. <https://doi.org/10.3102/0013189X14528373>
- SAID, E. **Orientalism**. London, UK: Penguin, 1977.
- SEWELL, W. The concept(s) of culture. In: BONNELL, V, & HUNT, L. (Eds.). **Beyond the cultural turn: New directions in the study of society and culture** (pp. 35–61). Oakland, CA: University of California Press, 1999.
- THOMPSON, M. Migration decision-making: A geographical imaginations approach. **Area**, 49, 77–84, 2016. <https://doi.org/10.1111/area.12292>
- WANG, W. Can ideology-shift be a determinant of international migration? A case study of professional migration from China to the USA. **International Review of Modern Sociology**, 28, 37–58, 1998.
- ŽIŽEK, S., The supposed subjects of ideology. **Critical Quarterly**, 39(2), pp.39–59, 1997.



## RESUMO

Este artigo usa uma abordagem qualitativa e biográfica para explorar as motivações e subjetividades por trás da migração de brasileiros de classe média para Londres. Usa o conceito da imaginação geográfica para entender como os migrantes imaginam não apenas seus destinos e locais de origem, mas, também, como suas próprias identidades são moldadas por suas relações imaginadas com esses locais. O artigo argumenta que, para muitos brasileiros de classe média, suas motivações para migrar são expressas em termos de “alienação social”: um sentimento de distância do local de origem resultante da falta de identificação e confiança nas instituições e até mesmo na cultura do Brasil. Isso contrasta com o conceito de migração devido à “alienação material [material alienation]”. Este termo descreve as pessoas que migram para acessar um nível mais alto de consumo das mercadorias ou ganhar dinheiro para usar quando eles voltam para o Brasil. Para aqueles que migram devido à “alienação social”, eles reivindicam que têm uma interpretação menos material da “qualidade de vida” no destino da migração. Mais, essa interpretação se torna uma espécie de mercadoria por direito próprio. Um marcador importante nas diferenças entre dois modos é as divisões das classes sociais que, às vezes, se cruzam com as divisões regionais e raciais.

**Palavras-chave:** Classe; Imaginação geográfica, Desigualdade, Londres, Migração, Multiculturalismo.

## ABSTRACT

This article employs a qualitative, biographical approach, to explore the motivations and subjectivities behind migration of middle-class Brazilians to London. It uses the concept of the geographical imagination to understand how migrants imagine not only their destinations and places of origin but also how their own identity is shaped by their imagined relationship to these places. The paper argues that for many middle-class Brazilians, their motivation to migrate is couched in terms of “societal alienation”: a feeling of distance from the place of origin resulting from a lack of identification and trust in its institutions and the very culture of the place itself. This is in contrast to the more popularly understood concept of migrating due to “material alienation”: migrating to access a higher level of material consumption or to acquire financial capital to use “back home.” For those who migrate due to “societal alienation” what is “fetishised” is the cultural and less material aspects of the ‘quality of life’ of the migration destination, which become a kind of commodity in their own right. It argues that social class which often intersects with regional and racial divisions within Brazilian society, is a key marker of difference in these two types of imaginaries.

**Keywords:** Class; Geographical imagination; Inequality, London, Migration; Multiculturalism.



# Traslado de volta

*Paulo Mortari*

(Movido pela história de María Asunción A. N.)

Nem sempre fora assim, mas, a certa altura da história, as duas margens de um rio de sentido austral passaram a ser esquerdas. Isso fazia com que quem se abeirasse do leito pudesse parecer vir do Leste mesmo quando nunca tenha fincado pé em paragens de tal rumo. Ao ter margens que não se opunham, desconhecia limites a voracidade desse rio, especialmente pelos que ousavam atravessar o curso imposto.

Era um dia de outubro quando dois pescadores avistaram no horizonte lentas ondulações na superfície carregando em sua direção o menor corpo de adulto que já haviam visto. Não era incomum, naqueles tempos, que o rio devolvesse à terra os corpos que tragara e silenciara em seu calado. Alguns deles, inclusive, foram retirados da água por esses próprios pescadores. Mas um corpo daquele tamanho, de fato, surpreendia, e tão inédito quanto foi constatar que havia nele vida.

A princípio, aparentava-lhes uma figura demasiado apequenada e emaciada para ser humana. Sua altura e peso correspondiam aos de um bebê recém-nascido prematuro, mas sua forma e feição eram de uma jovem mulher, como alguém que, antes mesmo de qualquer passo que pudesse dar neste mundo, já sustentasse o desgaste de quase três décadas de caminhada. O que nela contrariava os ditames da natureza, afinal, não era sua estrutura física, mas o martírio. Demasiado apequenada e emaciada se via, mas inegavelmente humana. Quiçá demasiado humana, justamente por tão apequenada e emaciada.

Foi o pescador mais moço que a teve nos braços primeiro. Estava envolta em um manto azul da cor do céu daquela segunda hora de luz matinal. Aparecida com vida, depois de tantos já completamente abatidos; um verdadeiro milagre, para fazer crer que, apesar de toda injustiça e desfortúnio, ainda valeria a pena seguir em frente. Emocionado, o rapaz decidiu consigo mesmo chamá-la de Maria, até que descobrisse seu nome verdadeiro.

Jamais, porém, o saberia. Maria, mesmo após recobrar totalmente a lucidez, limitou-se a dirigir àqueles homens apenas o seu olhar, carregado de uma ternura sem par. Não emitiu sequer uma palavra, talvez por saber que nada seria mais eloquente do que o próprio ato de estar viva.

Sua carne trazia ferimentos horríveis, visíveis no tronco e em quase todos os membros. Os pescadores, assim sendo, levaram-na para seu casebre e ali cuidaram dela. Alimentaram-na com peixe fresco e a acomodaram em um quartinho improvisado. Cairia de sono, exausta, em poucos segundos.

Oito horas depois de ser encontrada no rio, Maria sumiria de vista. Nos dias que se sucederam, os pescadores percorreram quilômetros e quilômetros atrás de sinais de seu paradeiro. Mesmo quando as buscas se provaram inúteis, passavam tardes inteiras olhando para o rio, na esperança de que a aparição se repetisse. Tudo o que viam, no entanto, eram mais corpos de adultos trazidos pelas mesmas ondulações na superfície, incluídos até alguns pequeninos e emaciados, sempre de mulheres, mas, a exemplo dos demais, nunca de Maria, nunca com vida.

Mais uma desaparecida. E, sem ela, pescaria nenhuma poderia fazê-los suportar conviver com a multiplicação de mortos que o rio anunciava com frequência, de modo que, em poucas semanas, os pescadores também deixaram aquele lugar.

Quarenta e quatro anos mais tarde, os dois, já senhores e sem varas e redes nas mãos, caminham pelo lado menos tumultuado de uma avenida com duas calçadas esquerdas – o que tampouco foi sempre assim. No outro lado, rodeado de milhares de entusiastas em frenesi, discursa um novo caudilho velho. Escorrendo pela verborragia, os dois ex-pescadores reconhecem o rio de outrora. Não demora muito para virem os corpos, como aqueles que, em seu tempo, retiravam da margem onde trabalhavam em cada manhã. A multidão, deleitosa, se banha nesse rio sem se importar com os mortos que emergem à sua volta aqui e ali. Nas palavras de ordem que entoam, o curso d'água encontra afluentes. Em instantes, à semelhança de seu capitão, já salivam aquele rio, com um apetite desumano por carne de gente desumanizada. Não percebem que a via de margens só esquerdas já está com as águas por suas cinturas.

Os dois senhores, ali, nadam contra a correnteza. Ao fazê-lo, terminam, eles próprios, na boca do caudilho, um poço escuro, onde herdeiros e herdeiras das apequenadas descobrem o túmulo vazio de suas antepassadas. Enquanto isso, lá fora, um verdugo ausente recebe sua condecoração verbal, tendo de fundo uma figura sacra, envolta em um manto azul e do tamanho de um bebê recém-nascido. Maria, um dia, lembrava essa imagem. A imagem, porém, não lembra Maria. Assemelha-se mais aos corpos sem vida que continuam a emergir nessa avenida tão marginal.



Foto: Paulo Mortari

Após o ato, um lacaio do caudilho recolhe a imagem e a leva consigo a um avião que os espera para um traslado. Na sequência, o que se vê é uma santa elevando-se às alturas, mas forçosamente, antes de ser abandonada na direção das águas que dizem refletir o céu. Em algum momento, será encontrada, não mais por pescadores, senão arqueólogos, quando este rio já tiver secado. E é certo que secará. E a imagem, talvez, sairá engrandecida. Talvez também com vida. Como Maria.



# **TRAVESSIA** agora também ONLINE

## **Um acervo sem data de vencimento**

Já são mais de 80 edições lançadas, com conteúdos para estudo, informação e pesquisa que jamais perdem sua validade. Para aquisição de números anteriores, o valor unitário baixa de acordo com a quantidade solicitada. Aproveite a promoção e pague praticamente a valor da postagem. Entre diretamente em contato conosco.

### **Valor da assinatura**

(3 números por ano)

#### Nacional

- por 1 ano.....R\$ 150,00
- por 2 anos.....R\$ 250,00
- por 3 anos.....R\$ 350,00

#### Exterior

- por 1 ano.....U\$ 35,00
- por 2 anos.....U\$ 65,00

### **Forma de pagamento**

Depósito nominal à: **Pia Soc. dos Miss. de S. Carlos**

Banco Bradesco; Agência 515-0; c/c 23083-9

Após efetuar o depósito, informe por e-mail o valor, a data do depósito, finalidade do mesmo, seu endereço atualizado, sua profissão e/ou área de atuação.

Entre em contato conosco através do e-mail  
cem@missaonspaz.org ou através  
do novo portal acesse os últimos números  
da revista **TRAVESSIA**

**www.revistatravessia.com.br**

Acesse também o nosso Facebook:  
**Revista Travessia - Revista do Migrante**

**www.missaonspaz.org**

## **NORMAS DE PUBLICAÇÃO NA REVISTA TRAVESSIA**

**A Revista Travessia publica:** dossiês, artigos originais, notas de pesquisa, entrevistas, resenhas, relatos, poemas, contos. Os textos podem ser em: português, espanhol, inglês, francês, etc.

**ARTIGOS** - Até 20 páginas, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço entre linhas - 1,5, margens: esquerda e direita – 2,5, cabeçalho e rodapé – 2,5

**NOTAS DE PESQUISA** – Até 10 páginas, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço entre linhas- 1,5, margens: esquerda e direita – 2,5, cabeçalho e rodapé – 2,5

**RELATOS** – Até 7 páginas, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço entre linhas - 1,5, margens: esquerda e direita – 2,5, cabeçalho e rodapé – 2,5

**ENTREVISTAS** - Até 10 páginas, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço entre linhas- 1,5, margens: esquerda e direita – 2,5, cabeçalho e rodapé – 2,5

**RESENHAS** – Até 5 páginas, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço entre linhas - 1,5, margens: esquerda e direita – 2,5, cabeçalho e rodapé – 2,5

**CONTOS** – Até 5 páginas, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço entre linhas – 1,2, margens: esquerda e direita – 2,5, cabeçalho e rodapé – 2,5

**Obs.** Os textos podem conter imagens, preferencialmente em alta resolução

### **REFERÊNCIAS**

A Revista Travessia adota a NBR 6023/2002 da ABNT como norma para referência de documentos em textos acadêmicos. Procurando facilitar o trabalho dos autores de Travessia, apresentamos, abaixo, uma síntese da NBR 6023/2002 tomando como base o seu documento original e ainda o compêndio elaborado por Luciana Pizzani e Rosemary Cristina da Silva (2016). A síntese que se segue não dispensa consulta ao documento (NBR 6023/2002) original e integral da ABNT.

### **Existem vários meios de informação que podem ser referenciados:**

Livros, Dissertações e Teses, Folhetos, Revistas ou Periódicos, Relatórios, Manuais, Eventos, Multimeios, Documentos eletrônicos, Discos e Fitas, Filmes, Fotografias etc.

**ALINHAMENTO** - A lista final deve ser alinhada à margem esquerda do texto



NOTAS DE RODAPÉ - Em formato numérico, ao final do texto

HAVENDO DUAS OU MAIS REFERÊNCIAS DE UMA MESMA AUTORIA, OBSERVE-SE: a) um só autor: PIZZANI, L.  
b) mesmo autor e outro: PIZZANI, L.; SILVA, R.C.  
c) mesmo autor e outros: PIZZANI, L. et al.

REFERÊNCIA DE LIVROS/OBRA TRADUZIDA/SÉRIE

Autor, título, subtítulo (se houver), edição, local, editora e data de publicação.

AUGÉ, M. **Não lugares**. Campinas: Papyrus, 2006.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Tradução Vera da Costa e Silva.

3.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1990.

BRANDÃO, C.R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1987. 116p. (Coleção primeiros passos, 20).

CAPÍTULO DE LIVRO

*Autor, título da parte, subtítulo (se houver), seguidos da expressão "In:" e da referência completa da publicação, número de páginas ou volume.*

ROMANO, G. **Imagens da juventude na era moderna**. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Orgs.). *História dos jovens 2*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.7-16.

AUTOR DO CAPÍTULO É O MESMO AUTOR DO LIVRO

SANTOS, R.F. A colonização da terra do Tucujús. In: \_\_\_\_\_ . **História do Amapá, 1º grau**.

2.ed. Macapá: Valcan, 1994. cap.3, p.15-24.

LIVRO DISPONÍVEL NA INTERNET

JUNQUEIRA, L.C.U. **Histologia básica**. 10.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. Disponível em: <<http://www.>>. Acesso em: 30 set. 2007.

ARTIGO DE PERIÓDICO – revista, boletim etc. *Autor, título do artigo, subtítulo (se houver), título da publicação, local da publicação, numeração correspondente ao volume e/ou ano, número ou fascículo, paginação inicial e final do artigo, informações de período, ano de publicação*. Exemplos: DORNELAS, S.M. Entre a Igreja do Brasil e da França: Uma experiência com os portugueses em Paris. **Travessia** – revista do Migrante, São Paulo, ano XXII, n. 65, p. 13-32, set-dez. 2009.

ARTIGO EM PERIÓDICO – revista, boletim etc. disponível em meio eletrônico *Autor, título do artigo, subtítulo (se houver), título da publicação,*

*local da publicação, numeração correspondente ao volume e/ou ano, número ou fascículo, paginação inicial e final do artigo, informações de período, ano de publicação, informações pertinentes ao suporte eletrônico.*

BASSO, N.A.S. et al. Insulinoterapia, controle glicêmico materno e prognóstico perinatal: diferença entre o diabetes gestacional e clínico. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, v.29, n.5, p.253259, maio 2007. Disponível em: <[http://www.\\_\\_\\_\\_](http://www.____)>. Acesso em: 16 jan. 2004.

ARTIGO DE JORNAL: Autor, título do artigo, subtítulo (se houver), título do jornal, local de publicação, data de publicação, seção, caderno ou parte do jornal e a paginação correspondente.

NAVES, P. Lagos andinos dão banho de beleza. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jun. 1999. Folha Turismo, Caderno 8, p.13.

ARTIGO DE JORNAL disponível em meio eletrônico  
NAVES, P. Lagos andinos dão banho de beleza. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jun. 1999. Folha Turismo, Caderno 8, p.13. Disponível em: <[http://www.\\_\\_\\_\\_](http://www.____)>. Acesso em: 20 fev. 2004.

MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES, TESES

SILVA, C. F. da. **Das calçadas às galerias:** mercados populares do centro de São Paulo. 2014. 176p. Originalmente apresentado como tese de doutorado em Sociologia. São Paulo: USP, 2014.

MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES, TESES disponíveis em meio eletrônico  
RODRIGUES, M.A.Q. **Bandagem ajustável do tronco pulmonar:** comparação de dois métodos de hipertrofia aguda do ventrículo subpulmonar. 2006. 85p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.theses.usp.br/teses/disponiveis/5/5156/tde-06112006-130715/>>. Acesso em: 20 dez. 2007.

EVENTO CIENTÍFICO: *Autor, título do trabalho apresentado, subtítulo (se houver), seguido da expressão “In:”, nome do evento, numeração (se houver), ano e local de realização, título da publicação, subtítulo (se houver), local de publicação, editora, data de publicação, página inicial e final da parte referenciada, elementos pertinentes a parte referenciada.*

– Quando disponível em meio eletrônico, acrescentar: “Disponível em....”, como no exemplo abaixo.

BENGTSSON, S.; SOLLEIM, B.G. Enforcement of data protection, privacy and security in medical informatics. In: WORLD CONGRESS ON MEDICAL INFORMATICS, 7., 1992, Geneva.

**Proceedings...** Amsterdam: North Holland, 1992. p.1561-1565. Disponível em: <[http://www.\\_\\_\\_\\_\\_](http://www._____.)>. Acesso em: 21 jan. 2004.

#### DOCUMENTO JURÍDICO

*Jurisdição (ou cabeçalho da entidade, no caso de se tratar de normas), título, numeração, data e dados da publicação. No caso de Constituições e suas emendas, entre o nome da jurisdição e o título, acrescenta-se a palavra Constituição, seguida do ano de promulgação entre parênteses.*

BRASIL. Medida provisória nº 1.569-9, de 11 de dezembro de 1997. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 14 dez. 1997. Seção 1, p.29514.

BRASIL. **Código Civil**. 46.ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

BRASIL. Constituição (1988). Emenda constitucional nº 9, de 9 de novembro de 1995. **Lex**: legislação federal e marginália, São Paulo, v.59, p.1966, out./dez. 1995.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. **Diretrizes para a política ambiental do Estado de São Paulo**. São Paulo, 1993. 35p.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Relatório de atividades**. Brasília, DF, 1993. 28p.

IMAGEM EM MOVIMENTO - Inclui filmes, videocassetes, DVD, entre outros *Título, diretor, produtor, local, produtora, data e especificação do suporte em unidades físicas.*

ADEUS, Lenin! Dir. Wolfgang Becker. Alemanha: Prod. X Filme Creative Pool; WDR (Cologne); Arte France Cinéma, 2003. 1 DVD

#### DOCUMENTO ICONOGRÁFICO -

*Inclui pintura, gravura, ilustração, fotografia, desenho técnico, diapositivo, diafilme, material estereográfico, transparência, cartaz, entre outros. Autor, título, data e especificação do suporte.*

KOBAYASHI, K. **Doença dos xavantes**. 1980. 1 fotografia.

O QUE acreditar em relação à maconha. São Paulo: CERAVI, 1985. 22 transparências.

MATTOS, M.D. **Paisagem-Quatro Barras**. 1987. 1 original de arte, óleo sobre tela, 40cm x 50cm. Coleção particular.

DOCUMENTO CARTOGRÁFICO - Inclui atlas, mapa, globo, fotografia aérea etc.

*Autor(es), título, local, editora, data de publicação, designação específica e escala.*

ATLAS Mirador Internacional. Rio de Janeiro: Enciclopédia Britânica do Brasil, 1981. 1 atlas. Escalas variam.

BRASIL e parte da América do Sul: mapa político, escolar, rodoviário, turístico e regional. São Paulo: Michalany, 1981. 1 mapa, color., 79 cm x 95 cm. Escala 1:600.000

## BÍBLIAS

*BÍBLIA. Língua. Título da obra. Tradução ou versão. Local: Editora, Data de publicação. Total de páginas.*

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecu-  
mênica.

*PARTES DA BÍBLIA: Quando se tratar de partes da Bíblia, inclui-se o título da parte antes da indicação do idioma e menciona-se a localização da parte (capítulo ou versículo) no final.*

BÍBLIA, N.T. João. Português. **Bíblia sagrada**. Versão de Antonio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Ed. Das Américas, 1950. cap.12, vers.11.

## CITAÇÃO DIRETA - TRECHO CITADO MENOR OU IGUAL A 3 LINHAS

As citações diretas, menores ou iguais ao limite de 3 linhas devem ser feitas de acordo com as seguintes especificações: “Sendo necessário citar trecho de obra, sem ultrapassar o limite de três linhas, deve-se fazer a citação no corpo do próprio texto, mantendo o espaçamento adotado, o tamanho de fonte 12, sem itálico, iniciando e terminando com aspas” (SOUZA, 2005, p. 18). Esta regra também confere com a ABNT 6023/2002.

## CITAÇÃO DIRETA - TRECHO CITADO MAIOR QUE 3 LINHAS

As citações maiores devem ser feitas seguindo as seguintes especificações:

Sendo necessário citar trecho de obra ou transcrever a opinião de determinado autor ou ainda acórdão, ementa, lei, ultrapassando três linhas, deve-se recuar 4 centímetros à direita com os seguintes cuidados: espaço simples, fonte 10, sem itálico, iniciando e terminando sem aspas. Após, entre parênteses, constar a fonte, com o sobrenome do autor em maiúsculas, o ano de publicação da obra e a página. (SOBRENOME, 2003, p. 10).

O sobrenome do autor, quando colocado entre parênteses, deve ser grafado em maiúsculas.

#### DOCUMENTO DE ARQUIVO

Obs.:

- 1) Forneça dados para a localização do documento no arquivo: título do fundo ou da coleção, série, subsérie, notação (código do conjunto), instituição de guarda, local (entre parênteses), data do documento.
- 2) No caso de referências a conjuntos ou itens em posse de pessoas, registra-se: "Acervo pessoal de ...").

Com autoria

ARANHA, Luís de Freitas Vale.

Carta a José Pinto. Arquivo Pedro Ernesto Batista, série Correspondência; PEB c

1935.01.15 (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do

Brasil, Rio de Janeiro). 15 jan. 1935.

– Chamada à referência no texto: (Aranha, 15 jan. 1935)

Sem autoria

TERMO...

Termo de obrigação que fazem Manuel Francisco Villar e Antonio Freire de Ocanha.

Códice 296, f.108 (Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa). 2 mar. 1696.

– Chamada à referência no texto: (Termo..., 2 mar. 1696)

PARA REFERÊNCIA DE OUTROS DOCUMENTOS NÃO PRESENTES NESSA SÍNTESE, confira: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2002. 24p.

Disponível também em: <<https://www.ict.unesp.br/Home/biblioteca/6023referenciaeelaborao.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

PIZZANI, L.; SILVA, R. C. **ABNT 6023 Elaboração de Referências**. 87p. Botucatu-SP: UNESP, 2016. Disponível em:

<[http://www.biblioteca.btu.unesp.br/Home/Referencias/LuABNT\\_6023.pdf](http://www.biblioteca.btu.unesp.br/Home/Referencias/LuABNT_6023.pdf)>.

Acesso em: 02 mar. 2018.

Vol. 31, N° 68 – agosto – 2023

# REMHU

Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana

ISSN: 1980-8585

Em fuga de conflitos armados



CENTRO SCALABRINIANO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS

REMHU  
Agosto de 2023  
Diásporas y movilidades negras em las Américas

SUMÁRIO

EDITORIAL

**Guerras, histerias e mobilidades**

*Roberto Marinucci*

**Wars, hysterias and mobilities**

*Roberto Marinucci*

DOSSIÊ

**La tercerización de la responsabilidad de proteger en el Nuevo Pacto sobre Migración y Asilo en Europa**

*Ivana Belén Ruiz-Estramil*

**La población colombiana con necesidades de protección internacional y los planes regionales de respuesta**

*Diana Ortiz, Mauricio Viloria*

**Payasos Sin Fronteras - Considerando as populações refugiadas**

*Luan Silva*

**Traiettorie di ricostruzione e negoziazione delle relazioni di genere nella migrazione forzata - L'intimità tra le famiglie siriane in Libano**

*Irene Tuzi*

**Sírios em situação de refúgio no Brasil - Histórias de vida e processos de inserção social**

*Gabriela Viol Valle, Mariana Bonomo, Julia Alves Brasil*

**“Soy parte de este proceso histórico” - Sistematización de la experiencia de la implementación de la Comisión de la Verdad colombiana en el exilio**

*Maria Margarita Echeverri Buriticá, Carolina Morales Arias*

**When academic displacement and internationalization intersect, different approaches for inclusion in Higher Education - Contributions from the Welcoming program for Ukrainian scientists, Paraná – Brazil**

*Elisa De Carvalho, Klarissa Ribeiro Valero Saes, Maria Lucia Figueiredo Gomes de Meza*

ARTIGOS

**Beyond integration - The role of philia in the migration experience of language teachers in Rio de Janeiro**

*Mohammed ElHajji, João Paulo Rossini Teixeira Coelho*

**Análise psicossocial do processo migratório de haitianos(as) ao Brasil - Uma perspectiva interseccional de raça-etnia, gênero e idade**

*Pedro Gil, Adolfo Pizzinato*

**Migración haitiana en Chile y horizonte de aspiración inestable - El vudú y la construcción de comunidad en el pasado, presente, y futuro**

*Cristián Orrego Rivera*

**La novela El Quince como resistencia - La memoria de las víctimas de los campos de concentración cearenses**

*Mariana Augusto Bandeira, Matheus Silva Vieira*

**Repercussões socio sanitárias da pandemia por Covid-19 para imigrantes e refugiados no Brasil - Uma revisão narrativa da literatura**

*Mariá Lanzotti Sampaio, Alexandra Cristina Gomes de Almeida, Cássio Silveira, Regina Yoshie Matsue, Denise Martin*

**Saberes desplegados en los procesos de crianza por mujeres migrantes en Chile**

*Sylvia Contreras-Salinas, Monica Ramirez*

**A evolução das políticas de vinculação da diáspora da Turquia (2003-2014)**

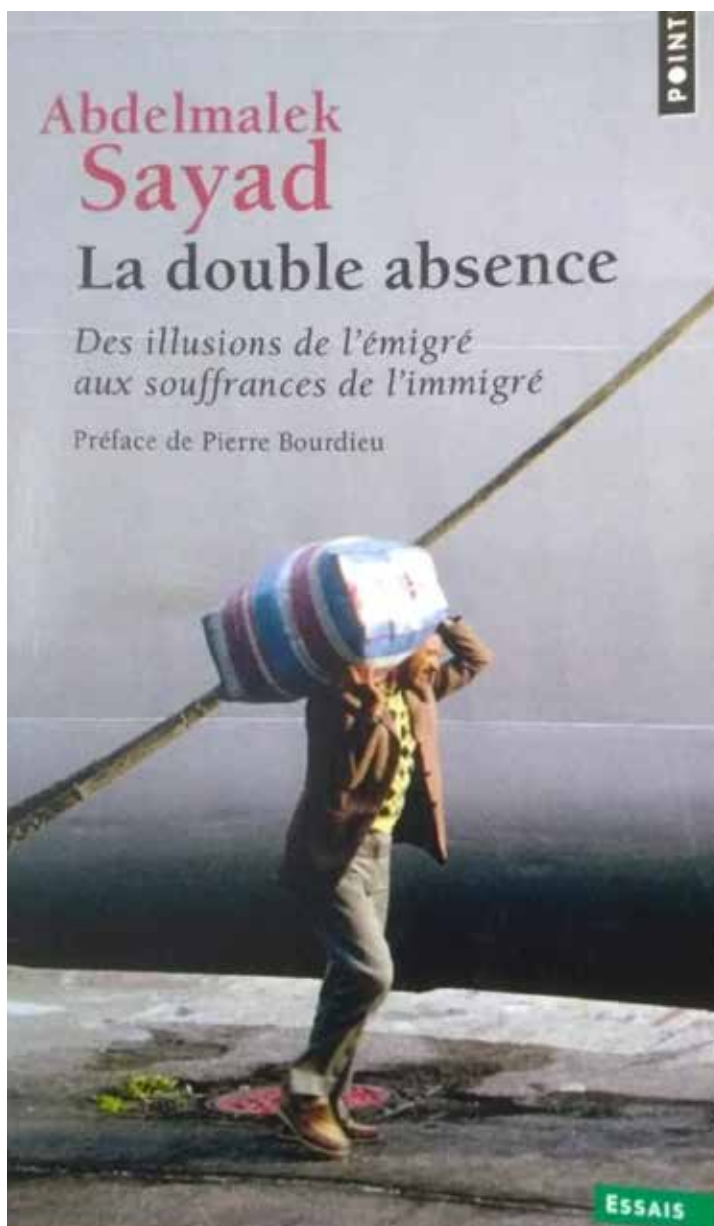
*Alex Guedes Brum*

**RESENHAS**

**Resenha: Movilidades extracontinentales - Personas de origen africano y asiático en tránsito por la frontera sur de México**

*Lady Juneke Vargas León*





*GRANDS DOCUMENTS*

**PIERRE BOURDIEU  
ABDELMALEK SAYAD**

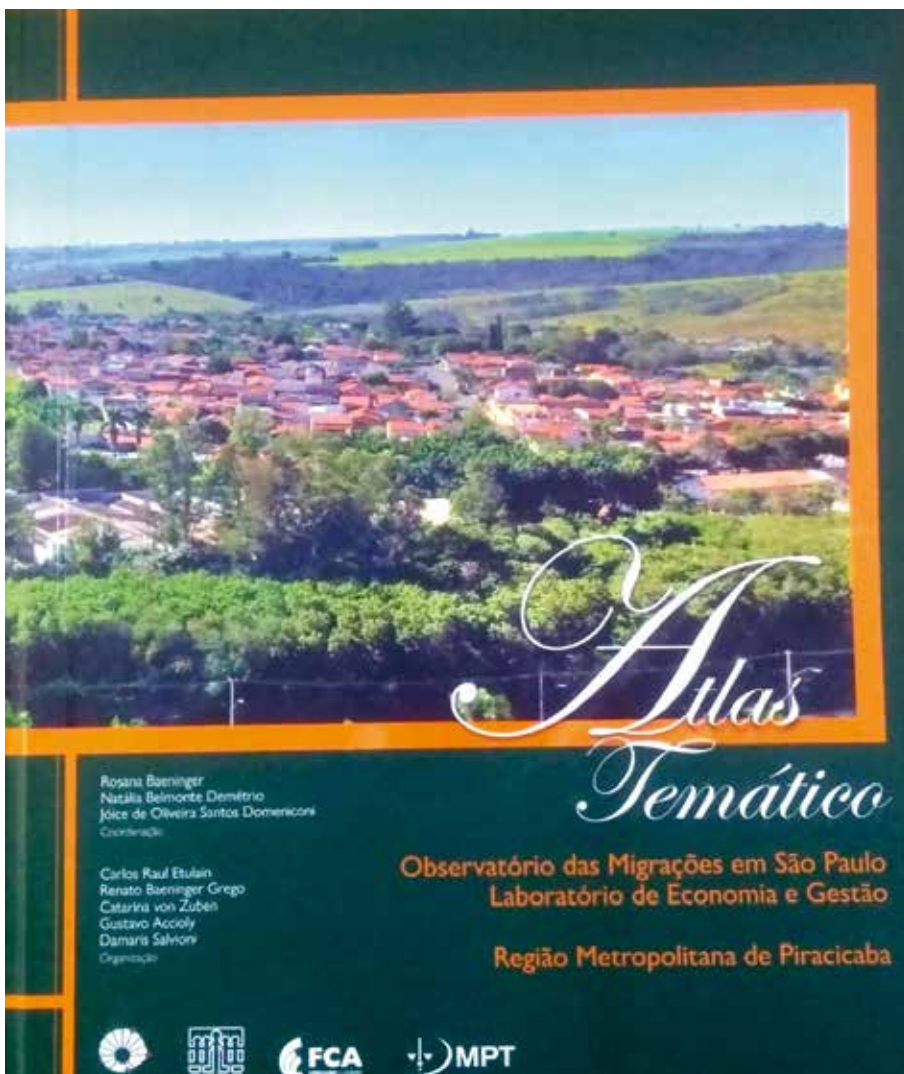
**LE  
DÉRACINEMENT**

LA CRISE DE L'AGRICULTURE TRADITIONNELLE EN ALGÉRIE



**LES ÉDITIONS DE MINUIT**





Rosana Boeninger  
Natália Belmonte Dimitrio  
Joice de Oliveira Santos Domencione  
Coordenação

Carlos Raul Etulain  
Renato Boeninger Grego  
Catarina von Zuben  
Gustavo Accoly  
Damaris Salvioni  
Organização

Observatório das Migrações em São Paulo  
Laboratório de Economia e Gestão

Região Metropolitana de Piracicaba



# Seja um(a) Colaborador(a)

Pensou migrante, pensou *Travessia!*

Pensou diferente, pensou *Travessia!*

De estrada palmilhada, por um Conselho Editorial atuante, lá se vão de trinta anos mais.

A temática para a qual você estendeu o seu olhar, é mais do que cantante: **Os migrantes**

**Politicamente.....** || ora desejados, ora indesejados - sempre estiveram na ordem do dia e, na atualidade, transformaram-se em tema das agendas internacionais de governos;

**Culturalmente.....** || alguns são homenageados, vangloriados; outros, a maioria, discriminados, vítimas de preconceito, quando não de xenofobia;

**Economicamente..** || são integrantes, como fator de maior visibilidade, de um dos eixos constitutivos da modernidade - a mobilidade do trabalho;

**Teoricamente.....** || abordados a partir de diferentes enfoques, nem sempre conseguem ser suficientemente abarcados.

Se seu horizonte não míngua nos limites do acadêmico, dispute este espaço, pois a *Travessia* transita para além das estantes.

Você encontra aqui um espaço ágil e flexível para socialização

# dos seus estudos acadêmicos

# da sua produção literária

# da sua atuação militante.

A qualquer momento você pode enviar a sua colaboração.

*Dos/as migrantes cabem,  
na ginga da Travessia,  
as amostras da empiria,  
os embates da teoria,  
as lutas do dia a dia,  
os sonhos da poesia.*

[travessia@missaonspaz.org](mailto:travessia@missaonspaz.org)

[cem@missaonspaz.org](mailto:cem@missaonspaz.org)

[www.revistatravessia.com.br](http://www.revistatravessia.com.br)

[www.missaonspaz.org](http://www.missaonspaz.org)

# Sumário

Apresentação – “Um rio sem margens é o ideal do peixe”  
*José Carlos Pereira*

Presentation - A river without margins is the fish's ideal  
*José Carlos Pereira*

## DOSSIÊ “VENEZUELANOS”

As políticas públicas para imigrantes no estado de Roraima: um olhar para o município de Pacaraima/RR

*Izabel Cristina d'Avila Sampaio*

*Paulo Roberto dos Santos;*

*Sandra Milena Palomino Ortiz*

El uso de la lengua española en nombres de establecimientos comerciales de Boa Vista-RR

*Kaene Keitiane Singh do Nascimento*

*Sandra Milena Palomino Ortiz*

A mulher Warao em contexto migratório na cidade de Boa Vista-RR:

o “trabalho” da mendicância

*Sandra Milena Palomino Ortiz*

O drama da família Gonzales – um ensaio sobre vulnerabilidades do migrar

*Ilustrações: Luisa Albino Almeida*

*Enredo: Cristiano Rodineli de Almeida*

## ARTIGOS

História de vida de uma forrozeira

*Diego Corrêa de Araujo*

A memória familiar dos albergados da Casa do Migrante

*Sidnei Marco Dornelas*

Os caminhos pós-formação universitária: os desafios dos egressos guineenses

*Jacira Nhaga*

*Carla Craice da Silva*

Imaginar Londres nas decisões dos migrantes brasileiros de classe média: cosmopolitismo, multiculturalismo e o papel da imaginação geográfica

*Daniel Robins*

## CRÔNICA

Traslado de volta - (Movido pela história de María Asunción A. N.)

*Paulo Mortari*

[travessia@missaonspaz.org](mailto:travessia@missaonspaz.org)

[www.revistatravessia.com.br](http://www.revistatravessia.com.br)

[www.missaonspaz.org](http://www.missaonspaz.org)

ISSN 0103-5576



0103-5576

TRAVESSIA ONLINE

ISSN 2594-7869